

AURO SANSON MOURA

**MÚSICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA JUVENTUDE:
O jovem, suas músicas e relações sociais**

**CURITIBA
2009**

AURO SANSON MOURA

**MÚSICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA JUVENTUDE:
O jovem, suas músicas e relações sociais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Departamento de Artes, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Música.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Beatriz Senoi Ilari

**CURITIBA
2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

Moura, Auro Sanson

Música e construção de identidade na juventude : o jovem, suas músicas e relações sociais / Auro Sanson Moura. – Curitiba, 2009.
146f. : il. color., grafs.

Inclui bibliografia e anexos

Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz Senoi Ilari

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música.

1. Música. 2. Jovens. 3. Identidade. I. Ilari, Beatriz Senoi. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

CDD 780

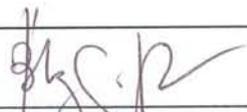
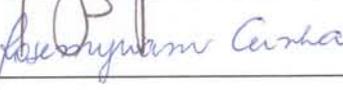
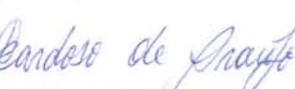
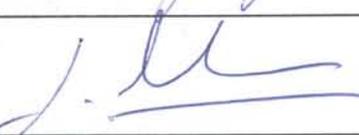
PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de AURO SANSON MOURA para obtenção do título de **Mestre em Música**.

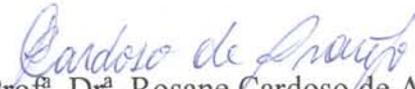
Os abaixo assinados BEATRIZ ILARI, ROSEMYRIAN CUNHA, ROSANE CARDOSO DE ARAÚJO E GUILHERME ROMANELLI argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“Música e construção da identidade na juventude: o jovem, suas músicas e relações sociais”

Procedida a argüição, segundo o protocolo que foi provado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Música**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
BEATRIZ ILARI - UFPR		aprovado
ROSEMYRIAN CUNHA - FAP		aprovado
ROSANE CARDOSO DE ARAÚJO - UFPR		aprovado
GUILHERME ROMANELLI - UFPR		Aprovado

Curitiba, 17 de fevereiro de 2009.

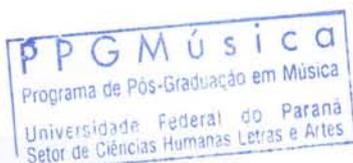

Prof.^a Dr.^a Rosane Cardoso de Araújo
Coordenadora do PPGMúsica

Prof.^a Dr.^a Rosane Cardoso de Araújo
PPGMÚSICA - Programa de Pós-Graduação em Música
COORDENADORA

Matrícula SIAPE: 1513124 . pgmusica@ufpr.br

Rua Coronel Dulcídio, 638 - Bairro Batel
CEP 80420-170 - Curitiba - PR
Telefone: (041) 3322-0506 / Fax: (041) 3222-6568

www.musica.ufpr.br



Dedico esse trabalho a meus pais, que me “obrigaram” a ser músico.

Agradecimentos

É muito difícil agradecer a todas as pessoas que tiveram alguma participação em minha vida durante esses dois anos tão conturbados, sem esquecer de mencionar alguém. E isso não quer dizer que eu seja mal-agradecido, ou coisa parecida, mas simplesmente comprova que minha memória não é mais como foi um dia. Assim como meus cabelos, ela já anda dando sinais de queda (de produtividade).

Primeiramente, agradeço aos alunos do Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva, que responderam aos questionários, fornecendo-me dados sem os quais esse trabalho não seria possível. Agradeço também aos professores do local, que prontamente auxiliaram na aplicação dos questionários, e à equipe pedagógica que permitiu a realização do estudo dentro dos limites da instituição. Agradeço também aos jovens colegas da CAFIS/UTFPR e UFPR, que participaram do estudo-piloto.

Da mesma forma, agradeço imensamente aos quatro jovens participantes da segunda etapa da pesquisa, pelos e-mails respondidos, pela prontidão em aceitar participar da pesquisa, por confiarem no meu profissionalismo, pelo bom humor com que me receberam e por me permitirem conhecer um pouco de sua intimidade.

Agradeço à pessoa responsável por minhas investidas acadêmicas, que me inspirou, e que continua sendo parâmetro de qualidade profissional, Prof^a. Dr^a. Beatriz Ilari. Sempre me auxiliando quando foi necessário, me dando broncas quando precisei, me elogiando quando mereci, me motivando nos momentos difíceis, sendo muitas vezes mais amiga do que professora, e um exemplo de dedicação e paciência. Bia, a culpa é toda sua. Mesmo assim, muito obrigado. Mesmo.

Agradeço à banca de qualificação, formada por Prof^a. Dr^a. Beatriz Ilari, Prof^a. Dr^a. Ana Luisa Fayet Sallas, Prof. Dr. Rogério Budasz e Prof. Dr. Guilherme Romanelli. Muito obrigado pela atenção, pelas sugestões dadas e pelas indicações de livros e autores, que me foram muito úteis.

Agradeço à banca de defesa, formada por profissionais e pessoas admiráveis: Prof. Dr. Guilherme Romanelli, Prof^a. Dr^a. Rosane Cardoso de Araújo e Prof.^a Dr^a. Beatriz Ilari e Prof^a. Dr^a. Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha.

Agradeço aos professores do PPG-Música da UFPR pelas aulas, ensinamentos, e por compartilharem seus conhecimentos comigo e meus colegas.

Agradeço aos colegas de curso, pelas dicas, livros emprestados e trabalhos em equipe, especialmente à Célia Cavalcanti, que me defendeu dos “leões”.

Agradeço à UFPR e seus funcionários, pela estrutura disponível, e à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida para a realização desse trabalho.

Agradeço ao Sr. Pedro e D. Adelina, pelos longos papos no intervalo, pelo saudoso café quentinho no inverno, pelos conselhos do tipo “calma, calma”, e por terem comemorado tão verdadeiramente comigo quando de minha entrada no mestrado.

Aos amigos Bernardo Grassi e Danilo Cardozo. Ao primeiro pelas dicas e conselhos que só o primeiro mestre em cognição do Brasil (quicá da América Latina) poderia me dar, além do habitual bom humor e da amizade sincera nos momentos difíceis. E claro, pelo empréstimo de seu trabalho, que me serviu como modelo; Ao segundo pelas noitadas de criação musical, regadas a muitas risadas e boas vibrações, que me fizeram ter ânimo pra ter uma vida musical, além das obrigações de mestrando. Não poderia deixar de mencionar a enorme ajuda quando da entrega das dissertações, com todo o altruísmo e boa vontade que só um grande amigo demonstra para com outro. Ainda existem boas pessoas no mundo.

Agradeço à minha família, que me apoiou incondicionalmente durante toda a vida, me dando o suporte necessário para que eu pudesse me dedicar de corpo e alma aos meus projetos. Meus pais são minha grande referência de caráter, honestidade, sensibilidade e sabedoria, me mostrando que seja lá o que deva ser feito, que seja com amor. E amor não falta, principalmente à vida, e à arte. Valeu né? Obrigado por toda a dedicação, compreensão, carinho e ajuda. Amo vocês.

À querida Taianara Goedert, pela dedicação, amor, carinho, paciência, muita compreensão e grandes (e geniais) ajudas em todos os momentos! Já mencionei paciência? Você não cabe em si, Taia. Se eu dei conta do trabalho, você teve uma grande parcela de responsabilidade, não tenha dúvida. Muito obrigado. Daquele jeito, ta?

A todos que me julgaram ausente nesse período, esse trabalho foi o principal motivo do meu sumiço nos últimos tempos, mas agora acabou. Os motivos agora serão outros. Mas a causa é nobre.

“A fonte da juventude é a juventude da fonte”.
Tom Zé

Resumo

MÚSICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA JUVENTUDE:

O jovem, suas músicas e relações sociais

Essa dissertação de mestrado procurou verificar a importância da música na vida cotidiana dos jovens, na tentativa de perceber o papel que a música exerce no comportamento dos mesmos. Em primeiro lugar, foi necessário investigar o conceito de juventude, a fim de identificar quem são os indivíduos representantes dessa população tão singular. Também buscou-se em diversas fontes, informações sobre a construção de identidade nessa faixa etária, como isso ocorre, o que pode influenciá-la, e ao mesmo tempo, como a música pode ter participação nesses importantes processos. Para poder obter as informações necessárias, o estudo foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu na aplicação de um questionário a 185 jovens entre 15 e 19 anos, utilizando a metodologia *survey*, com a qual foram obtidos diversos dados importantes, em grande quantidade. Essa etapa permitiu traçar diversas considerações sobre os assuntos estudados, e serviu como uma fase de triagem, selecionando participantes para uma segunda etapa do estudo, na qual foi realizado um estudo multi-caso, com quatro jovens na mesma faixa etária. Esses jovens foram entrevistados e suas entrevistas foram transcritas e analisadas. Os dados descritos foram comparados à literatura específica da área, gerando assim, um grande número de questões que poderão vir a ser estudadas futuramente, como por exemplo, as funções da música na vida cotidiana do jovem, sua importância nas relações interpessoais, e a vontade quase unânime de querer aprender música.

Palavras-chave: música, jovens, identidade.

Abstract

MUSIC AND THE CONSTRUCTION OF IDENTITY IN YOUTH:

Young people, their musics and social relations

This Master's dissertation examined the importance of music in the everyday life of youth, attempting to understand the role that music plays in their behaviors. To start, it was necessary to investigate the concept of youth in order to identify who are these individuals that represent a very singular portion of the population. Information concerning the construction of identity in this age group, how it occurs, what can influence it, and, at same time, how music affects these important processes were also researched. In order to obtain the necessary information, the study was done in two phases: The first one consisted on the application of a questionnaire administered to 185 youngsters aged 15 to 19, using the *survey* methodology, with which were obtained important group data (n=185). This phase allowed the researcher to gain important information regarding the participants, and served to select participants for a second phase, a multi-case study based on interviews with four young adults in the same age range. The interviews were transcribed and analyzed. The data were compared to previous studies in the area and gave origin to a large amount of questions that may be studied in the future, such as the functions of music in the daily life of youth, music's role on their interpersonal relationships, and the almost unanimous wish to learn music that appears to be a part of youth.

Keywords: music, youth, identity.

Lista de figuras

Figura Nº. 1 – Distribuição etária.	p.23
Figura Nº. 2 – <i>Matryoshka</i>	p.34
Figura Nº. 3 – Local de moradia.	p.58
Figura Nº. 4 – Distribuição familiar.	p.58
Figura Nº. 5 – Renda familiar.	p.59
Figura Nº. 6 – Estilos musicais preferidos.	p.62
Figura Nº. 7 – Estilos musicais mais rejeitados.	p.62
Figura Nº. 8 – Atividades de lazer.	p.65

Sumário

Introdução.	p.14
Capítulo 1 - Adolescência e Juventude.	p.21
1.1 – Jovens ou adolescentes?	p.23
1.2 – (In)Definições.	p.24
1.3 – Brasil: Múltiplas juventudes, múltiplos direitos.	p.25
Capítulo 2 - Identidades juvenis.	p.28
2.1 – Estereótipos jovens e música.	p.35
2.2 –Tempo livre, lazer e ócio.	p.37
2.3 –Tempo livre, religião e pertença.	p.41
Capítulo 3 - Música e juventude.	p.44
3.1 – Funções na sociedade.	p.44
3.2 – Música, juventude, escola.	p.47
Capítulo 4 - Primeira etapa: estudo de levantamento	p.52
4.1 – Instrumento de coleta de dados: <i>Survey</i>	p.52
4.2 – Os participantes.	p.54
4.3 – Procedimento.	p.54
4.4 – Questões investigadas.	p.55
4.5 – O questionário.	p.56
Capítulo 5 - Primeira etapa: Análise de dados e discussão	p.57
5.1 – Dados Obtidos.	p.57
5.1.1 – Dados demográficos.	p.57
5.2 – Bens de Consumo.	p.59
5.3 – Gosto Musical/ Tribos.	p.60
5.4 – Instrumentos e aprendizado musical.	p.63
5.5 – Gostar de Música, Ouvir Música.	p.64
5.6 – Música e Lazer.	p.65
5.7 – Música e Identidade: Influências.	p.66

Capítulo 6 – Segunda etapa: Estudo multi-caso.	p.68
6.1 – As entrevistas.	p.69
6.1.1 – Questões a serem respondidas.	p.69
6.2 – Os casos /participantes.	p.71
6.3 – Procedimento.	p.72
Capítulo 7 – Segunda etapa: Descrição e análise dos casos	p.74
7.1 – Caso nº 01 – Elis.	p.74
7.2 – Caso nº 02 - Nádia.	p.79
7.3 – Caso nº 03 – Rosa.	p.83
7.4 – Caso nº 04 – Flávio Henrique.	p.86
7.5 – Interpretação.	p.91
7.5.1 – A música em casa.	p.91
7.5.2 – Família.	p.92
7.5.3 – Gosto musical.	p.93
7.5.4 – Música nas relações interpessoais.	p.95
7.5.5 – Música e emoção.	p.97
7.5.6 – Música e identidade.	p.98
7.5.6.1 – “Tribos”.	p.99
7.5.7 – Influências.	p.100
7.5.8 – Gênero, classe social, idade.	p.101
Capítulo 8 - Discussão final e conclusões.	p.105
Referências.	p.112
Anexos.	p.116
Anexo Nº. 1 – Questionário aplicado na primeira etapa.	p.116
Anexo Nº. 2 – Termos de consentimento – estudo de caso.	p.119
Anexo Nº. 3 – Transcrição das entrevistas.	p.120

Introdução

Eu sempre gostei de cantar. Na verdade, eu sempre cantei, desde muito pequeno mesmo. Era algo normal pra mim, tanto que meus projetos de vida, do tipo “o que vou ser quando crescer”, sempre foram os mesmos, desde cedo. Eu queria ser médico, jogador de basquete ou cantor. Às vezes eu dizia que queria ser desenhista também, mas não era tão sério. O tempo foi passando, e eu não havia crescido o suficiente para o basquete, a idéia da medicina ainda estava lá, e a da música estava “em banho-maria”, precisando de um empurrãozinho, que aconteceu. Acho que todo adolescente passa por um momento em que a música toma conta de sua vida. Não sei ao certo se isso não ocorre com todo mundo, mas me lembro bem como foi.

Estava no colégio, devia ter uns 14 anos (eu ainda era um adolescente), quando um colega me mostrou um CD de uma banda de *Hard Rock*, que eu nunca havia ouvido falar, mas que ele me “garantiu” que era boa; e era. Eu ouvi. Ouvi de novo. E muitas vezes mais, sem parar, sempre tendo em mãos o “fabuloso” encarte do disco, com muitas fotos dos músicos, as guitarras, os cabelos compridos, as letras das músicas, os desenhos incríveis. Era a coisa mais maravilhosa que eu já havia ouvido na vida, até aquele dia. Cada vez que eu ouvia as músicas, os “riffs” e solos de guitarra, os vocais “ásperos” e “furiosos”, e todo aquele mundo de novas informações, eu tinha mais e mais certeza de que eu queria ser um dos integrantes “daquela” banda. Muitas outras bandas surgiram, muitos outros discos fizeram parte da trilha sonora de minha vida, assim como meu fiel *walkman* (isso ainda existia), que reproduzia minhas coletâneas gravadas nas velhas e boas fitas “k7”.

E foi assim que as primeiras aulas de violão com a professora Nelsy começaram a fazer sentido. Não pelos dois acordes que eu já havia aprendido, e

nem tanto para que eu continuasse sendo seu aluno, mas o suficiente para que eu comprasse a minha primeira guitarra, aprendesse alguns clássicos do *Rock*, tivesse aulas mais sérias, passasse para o violão erudito, tomasse aulas de canto lírico, tocasse em diversas bandas e passasse a dar aulas, entre outras atividades musicais.

Seguindo meus planos de infância, desisti a tempo da medicina, graças a uma conversa inesquecível com meu pai, que assim como minha mãe, sempre me incentivaram muito em todas as minhas empreitadas artísticas. Cresci alguns centímetros, e ainda deu tempo pra jogar um pouco de basquete. Quanto a ser cantor, hoje em dia é isso o que eu mais gosto de fazer, o que faço de melhor na música, talvez até por se tratar de algo que venho fazendo desde criança, como brincadeira, como diversão, e agora como profissão.

Mas minha vida poderia ser totalmente diferente, se por acaso, *aquela* meu colega não tivesse me mostrado *aquela* disco *daquela* banda, *naquela* momento. Eu acho que a música, e no meu caso, especificamente o *Rock*, deu um rumo à minha vida, me levando a desenvolver um sério interesse pela área, e conseqüentemente a estudar instrumentos, canto, e ter vontade de ir além, até o nível universitário.

Se comigo ocorreu dessa maneira, creio que com outros jovens possa acontecer também, mas nem todos têm as oportunidades que eu tive, ou o apoio dos familiares, o que é muito importante em uma decisão difícil como a escolha da profissão. Se hoje sou eu como sou, foi - além de alguns fatores como criação, genética e meio - devo isso à música. Foram essas experiências pessoais que me fizeram querer estudar a relação entre o jovem e a música.

Como não poderia deixar de ser, esta pesquisa discute a influência da música na formação da identidade, dando ênfase principalmente à juventude, que é uma

fase tão propícia a mudanças e descobertas. Neste período repleto de novidades, em que os jovens buscam identificação uns com os outros, o que faz com que cada um busque também através da música uma maneira diferente de expressão? A música parece estar ligada a algo fundamental e existente em todo ser humano: a capacidade e vontade de se relacionar com algo maior, com um grupo, ao mesmo tempo em que o jovem estreita suas relações com outros grupos de interesses distintos.

E é fácil perceber isso: para qualquer lugar que se olhe, lá estão eles e suas “tribos”. Emos, skatistas, metaleiros, *rappers*, sambistas, violinistas, *cowboys*, eles estão por todos os lados, alguns usando suas roupas chamativas, cabelos esquisitos e jeitos característicos de andar e falar, normalmente evidenciados por grupos desses “seres” no mínimo curiosos. E pra chamar ainda mais a atenção, a música está freqüentemente presente ao seu redor, geralmente em volumes altíssimos. Outros não são tão “espalhafatosos”, existem os mais reservados, mas mesmo assim, eles são muitos, e além das ruas, invadiram também a programação da televisão e rádio. Alguns são consumidores vorazes de discos, filmes, roupas, produtos eletrônicos e instrumentos musicais; muitos também fazem *downloads*: jogos, filmes, além de muita música, em formato MP3. Nada mais justo que sejam alvo de estudos aprofundados, tendo em vista que os jovens representam uma parcela significativa da população nacional, isto é, mais de 30 milhões de brasileiros¹.

Diversas áreas das ciências humanas têm especialistas trabalhando na pesquisa do cotidiano jovem em relação a vários aspectos, desde o religioso, comportamental, psicológico, sexual, entre outros. Na área da música, é muito

¹Fonte: IBGE - Censo Demográfico - Brasil -1996 - www.ibge.gov.br

comum vermos os termos *jovem* e *música* relacionados, muitas vezes em trabalhos que abordam os jovens em situações de risco, de pobreza extrema, ou aqueles que participam de projetos sociais, em que a música é normalmente utilizada como uma ferramenta para a socialização e recreação (Dimenstein, 2006; Hikiji, 2006).

A presente pesquisa relaciona a música à construção da identidade social, isto é, a identidade no contexto de determinados grupos sociais, como grupos de amigos, “tribos”, dentre tantos outros exemplos de convívio social. Procurou-se verificar a função da música como meio de aquisição de cultura, inserção na sociedade e como forma de lazer. Para tanto, verificou-se a utilização da música nas mais variadas situações do cotidiano, desde o momento em que o jovem ouve música em sua casa até quando se reúne com vários participantes de um grupo, para ouvir, tocar ou conversar sobre seus gostos musicais comuns.

No decorrer da pesquisa, surgiram algumas questões intrigantes, como por exemplo: por que tantos grupos sociais têm na música a representação mais clara de sua identidade? Por que a música parece impor limites no que diz respeito às atuações sociais de cada indivíduo?

Isso pode ser notado no convívio com fãs de diversos estilos musicais e mesmo em fiéis de várias religiões, para os quais a música tem por função passar mensagens ou explicitar alguns dos pontos de vista a serem respeitados. Mas essas ainda não eram as questões-chave. Essas questões seriam relacionadas ao papel da música em influenciar mudanças de comportamento, à função que a música exerce sobre os jovens, alterando suas maneiras de agir, pensar e se relacionar.

Além da revisão da literatura das áreas afins e das teorias elaboradas por diversos autores, buscou-se na voz dos jovens, grande parte das respostas para as muitas questões que surgiram no decorrer do percurso. Neste sentido, este trabalho

visa comparar os dados existentes na literatura aos dados coletados na pesquisa de campo, a fim de validar ou questionar as teorias vigentes.

A parte empírica do trabalho foi realizada em duas etapas. Em um primeiro momento foi aplicado um questionário sobre música, hábitos e preferências musicais de jovens entre 15 e 19 anos de uma escola de ensino médio da cidade de Curitiba. A partir desse levantamento inicial, houve a necessidade de aprofundamento dos dados e a necessidade de responder a questões que ficaram pouco esclarecidas nos questionários. Desse modo, foi realizada uma segunda etapa, em que, através de um estudo multi-caso, quatro jovens foram entrevistados sobre suas experiências musicais, influências familiares, relações interpessoais, entre outros assuntos.

Este trabalho investiga o papel da música na juventude e suas influências sobre os indivíduos dessa faixa etária, obtendo informações a respeito da influência da música na construção de identidade dos jovens e levantando dados sobre a formação de grupos de convívio também chamados de “tribos”. Pretendeu-se verificar, através da análise e descrição de aspectos sociais, psicológicos e culturais, a influência da música na construção da identidade do jovem, que pudessem vir a influenciar suas escolhas de repertório e gosto musical.

Para tanto, tornou-se necessário abordar o conceito de identidade e seus processos de construção, bem como as teorias sobre a juventude, no Brasil e de outros países do mundo, e suas relações com a música. As principais questões que nortearam a presente investigação foram:

1. Qual a relação entre a música e a formação da identidade de um indivíduo?
2. Qual a influência da música na formação da identidade de um grupo?
3. A música pode servir como ferramenta de integração social entre os jovens?

4. Quais as práticas musicais atuais dos jovens curitibanos pesquisados?
5. A música influencia ou promove algum tipo de mudança na vida dos jovens? Se sim, como isso ocorre e por quê?

Essa pesquisa foi idealizada de maneira que pudesse responder a algumas questões relativas às dificuldades encontradas no cotidiano dos professores de música que desenvolvem algum tipo de trabalho didático com alunos jovens em escolas regulares. O motivo para com essa preocupação é poder contribuir de alguma maneira para o melhor desempenho dos professores de música, mesmo que a pesquisa não tenha tido como objetivo principal coletar dados dos profissionais da área.

A falta de uma maior ligação emocional entre professores e alunos – devido, muitas vezes, ao excessivo número de alunos em classe - ou mesmo uma ampla diferença de idade e/ou realidades sociais, pode fazer com que o professor não tenha noção das preferências e vivências musicais de seus alunos, levando para o âmbito escolar, assuntos, músicas e abordagens que de forma alguma irão “seduzir” os jovens, ou sequer voltar suas atenções para o que está sendo trabalhado. No caso específico da educação musical, é de causar estranheza a pouca bibliografia – didática e de pesquisa - destinada à citada faixa etária, tendo em vista que os jovens representam uma grande parcela de alunos das escolas especializadas e dos professores particulares de música.

Para um professor que se dedique ao ensino de música para essa faixa de idade, a escassez de material didático direcionado aos jovens e adolescentes pode causar um problema de procedimento em sala de aula, uma vez que as aulas preparadas serão embasadas na própria experiência do professor, ou serão planejadas com base em materiais infantis ou adultos.

Para reverter essa situação, é necessário que existam pesquisas que relacionem a juventude e a música, que busquem saber o que atrai o jovem, quais são suas preferências, como eles se sentem em relação à música e às aulas de música, e qual a importância dela em suas vidas.

É evidente que falta um pouco mais de atenção a essa faixa importante da população, para que possa ser ofertado a eles mais do que novos jogos de videogame ou roupas da moda, mas também, uma educação musical de qualidade, adequada à sua realidade e preferências musicais. Muitas vezes, as preferências musicais dos jovens que estão atreladas a sua realidade sócio-cultural são desconhecidas do professor, além de serem completamente diferentes das suas. Sem contar que as experiências vividas nessa fase tão repleta de descobertas, podem ter um efeito profundo na formação de suas identidades. Que essas experiências sejam, então, as mais musicais possíveis.

1. Adolescência e Juventude

É necessário fazer algumas categorizações e considerações, ao se falar de adolescentes e/ou jovens. A primeira delas seria a mais óbvia: O que é adolescência? Qual a faixa etária exata em que os adolescentes se encontram? O que define o início e o término da adolescência? Adolescência é sinônimo de juventude?

Não é possível definir de modo preciso os conceitos de adolescência e juventude, tendo em vista que eles refletem um momento de mudanças cronológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Geralmente os psicólogos tendem a usar o conceito *adolescência* enquanto os sociólogos e antropólogos sociais fazem uso do conceito *juventude*. Porém, há muitas sobreposições entre esses conceitos, como será visto adiante. Além disso, ainda restam dúvidas sobre como seria a melhor maneira de se classificar tais períodos, seja como uma fase da vida ou mesmo um período de transição entre a infância e a fase adulta. Há muita controvérsia na literatura quando o assunto é a definição de um período exato relativo à juventude e adolescência. Por isso, este trabalho irá considerar a adolescência como sendo uma fase da vida, que sucede a infância, e que precede a vida adulta, não sendo considerada, porém, como meramente transitória.

Já a juventude, de acordo com dados oficiais, é freqüentemente classificada como uma fase posterior à adolescência, mas é possível perceber que em determinados momentos da vida do indivíduo, essas fases ocorrem concomitantemente (ver item 1.1). Para Novaes (2006, p.119) a juventude pode ser definida como a “(...) etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta”.

O termo adolescência deriva do latim *ad*, “para” e *olescere*, “crescer”, cuja junção resultaria em algo como: “crescer para” (Becker, 2003, p.8). Porém, não se trata de um conceito tão simples assim. “Do ponto de vista do mundo adulto (...), o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito”. A criança, ao chegar à puberdade, inevitavelmente passa da infância para uma outra fase de sua vida, em que “(...) atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, outros fatores pessoais e familiares(...)” (op.cit. p9). A criança passa por um processo de desenvolvimento “bio-psicológico-sexual”, que a fará ter mudanças de comportamento, alterações de humor, e talvez a mais marcante de todas, a “obtenção” de um novo corpo. As dificuldades nesse percurso começam por que “enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais, o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça” (op. cit, p.12).

É importante ter em mente que apesar das semelhanças em relação às mudanças físicas e psicológicas ocorridas nesse período, pessoas criadas em situações, contextos sociais e familiares distintos, adentrarão a adolescência de maneiras distintas. Ainda segundo Becker (2003, p.13), “é preciso lembrar (...) que, mesmo dentro dessa sociedade, a adolescência pode assumir formas muito diversas”. Além disso, o autor diz que “não existe uma adolescência, e sim várias” (op. cit, p.11), por entender que a adolescência não se trata de um fenômeno universal, e que sim, varia de acordo com características culturais de cada local, sociedade, entre tantos outros motivos. Como coloca Novaes: “(...) jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (2006, p.105).

1.1 - Jovens ou adolescentes?

Muitas dúvidas surgiram ao se tentar classificar como jovem ou adolescente os indivíduos participantes da presente pesquisa, que inicialmente abordaria a faixa entre 13 e 19 anos. Seriam eles adolescentes? Seriam jovens? “(...) Mesmo modernamente [atualmente] a conceituação da juventude não é consensual (...)” (Sallas, 1999, p.23), porém, segundo dados da UNESCO², a juventude é definida como o período da vida compreendido entre os 15 e os 24 anos (ver Sallas, 1999). A adolescência, por sua vez, seria cronologicamente definida entre os 12 e os 18 anos³, conforme figura 01.

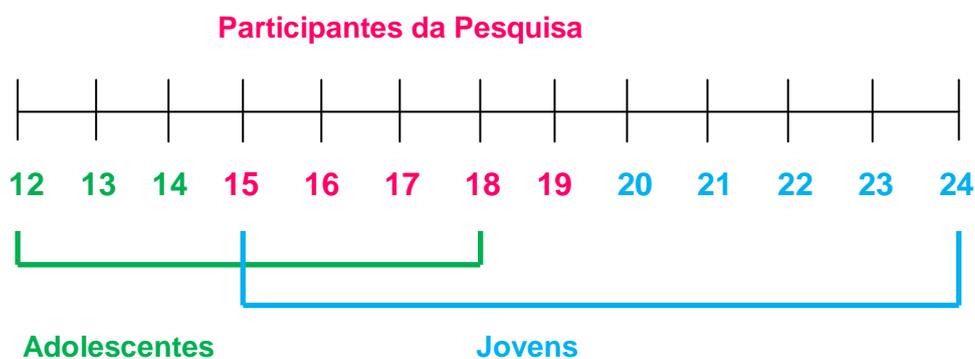


Figura 1: Distribuição Etária

Percebe-se que, a definição etária citada não permite enquadrar todos os adolescentes no grupo dos jovens, mas de acordo com essas definições sobrepostas, os adolescentes são jovens, durante grande parte da adolescência. É claro que a juventude não é um período unicamente definido pela idade cronológica, mas também por aspectos sociais e culturais, que podem definir os limites dessa etapa, determinando seu início e final:

²OIT/ CINTERFOR: Organización Internacional del Trabajo/Centro Interamericano para el Desarrollo del Conocimiento en la Formación Profesional (www.cinterfor.org.uy).

³O estatuto da criança e do adolescente (ECA) define adolescente como um indivíduo com idade entre doze e dezoito anos de idade, podendo em alguns casos, abranger até os 21 anos (www.planalto.gov.br).

(...)Ultrapassando os aspectos exclusivamente etários e valorizando o aspecto de que a juventude é um processo, a UNESCO considera a juventude como “uma etapa de transição que processa a passagem de uma condição social mais recolhida e dependente a uma mais ampla; um período de preparação para o ingresso na vida social adulta” (Abramo apud Sallas, 1999, p.23).

Tomando como base essas definições, foi estipulado um recorte no número total de pesquisados, voltando as atenções e delimitando os dados entre aqueles obtidos por meio de questionários e entrevistas com indivíduos de 15 a 19 anos.

Para esta pesquisa, será adotado o termo *jovem*, a fim de organizar os pesquisados em um só grupo “etário”. A juventude é definida aqui como “(...) uma categoria sociológica, que indica o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade (...)” (Waiselfisz apud Sallas, 1999, p.23).

1.2 - (In)Definições

Quando se fala desse período da vida tão cheio de confusões, mudanças e questionamentos, normalmente nos prendemos aos aspectos físicos e psicológicos envolvidos. Como diz Herculano-Houzel (2005) é muito comum comentar sobre os efeitos dos hormônios no crescimento “desenfreado” - a mudança de voz, as espinhas, e todos os transtornos que esse momento da vida causa aos pais, parentes, professores, ou seja, a todos aqueles ao redor do jovem. Também é comum esquecermos dos aspectos sociais e culturais envolvidos nesse período singular da vida, que todos um dia irão necessariamente experimentar (ou já experimentaram). Porém, além de estar passando por um período repleto de novidades, o jovem se encontra envolto em um mundo que não foi idealizado para ele; uma sociedade que não leva em conta as transformações pelas quais está passando (Novaes, 2007). Esse indivíduo em questão acaba encontrando em seus

pares da mesma faixa etária que enfrentam “problemas” e situações parecidas, uma espécie de ponto de apoio - alguém que lhe possibilita ouvir e ser ouvido, que compreenda e tenha pontos de vista muito semelhantes em relação aos assuntos também comuns. É no grupo que o jovem encontra segurança para ser ele mesmo, ou quem imagina e/ou deseja ser (Brenner et al, 2005).

Nessa busca por aceitação e identificação com o outro, o jovem pode se envolver com diversos tipos de grupos, freqüentemente estereotipados como sendo mais “saudáveis” (relacionados a esportes, estudos, música) ou mais “perigosos” (grupos de balonismo, de pichadores): de times de futebol a gangues; de bandas de *rock* a grupos de pesquisa, entre tantas outras opções imagináveis. Nesses grupos ou “tribos”, o jovem encontra outros que admira, e que possibilitam a aproximação e troca de idéias, amizade, e principalmente, o respeito e a admiração. Dependendo da ideologia⁴ dominante no grupo em questão, essas conquistas podem se dar de diferentes maneiras, seja por um aspecto físico, pela posse de bens materiais, por certas atitudes, ou outras ações:

Adolescentes e jovens costumam ver nas tribos a possibilidade de encontrar uma nova via de expressão, um modo de se afastar da normalidade que não os satisfaz e, especialmente, a ocasião para intensificar suas vivências pessoais e encontrar um núcleo gratificante de afetividade. Trata-se, desde muitos pontos de vista, de uma espécie de uma proteção emotiva, em oposição à intempérie urbana contemporânea, que paradoxalmente os empurrou para as ruas (Costa, Pérez & Tropea, apud UNESCO, 2004, p. 44).

1.3 - Brasil: Múltiplas juventudes, múltiplos direitos.

Em “Juventude e sociedade: jogos de espelhos”, Regina Novaes (2007), inicia seu discurso comentando sobre a existência de “juventudes”, tendo em vista as

⁴ Segundo Althusser, a “ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”, isto é, nesse caso o grupo situa seus integrantes como “participantes de suas práticas”, colocando-os como “sujeitos” participativos, dando-lhes um papel dentro da sociedade. (Althusser apud Strinati, 1999, p.153)

enormes diferenças sociais em um país como o Brasil, e na sociedade como um todo. A autora coloca a questão da “discriminação por endereço”, que aflige principalmente moradores de favelas, regiões muito pobres (ou distantes dos centros urbanos), na busca por emprego, ou mesmo no que diz respeito ao acesso aos “equipamentos culturais⁵”. Segundo Novaes, “ser jovem é ser suspeito”, ainda mais em uma sociedade em que enfrenta uma grande onda de violência urbana, devido, sobretudo à guerra do tráfico de drogas. Novaes coloca o jovem como um “sujeito de direitos” (direitos humanos /direitos de cidadania), colocação que evita a “idealização da juventude como a única protagonista da mudança” que precisa ocorrer em nossa sociedade.

Para o jovem, essa “(...) experimentação de diferentes papéis oferece a (...) matéria-prima para a gradual construção de uma nova identidade” (Oliveira, 2007, p.23). A autora aborda a questão das “tribos urbanas” como uma forma de adquirir e construir identidades, e fala sobre novas formas de aquisição/transmissão cultural, contrárias ao “modelo hierárquico de transmissão cultural” baseado nos padrões de instituições como, por exemplo, a família e a escola, de gerações anteriores às dos jovens de hoje.

Dentro das tribos, não há necessariamente uma imposição de valores que não sejam aqueles significativos para os seus membros, ou pelo menos não aparentemente, a não ser os que já estão impregnados em cada um. Ou seja, cada grupo, cada tribo, tem seus próprios valores, e esses já bastam para os sujeitos pertencentes a seus grupos. Oliveira (2007, p.28) acrescenta que “as tribos são comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e

⁵ Equipamentos culturais fazem parte da infra-estrutura cultural dos municípios brasileiros. Como exemplo, são equipamentos culturais: bibliotecas públicas, ginásios esportivos, teatros, cinemas, museus, provedores de internet, lojas de discos, entre outros (Brenner et al, 2005, pp. 178, 179).

formas de lazer, cujos vínculos internos perduram enquanto se mantém o interesse pela atividade”. A autora ainda comenta que “(...) a ausência de referências simbólicas claras conduz o jovem a um mergulho narcísico na ordem do imaginário, transformando sua identidade em uma colcha de retalhos, constituída de imagens desconexas e mal alinhavadas entre si” (p.29). Sobre isso, Novaes (2006, p.119), conclui que a juventude brasileira resulta de uma “conjugação específica entre herança histórica e os padrões societários vigentes”. A autora aborda as questões das desigualdades sociais ocorridas no Brasil, e comenta que “(...) a juventude é como um espelho retrovisor, que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais”, (p.119) já que segundo ela, a juventude pobre brasileira é acentuadamente mais prejudicada pelos contrastes existentes em nossa sociedade.

2. Identidades juvenis

“O conceito de identidade, (...) de modo geral (...), se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas (...).” (Giddens, 2005, p.43) A definição do conceito de identidade é bastante complexa, e será subdividida aqui em diversos níveis para uma melhor compreensão. Cada um desses níveis possui influências e características distintas e bastante peculiares. É interessante ressaltar que esses níveis não ocorrem de forma isolada, e sim, que cada um deles atua sobre outros, formando assim uma identidade maior e mais complexa.

A identidade pessoal é talvez a mais complexa de ser descrita, pois diz respeito a um nível de identidade que normalmente se sobressai às outras, por se tratar de fatores determinantes para a caracterização e/ou diferenciação dos indivíduos. A identidade pessoal parece ser a de mais complexa construção, dependendo também de fatores como características familiares, criação, costumes locais; tendo uma ligação estrita com diferentes períodos da vida. Outros fatores pessoais como personalidade, traços físicos e intelectuais (Tarrant et al, *apud* Ilari, 2006) também exercem um impacto direto sobre a identidade pessoal. “(...) A “auto-identidade” (ou identidade pessoal) nos separa como indivíduos distintos (...)” (Giddens, 2005, p. 44). Segundo Anthony Giddens (2005, p. 44), a identidade pessoal é obtida através de um “processo de autodesenvolvimento”, que possibilita a “(...) formulação de um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta (...)”. Giddens (p. 44) também diz que “(...) é a negociação constante do indivíduo com o mundo exterior que ajuda a criar e a moldar seu sentido de si mesmo (...)”.

O fato de que, do nascimento até a morte, estejamos em interação com outros certamente condiciona nossas personalidades, os valores que sustentamos e o comportamento em que nos engajamos. Além disso, a socialização está também na origem de nossa própria individualidade e liberdade. No decorrer da socialização, cada um de nós desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para o pensamento e a ação independentes. (Giddens, 2005, p.43)

Um outro nível de identidade, a identidade social diz respeito às características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros (Giddens, 2005). Ela é normalmente formada a partir de grupos de convívio, através de interesses comuns, ou amizades. É provavelmente nesse nível de identidade que a música tenha um papel mais relevante, principalmente em fases como a juventude, em que as descobertas são muitas e muito intensas, quando há uma propensão maior à influência dos outros, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada (e talvez nunca venha a estar, por se tratar de algo em constante transformação e construção). Pode-se dizer que a identidade social trata das características que as pessoas adquirem a partir de relações sociais, no convívio com outras pessoas. Nesse caso, as chamadas “tribos” são muito importantes, por que durante a juventude (assim como durante toda a vida), os indivíduos passam por transformações físicas e psicológicas bastante bruscas, e procuram nesses grupos de convívio, a identificação com outras pessoas, e aquisição e troca de informações sobre os diversos assuntos de interesse.

Apesar da ênfase que aqui foi dada, a formação da identidade social não é exclusividade dos jovens. Porém, nessa etapa da vida o processo de formação da identidade social assume um papel de enorme importância. A busca por afinidades é um recurso que as pessoas de qualquer faixa etária utilizam para tentar se encaixar em grupos sociais e conseguir expor suas idéias num âmbito maior. Em muitos

casos, é também através de um gosto musical afim, que as pessoas se identificam umas com as outras.

Concordando com Snyders (1992), quando diz que “(...) há a alegria de escutar juntos discos de que se gostam e o desejo de escutar discos que favoreçam o estar junto (...)”, as pessoas em geral querem compartilhar das coisas que as façam sentir bem, principalmente num grupo que compartilha das mesmas características (ver Palheiros, 2006). “(...) As identidades sociais marcam as formas pelas quais os indivíduos são “o mesmo” que os outros (...)” (Giddens, 2005, p.44). Além disso, segundo Ciampa (2001, p.67), “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”.

É importante notar que ao falar das identidades dos jovens, deve-se lembrar que, ao aceitarem uma condição de identificação, eles de certo modo rejeitam diversas outras. Em outras palavras, “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (Cuche, 2002, p.182). Cuche (2002, p. 177) ainda acrescenta que “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: (...) a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. (...)”.

A identidade cultural depende de fatores muitas vezes mais antigos do que a história de uma nação (Ilari, 2006), sendo possível, inclusive, que um indivíduo tenha mais de uma identidade cultural (Folkestad, 2002). Isso pode ser determinado por vários motivos, entre eles o fato de que algumas culturas são muito mais antigas que os próprios limites territoriais das nações. Também porque uma cultura pode ser formada a partir de várias outras culturas, e em cada grupo social, em cada família, há costumes diferentes. Por exemplo, uma família brasileira descendente de negros

provavelmente terá uma cultura (costumes, comportamento) muito diferente de uma outra família brasileira descendente de índios. Portanto, a identidade cultural, pode ser vista como algo que vai além de descendências e que se mistura aos costumes locais, aos padrões de comportamento, épocas distintas e que tem grande influência sobre as pessoas, suas ações, atitudes e interpretações de acontecimentos. Há teorias que sugerem que a identidade cultural já estaria previamente imposta ao indivíduo, e que esse não teria outra escolha que não fosse seguir suas origens. A identidade seria então, como “(...) um sentimento de ‘fazer parte’ de certa forma inato. A identidade é vista como uma condição imanente do indivíduo, definindo-o de maneira estável e definitiva” (Cuche, 2002, p.179). Outras formas de ver o tema colocam também a importância do convívio social, no desenvolvimento da identificação com a cultura.

(...) a identidade cultural é vista como uma propriedade essencial inerente ao grupo porque é transmitida por ele e no seu interior, sem referências aos outros grupos. A identificação é automática, pois tudo está definido desde seu começo. (Cuche, 2002, p. 180)

A identidade étnica varia de acordo com as ascendências (familiares) e características físicas (etnia) do indivíduo. Mais do que apenas características genéticas, a identidade étnica depende ainda da cultura familiar, ou até mesmo da identificação do indivíduo com sua terra, seu povo, ou dos seus ascendentes. Segundo Cuche (op.cit., p.179), “(...) a vinculação ao grupo étnico é a primeira e mais fundamental de todas as vinculações sociais. O autor comenta que os vínculos baseados em uma genealogia comum são os mais determinantes.

Um exemplo intrigante é o caso dos brasileiros com ascendência oriental (dekasseguis), que saíram do país para buscar trabalho no Japão (Ilari, 2006). Se

aqui eles são chamados de japoneses, e diferenciados por sua aparência física, lá eles acabam sendo hostilizados justamente pelo motivo contrário. Embora tenham uma identidade étnica japonesa, eles também têm uma identidade cultural nipo-brasileira, o que os difere dos “japoneses do Japão”. Ao mesmo tempo em que parecem ter duas identidades étnicas, podem sentir-se sem nenhuma definida, e vir até a sofrer uma complexa crise de identidade, já que essas pessoas nem sempre são vistas como brasileiras em seu próprio país natal e nem como japonesas no país de seus “ancestrais”.

A identidade nacional é relativa ao país de origem ou residência por tempo prolongado, continente e características geográficas, entre outras. Difere da identidade étnica por não se basear necessariamente em características como etnia, por exemplo. Definir uma identidade nacional pode ser muito difícil, principalmente em países com grande diversidade cultural, como é o caso do Brasil. Isso se dá principalmente ao fato de que cada uma das culturas, de cada região, tem sua história e identidades próprias. Segundo Folkestad (2002), a nacionalidade é o que faz com que diferentes regiões estejam unidas, apesar de suas diferenças culturais e étnicas. Em eventos internacionais de grande porte, como a Copa do Mundo, ocorre um fenômeno de exaltação do sentimento de patriotismo, algo como uma identificação para com símbolos nacionais, como a bandeira e suas cores, o hino do país, talvez numa tentativa de mostrar aos outros o amor por sua pátria e intimidar os adversários. Ou ainda, quando uma pessoa que reside no exterior, passa a dar maior valor às coisas de sua terra, talvez por não se sentir pertencente à sua nova condição. Do contrário, um estrangeiro pode desenvolver amor à pátria que o acolheu. A esse respeito, Bauman (2005) comenta sobre seu próprio sentimento em

relação à sua pátria, uma vez que foi privado de sua cidadania polonesa, e escolheu a Grã-Bretanha para viver, onde se naturalizou cidadão britânico.

(...) o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e (...) as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age (...) são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. Em outras palavras, a idéia de 'ter uma identidade' não vai ocorrer às pessoas enquanto o 'pertencimento' continuar sendo seu destino, uma condição sem alternativa. (Bauman, 2005, p.17)

Os diversos tipos de identidades influenciam-se mutuamente e influenciam a chamada identidade pessoal. Deve-se observar também que diversas identidades pessoais distintas podem ser encontradas em um grupo de convívio social, de troca de informações. Ou seja, de maneira geral, a interação entre várias identidades pessoais em um grupo de convívio, certamente pode auxiliar na construção da identidade social dos envolvidos. Todos esses processos relacionados à identidade dos indivíduos necessitam de muito tempo para serem desenvolvidos, por se tratarem de processos abertos, relacionados a conceitos e conflitos pessoais, que se alteram dia após dia. Como esses conceitos estão em constante mutação, parece impossível estipular um período padrão para o desenvolvimento dessas identidades, já que esse processo dura o tempo de uma vida.

A inclusão do jovem em um grupo, na maioria das vezes, depende de diversos fatores, como similaridade de opiniões e gostos, entre tantos outros. Essa convivência em grupo e identificação de um indivíduo com outro, pode ter como consequência a criação de padrões de comportamento, maneiras de se vestir, gírias específicas, gostos musicais, ídolos, e por diversos outros motivos, muitos integrantes desses grupos acabam sendo estereotipados, sendo vistos pela sociedade apenas como mais um integrante, por exemplo, do imenso grupo dos fãs

de um determinado estilo musical, e tendo, diversas vezes, ignorada sua existência como um indivíduo independente e com idéias próprias.

É importante notar que cada um desses níveis de identidade descritos, são influenciados pelo meio em que se encontram, e são resultantes de uma cultura vigente e diferenciada de outras, ou seja, irão se diferenciar de acordo com suas próprias relações internas, e também de acordo com a interação com outros grupos (ver Cuche, 2002). Segundo Cuche (2002, p.192), “Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, (...) seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social”. Segundo o autor, para que a separação em níveis fique ainda mais clara, pode-se pensar na identidade, como sendo as bonecas russas “*matryoshka*” (figura 1), uma encaixada na outra, terminando em uma grande boneca, com seu interior preenchido pelas demais (Cuche, 2002).



Figura 2 – Matryoshka. À esquerda, em sua versão tradicional, e à direita, em uma versão modernizada, em corte longitudinal.

2.1 - Estereótipos jovens e música

Os jovens também sofrem, não só pelas mudanças físicas importantes que ocorrem (transformações físicas, alteração de voz, entre outras) durante a adolescência e juventude, mas também por serem vítimas de diversos tipos de preconceitos, da sociedade em geral. Em muitas sociedades urbanas, o jovem tem fama de ser alguém que não faz nada, ou de ser rebelde (ver Novaes, 2005; Oliveira, 2007). O jovem é também frequentemente visto como um indivíduo avesso às regras sociais, que pode ser perigoso, violento (ver Pimentel et al, 2007). Aqueles que deixam transparecer suas tribos, ou estilos musicais preferidos através de roupas, cabelos ou quaisquer informações visuais são geralmente os alvos preferidos de críticas.

Para citar alguns exemplos, os fãs de alguns estilos musicais com frequência são estereotipados, como por exemplo: os *metaleiros* são frequentemente vistos em nossa sociedade, seja por integrantes de outras “tribos”, ou mesmo por parte da população, como violentos (ver Roberts et al, 2003) e usuários de drogas (ver Pimentel et al, 2005) assim como os sambistas, que também são frequentemente classificados como “malandros”, ou “vagabundos”. Os *rappers* e os *funkeiros* são colocados na mesma categoria, a dos considerados bandidos, marginais, estereotipados como favelados, gente pobre, em geral (ver Dayrell, 2005). Além disso, o *funk* tem carregado consigo um estigma de vulgaridade, devido às temáticas das letras e das danças ligadas ao estilo. Os *emo* são depreciativamente classificados como homossexuais, assim como os fãs de gêneros de música eletrônica, que também carregam o estereótipo de usuários de drogas. Nessa mesma categoria estão os fãs de *reggae*, que se utilizam de adereços relacionados à maconha, muitas vezes apenas por questões visuais (ver Pimentel et al, 2007).

Esses estereótipos dizem respeito às percepções de ouvintes e fãs de gêneros musicais distintos por indivíduos de outros grupos sociais e culturais, e não correspondem necessariamente à realidade (Rentfrow & Gosling, 2007).

Associações entre gêneros musicais, atitudes e personalidades de ouvintes têm sido objeto de diversos estudos recentes (Rentfrow & Gosling, 2007; Roberts et al, 2003,). Há também algumas pesquisas que visam fazer esse tipo de relação entre música e comportamentos “desviantes”, como por exemplo, entre o *Heavy metal* e a violência na juventude e/ou o uso de drogas. Por exemplo, Pimentel et al (2005, p.405), coloca a preferência por um determinado estilo musical como “(...) signo de diferenciação grupal (...)”, aqui sendo evidenciada a escolha pelo gênero *Heavy metal*, que o autor relaciona a comportamentos considerados “desviantes”, corroborando alguns estudos anteriores (Roberts et al, 2003). Segundo Pimentel, dentre esses comportamentos, encontra-se o uso de drogas, em especial a maconha. Em um segundo momento, o autor, citando diversos outros estudos, comenta que o fato de um estudante estar regularmente matriculado em uma escola “(...) diminui a possibilidade de envolvimento com drogas e práticas socialmente desviantes (...)” (p.410). Ora, não é na escola que muitos jovens tomam conhecimento da existência das drogas, por assim dizer, “ao vivo”?

Sobre os já citados comportamentos desviantes supostamente causados, ou influenciados ou reforçados pelo *Heavy metal*, ou pela música considerada “violenta” em geral, Roberts et al (2003) fazem algumas colocações pertinentes, como por exemplo, sobre as mensagens existentes nas letras das músicas populares (*Rock* e *Heavy metal*):

(...) para serem verdadeiramente "influenciados", os jovens podem ter necessidade de ir um passo adiante e ligar essas mensagens à

sua própria vida. O problema com esses pressupostos é que várias décadas de investigação (...) mostram claramente que a interpretação das letras [de música] é tanto um processo de construção, como de reconhecimento ou descoberta. Assim, aquilo que os jovens fazem das canções populares depende não apenas daquilo que a letra traz a eles, mas também sobre o que eles trazem para a letra.⁶ (p.159)

Outro ponto importante levantado por Roberts et al (2003) diz respeito às associações entre as letras das músicas e aspectos sociais reais feitas por um indivíduo. Cada pessoa realiza diferentes associações e conseqüentemente, as informações recebidas também são distintamente “processadas”, gerando diferentes influências e reações, devido a fatores alheios à música e relacionados à realidade de cada indivíduo, seus estímulos e referências. Lidar com isso não é nada fácil para o jovem, cuja identidade está em plena construção.

2.2 - Tempo livre, lazer e ócio

O discurso sobre a construção das identidades dos jovens não pode deixar de considerar que grande parte do tempo de muitos jovens brasileiros não está voltado à escola, ao trabalho ou atividades produtivas. Muito do tempo desses indivíduos em formação é considerado “livre”, ou pejorativamente chamado de “ócio”, nem sempre criativo (ver Damásio, 1996).

É importante salientar que, o jovem, apesar de ser freqüentemente estigmatizado como um indivíduo improdutivo, como no caso de muitos jovens financeiramente favorecidos e moradores de grandes cidades, passa por um

⁶(...) to be truly “influenced,” young people may need to go a step farther and connect such messages to their own lives. The problem with such assumptions is that several decades of communication research shows quite clearly that lyric interpretation is as much a process of construction as of recognition or discovery. Thus, what young people make of popular songs depends not only on what the lyric brings to them, but also on what they bring to the lyric. (Roberts et al, 2003, p.159) Tradução do Autor.

momento importante ao usufruir seu tempo livre (mesmo que mal aproveitado, do ponto de vista dos pais), ainda que seja “não fazendo nada”.

Para que o jovem não adentre um grupo com ideais duvidosos, ou com visões deturpadas a respeito de determinados aspectos da sociedade, é necessário que haja à disposição de todos, meios para se utilizar da maneira mais proveitosa possível, os momentos em que não há obrigações, o tempo livre, de lazer e de ócio desses indivíduos.

Hikiji (2006, p.186) se reporta ao dito popular “cabeça parada [vazia], oficina do diabo”, quando aborda o “tempo perigoso”, como é visto o tempo ocioso dentro de instituições do gênero, ou mesmo em “(...) projetos voltados para a infância e juventude (...)”. Nesse sentido, a autora coloca a questão da grande preocupação com a ocupação do tempo livre, defendida pelos envolvidos nesses projetos, sejam eles pais, professores, ou alunos.

Os pais (...) não medem esforços em sua maratona para manter os filhos ocupados. Mesmo alguns jovens associam o espaço da rua a aspectos negativos, como o crime e a violência, embora, para eles, a casa não seja tampouco lugar valorizado. Para várias (...) crianças e jovens (...), ficar em casa é sinônimo de ter que ajudar a mãe a lavar roupa, lavar louça, fazer comida (Hikiji, 2006, p.190).

Nesse contexto, Abramo (1994) ainda comenta sobre a “(...) busca de intensidade no lazer em contraposição a um cotidiano que se anuncia como medíocre e insatisfatório (...)”, o que pode ajudar a elucidar a importância dada pelos jovens a cada momento livre de obrigações.

Em *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*, (Brenner et al, 2005), os autores ressaltam a importância da escolha da forma de utilização do tempo livre.

(...) é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descobertas de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. (Brenner et al, 2005, p.176)

O que os autores enfatizam é que “(...) na prática do lazer, os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual” (p.177). Para tanto, é necessário que haja investimento por parte do Governo, em espaços de cultura e lazer, e nos já citados “equipamentos culturais”. Nesses locais, “(...) os jovens podem encontrar as possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social (...)” (p.177), não estando somente “passando o tempo”, mas aproveitando-o de diversas maneiras. Em diversos casos, os jovens, por já passarem muitas horas de seus dias na escola, ou até mesmo no trabalho (ou ambos, dependendo do caso), e mesmo aqueles que já saíram da escola, preferem “ficar sem fazer nada”, muitas vezes na rua. Para Brenner et al (2005, p.178), fica clara a distinção do que é tempo livre para o que é lazer. O lazer é algo aproveitável, saudável, e condicionado “(...) pelas condições de vida material (...)”. “A existência de tempo livre não implica necessariamente [em] lazer. O tempo livre do trabalho (...) pode significar o espaço da penúria (...), da falta de oportunidades.”

Após um levantamento exaustivo das formas de utilização dos momentos livres do dia por 3.501 jovens e adolescentes, Brenner et al (2005, p. 200) ainda reforçam a necessidade de investimento em “equipamentos culturais”, e citam dados contundentes, como por exemplo, que “(...) 92% dos jovens entrevistados nunca foram a um concerto de música clássica”, dentre outros até mais contundentes, que,

por exemplo, “(...) a frequência a *shows* de música como *rock*, *pop*, *hip-hop* é (...) inferior a 50%.” O trabalho também aborda assuntos como a formação de grupos de jovens, e até mesmo aspectos do “cotidiano”, como o “fazer amigos”. Os autores hipotetizam que, se o poder público investisse mais na utilização consciente de determinados espaços, como teatros, parques, museus, dentre tantos outros, poderia “(...) estar também estimulando a constituição de redes sociais plurais e não territorializadas”, no que diz respeito às amizades restritas ao bairro, à escola, e outros locais de convívio comum. Ainda segundo Brenner et al (2005, p.209), “o tempo da juventude é o momento de transformações corporais e afetivas e de construção de identidades no qual a turma de amigos cumpre papel significativo na construção de subjetividades positivas”.

Rose Hikiji (2006) descreve uma série de situações ocorridas dentro dos limites da Fundação para o Bem-Estar do Menor (Febem) e coloca a questão da aula de música como sendo algo apenas recreativo, e ainda cita o chamado “(...) fazer música para matar o tempo (...)” (2006, p.67), muitas vezes uma tentativa equivocada de preencher de todas as formas as lacunas não somente temporais, mas emocionais. Nos lares, assim como nas instituições citadas, ocorre uma tentativa de superocupar o tempo dos jovens, seja com atividades físicas ou intelectuais, mantendo-os distraídos para as “tentações” do mundo externo. Nessa “enxurrada” de estímulos, os adultos responsáveis pelos jovens acabam não cogitando uma hipótese: Passar algum tempo sem produzir (fisicamente) não pode ser produtivo? Talvez sim, o ócio possa ser extremamente criativo, e talvez até por esse motivo, não seja permitido aos detentos da Febem.

2.3 - Tempo livre, religião e pertença

Um dos locais preferidos dos jovens brasileiros para passar o tempo é a igreja, conforme sugere Novaes (2005), autora de *“Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?”*. Após realizar amplo levantamento sobre o perfil religioso dos jovens do Brasil, Novaes sugere que, apesar de ter havido mudanças nesse perfil, desde o último levantamento nacional pelo IBGE, essas mudanças não são exatamente expressivas. Em sua pesquisa, Novaes (2005) questiona o leitor sobre a utilização da religião como uma maneira de aliviar o “medo de sobrar”, termo utilizado para representar o medo dos jovens de não serem parte de algo maior, de não conseguirem um bom emprego, de não fazer parte de um grupo, e alguns dos medos comuns a todos nessa época da vida. A autora comenta no texto que “(...) em várias pesquisas, os jovens dizem que a melhor coisa em ser jovem é ter um futuro pela frente, mas, ao mesmo tempo, os maiores medos também estão relacionados com o futuro (...)” (p.282).

Concordando com Brenner et al (2005), sobre a falta de investimento do governo na criação de espaços voltados para a juventude, Novaes (2005, p.289) comenta que:

(...) as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil. Fazendo parte destes grupos, motivados por valores e pertencimentos religiosos, jovens têm atuado no espaço público e têm fornecido quadros militantes para sindicatos, associações, movimentos e partidos políticos. Por outro lado, expressando vínculos institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa também se faz presente em muitas expressões juvenis na área das artes e cultura.

É importante lembrar que a igreja tem exercido o papel de suprir as demandas de informação e cultura da sociedade. Isso pode ser facilmente visto em grupos como orquestras, bandas de diversos estilos, coros, espetáculos teatrais (mesmo que de cunho religioso) entre tantas outras agremiações sociedade, em que a Igreja, principalmente a evangélica (nas suas diversas ramificações), vem fomentando o crescimento cultural, investindo na educação de seus fiéis, e no caso da música, fornecendo "mão de obra" para diversos setores musicais, como orquestras, coros e bandas (ver Jungblut, 2007).

Também é notável que diversas orquestras e conjuntos musicais do Brasil contam com um grande percentual dos integrantes oriundo de igrejas evangélicas e pentecostais, que, na maioria dos casos, realizou ali mesmo, grande parte de seus estudos musicais. Essas instituições se transformaram em um local onde ocorre de maneira muito intensa o ensino de música, a utilização de recursos musicais nas celebrações religiosas, e diversos tipos de apresentações musicais (ver Jungblut, 2007; Novaes 2005). Essa união de estímulos religiosos com a música tem um papel de importância na vida do jovem evangélico, e conseqüentemente influencia a formação de suas identidades. Aliás, historicamente no Brasil, a igreja (principalmente a igreja Evangélica) tem desenvolvido um papel de disseminação do aprendizado musical, e hoje, é certamente uma das instituições que mais investem no ensino de música.

Porém, levando em conta que as igrejas evangélicas não têm por obrigação e nem podem "educar" à sua maneira o povo brasileiro, qual seria o local mais indicado para essa troca de informações, para o aprendizado musical em geral? A resposta imediata seria a escola, conforme discutido mais adiante.

Neste capítulo foram discutidos assuntos relevantes a diversos aspectos da formação social e pessoal dos jovens, como suas identidades, passando pelas as escolhas religiosas, os estereótipos que a sociedade impõe, de acordo com as escolhas musicais que o jovem pode fazer. A música tem diversas funções no cotidiano juvenil, como será visto no capítulo seguinte.

3. Música e juventude

3.1 – Funções da música na sociedade

“A música também atua em um nível social mais difuso, para definir os subgrupos importantes na cultura adolescente e para identificar quem pertence a eles.”⁷(Roberts et al, 2003, p.5).

A música possui diversas funções nas sociedades, e no caso dos jovens da presente pesquisa, algumas das diversas funções descritas por Merriam (1964), podem ser destacadas e inseridas no presente contexto. De acordo com o autor, a música tem, entre outras, a função de comunicação, já que a música não é uma forma universal de linguagem, mas uma linguagem direcionada a pessoas de uma mesma cultura. Folkestad (2002) parece concordar com Merriam (1964) quando diz que a identidade musical não depende somente de idade, sexo ou gosto musical, mas que é resultante dos contextos culturais, étnicos, religiosos e nacionais em que as pessoas vivem.

Merriam (1964) cita ainda a função da música para a integração da sociedade, que aqui remete aos movimentos sociais, como o caso daqueles apoiados na cultura *Hip Hop*, ou mesmo em trabalhos desenvolvidos em locais como ONGs, cujos objetivos são tirar das ruas, ou apenas do ócio, crianças ou jovens que demonstrem interesse pela música, ou que vejam na mesma uma oportunidade de melhoria de vida, tendo em vista principalmente o aspecto cultural, dentre outros. A música está presente na vida cotidiana dos jovens, muitas vezes com funções que vão além do entretenimento (Merriam, 1964; Palheiros, 2006).

As funções supracitadas têm relação com o fato de os jovens utilizarem a música como uma forma de ingresso a um grupo, ou como uma maneira de mostrar

⁷ Music also works at a more diffuse social level to define the important subgroups in adolescent culture and to identify who belongs to them. Tradução do Autor.

aos outros jovens - e também aos adultos - qual é a sua “tribo”, quais são as suas preferências, posto que já não são mais crianças e já podem fazer suas próprias escolhas. Diversos autores sustentam essa afirmação, dentre eles Cook (1998, p.5), que diz: que “no mundo de hoje, decidir qual tipo de música ouvir é uma parte significativa da decisão e anúncio não somente de quem você “quer ser” (...) mas de quem você é”⁸. Tal pensamento confirma a sugestão de Hargreaves (2005) de que a música compartilhada por grupos específicos pode indicar uma espécie de “insígnia” ou representação da identidade social dos jovens.

Segundo Snyders (1992), a ansiedade em relação à busca de sua identidade, e a procura de suas diferenças certamente não são coisas novas; sendo todos esses acontecimentos em torno dos jovens, comuns nas mais diversas culturas e países, claro, sofrendo variações de acordo com os costumes, e tantos outros fatores. Mas a procura dos jovens pelo estilo musical preferido, e o “fazer-se parecer” com seus ídolos, é um fenômeno que ocorre mundialmente.

Nesse sentido, a música pode influenciar o jovem de maneira muito intensa, e a comprovação de tal fato se dá quando nos deparamos com dezenas de jovens vestidos como integrantes de bandas famosas, andando pelas ruas das cidades, se utilizando de atitudes consideradas “legais” para o grupo e não necessariamente para o restante da sociedade. Muitas vezes o que busca esse indivíduo que age, ou muitas vezes apenas se veste, de maneira similar à de seus ídolos, é a aprovação de um grupo maior, que reúne diversos outros semelhantes a ele, em vestimentas, cortes de cabelo, atitudes e gírias.

Como em qualquer segmento da sociedade, as pessoas procuram conhecer e integrar-se em grupos com costumes semelhantes que freqüentam os mesmos

⁸ "In today's world, deciding what music to listen to is a significant part of deciding and announcing to people not just who you 'want to be' (...) but who you are". Tradução do Autor.

lugares e em alguns casos, passam por mudanças radicais de comportamento para serem aceitas. Como exemplo, quando um jovem se sente excluído de um determinado grupo, seja por ter gostos musicais distintos, ou por outros motivos, muitas vezes, ele pode tentar adequar-se aos padrões estabelecidos pelo grupo em questão, e repentinamente, mudar a sua aparência e seus hábitos.

A música tem sido frequentemente usada como uma maneira de construir e expressar identidade (Hargreaves et al, 2002), inclusive e principalmente no caso dos jovens, que têm a necessidade de demonstrar aos outros o que sentem, de sentirem-se incluídos em grupos que normalmente têm na música um forte elemento agregador de idéias semelhantes, e que é utilizado como elemento de inclusão, ao mesmo tempo em que exclui o que não é similar ao restante, como já foi abordado anteriormente (ver Cuche, 2002).

Outro fato que é importante lembrar ao se tratar de grupos sociais, é o fenômeno da coerência comportamental (Roederer, 1998), em que grupos de jovens tendem a se comportar da mesma maneira, segundo os mesmos estímulos. Esse comportamento é muito comum durante shows de *Rock*, por exemplo, onde é possível encontrar um grande número de pessoas que, influenciadas pela música, acabam agindo de uma mesma maneira, normalmente executando movimentos e expressões faciais semelhantes⁹. Esse comportamento dos jovens em relação à música e aos diversos estilos consumidos, pode ter uma enorme influência do convívio em grupo, e nesse caso, inclusive do convívio escolar. Há muitas diferenças entre o comportamento musical dos jovens, dentro e fora de qualquer instituição de ensino e essas diferenças devem ser investigadas, seja pra descobrir

⁹ Para exemplificar, uma das manifestações mais comuns do público do *Rock* e suas derivações, por exemplo o *Heavy metal*, é o ato de balançar a cabeça, para frente e para trás, sucessivamente, durante os shows do estilo. Esse ato originou o termo "*headbanger*", que serve para denominar os chamados "metaleiros", em todo o mundo.

o que os motiva e/ou desmotiva, visto que os comportamentos são muito distintos nessas duas situações (ver Hargreaves, 2005).

3.2 - Música, juventude, escola

Talvez a própria escola não se apresente em condições de oferecer aos jovens nada além da tradicional exposição de idéias, situação na qual não há troca de informação entre professor e aluno. Segundo Dayrell (2007, p.1117), "(...) A escola tende a não reconhecer o "jovem" existente no "aluno", muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta".

Dayrell (2007) questiona o papel da escola principalmente no que diz respeito à formação do aluno como indivíduo, na busca por suas identidades, segundo ele, a escola se utiliza de conceitos homogeneizantes, impraticáveis para tal instituição. O autor sugere que:

Em um modelo ideal, muito próximo àquele que regia o mundo do trabalho e o trabalhador, esperava-se que o aluno fosse disciplinado, obediente, pontual e se envolvesse com os estudos com eficiência e eficácia. Ao mesmo tempo, não se considerava os alunos na sua dimensão de jovens, numa tendência em representar ambos os conceitos como se fossem, de alguma forma, equivalentes (Dayrell, 2007, p.1119)

Essa citação ilustra a opinião do autor, quando comenta que a escola ainda se baseia em valores ultrapassados da sociedade moderna, ao mesmo tempo em que, sugere que a "escola (...) não é uma instituição estática, sendo palco de tensões entre propostas inovadoras e tendências imobilistas" (p.1123). Dayrell diz ainda que, na tentativa de uma aproximação maior com os jovens, essas propostas

buscam as mais diferentes formas de expressões culturais, para dar mais valor à cultura juvenil dentro da escola. Ou como sugere Sallas (1999):

Na escola, os jovens vislumbram a possibilidade e a esperança de um futuro melhor, em termos profissionais e de ascensão social. Esse desejo dos jovens encontra-se desamparado pelas práticas curriculares e pedagógicas vigentes. A escola representa, para boa parte dos jovens, apenas '*um mal necessário*' destituída de qualquer forma de encantamento. Essa ausência de encantamento pode ser claramente identificada quando do desafio posto aos professores na implementação de práticas que visem a pluralidade cultural e a ética e, ao mesmo tempo, a expressão marcada pelo individualismo – da qualificação e competição no mercado de trabalho (Sallas, 1999, p.18).

Para refletir sobre a música escolar e a juventude brasileira, é importante refletirmos sobre as experiências positivas que acontecem em outras partes do mundo, como nos Estados Unidos. À primeira vista, já é possível percebermos uma grande diferença entre o estado da arte da música escolar nos dois países. Enquanto no Brasil, ainda luta-se pela inclusão das aulas de música na escola¹⁰, nos EUA, alguns passos já foram dados nesse sentido, sendo possível questionar o que é ensinado, o que pode ser melhorado, e até repensar a existência das aulas de música no currículo escolar. Nesse sentido, Campbell et al (2007), por exemplo, realizaram um grande levantamento das opiniões de adolescentes norte-americanos de 13 a 18 anos, alunos de *middle* e *high school* (equivalentes aos nossos ensinos fundamental e médio, respectivamente) a respeito da extinção das aulas de música na escola.

As autoras “concordam” com Hargreaves (2005), sobre a importância de pesquisar a música na vida dos jovens, dentro e fora do ambiente escolar. Isso

¹⁰ Em 18/08/2008, foi aprovada a lei 11.769, que estabelece a obrigatoriedade da música nas escolas brasileiras, sem, porém, especificar a necessidade de professores especialistas na área da música. Disponível em: www.abemeducacaomusical.org.br. Acessado em: 22/01/09

porque, segundo Campbell et al (op. cit, 2007) a música está presente em todas as etapas do desenvolvimento humano. Desde o início da vida, durante a infância e juventude e até na idade adulta, a música exerce um papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento dos domínios sócio-emocional e intelectual-artístico de cada indivíduo.

Sobre os significados da música, expressos dentro e fora da escola, as autoras crêem que a música pode servir como um meio para se “(...) construir, negociar, e modificar aspectos de suas identidades pessoais e de grupo (...)”, além de “(...) oferecer a eles [aos adolescentes] uma gama de estratégias para o auto-conhecimento e conexões com os outros.” (Arnett, 1995; Larson, 1995; Tarrant, North, & Hargreaves, 2002 apud Campbell et al, 2007)¹¹

Na pesquisa de Campbell et al (2007):

(...)cinco temas principais foram identificados no âmbito dos significados expressados na música, pelos adolescentes: (a) formação de identidade na [música] e através da música, (b) benefícios emocionais, (c) benefícios da música na vida, incluindo construção de caráter e habilidades humanas, (d) benefícios sociais, e (e) impressões positivas e negativas dos programas escolares de música e seus professores.¹²

Os resultados confirmam alguns dados obtidos em pesquisas anteriores, como por exemplo, que 70% dos discos POP são vendidos para jovens de 12 a 20 anos (Brake, 1985 apud Campbell et al, 2007), e que o tempo médio de escuta

¹¹Music was also found to provide adolescents with a medium through which to construct, negotiate, and modify aspects of their personal and group identities, offering them a range of strategies for knowing themselves and connecting with others (Arnett, 1995; Larson, 1995; Tarrant, North, & Hargreaves, 2002). Tradução do Autor.

¹²Five principal themes were identified within the expressed meanings of music by adolescents: (a) identity formation in and through music, (b) emotional benefits, (c) music's life benefits, including character-building and life skills, (d) social benefits, and (e) positive and negative impressions of school music programs and their teachers. Campbell et al, 2007. Tradução do Autor.

musical diária entre jovens britânicos e americanos, que varia de 2,5 a 4,5 horas (Leming, 1987; North, Hargreaves, and O'Neill, 2000 apud Campbell et al, 2007). Isso indica um grande investimento dos adolescentes em recursos pessoais (isto é, recursos financeiros, provenientes da família, na maioria dos casos) e de tempo dispensados à audição musical (ver Campbell et al, 2007).

As autoras incluem também alguns dos motivos que possivelmente explicam o porquê de os jovens consumirem tanta música, como por exemplo o suprimento das necessidades emocionais (North, Hargreaves, & O'Neill, 2000; Roe, 1985 apud Campbell et al, 2007), distração para momentos de tédio (Gantz, Gartenberg, Pearson, & Shiller, 1978; Sun & Lull 1986 apud Campbell et al, 2007), e alívio de tensões (Gantz, Gartenberg, Pearson, & Shiller, 1978 apud Campbell et al, 2007). Na opinião delas, “a música pode ser um elemento que dá suporte às transformações da criança em adulto”. Campbell et al (2007) ainda sugerem que o “desejo de independência e formação da identidade pessoal está ligado ao desenvolvimento maturacional.”¹³ do adolescente.

Na tentativa de aplicar as idéias do estudo de Campbell et al (2007) no Brasil, nota-se a falta de investimento por parte do governo brasileiro tanto na prática quando na a pesquisa em diversas áreas, inclusive a musical. Por exemplo, apesar de haver diversos projetos que privilegiam o jovem, essa parcela importante da população ainda não foi suficientemente estudada, como bem exemplifica Abramo (1997):

“Tem crescido a atenção dirigida aos jovens nos últimos anos no Brasil, tanto por parte da “opinião pública” (notadamente os meios de comunicação de massa) como da academia, assim como por parte

¹³“(…) desire for independence and personal identity formation is linked to their maturational development”. Tradução do Autor.

de atores políticos e de instituições, governamentais e não-governamentais, que prestam serviços sociais. Entre os meios de comunicação de massa, da televisão à grande imprensa, passando pelas rádios, revistas etc, assistimos a uma avalanche de produtos especialmente dirigidos ao público adolescente e juvenil (os cadernos teen nos grandes jornais, programas de auditório na televisão, programas só de *rock* ou de rap nas rádios e canais de televisão, revistas de comportamento, moda e aconselhamento etc.), mas também ao crescimento de noticiário a respeito de jovens” (Abramo, 1997, p.25)

Abramo (1997, p.26) conclui que, como todas as evidências mostram, “(...) no Brasil, diferentemente de outros países, nunca existiu uma tradição de políticas especificamente destinadas aos jovens (...)”, e que talvez por esse motivo ainda seja tão difícil para o povo, e inclusive para o jovem brasileiro, se adequar à essa sociedade ainda tão despreparada para lidar com a “sede” por conhecer o novo, e por se descobrir.

De acordo com os diversos autores pesquisados até aqui, pode-se perceber a importância que a relação jovem/música tem adquirido para os pesquisadores. O interesse por esse tema se deve à importância dada à música pelos próprios jovens, em diversos aspectos de suas vidas pessoais. Para levantar dados sobre a importância à música pelos jovens curitibanos, realizou-se um estudo em duas etapas: A primeira abordou um número maior de participantes (n=185), e levantou questões mais gerais, além de servir como uma espécie de triagem para uma segunda fase, mais aprofundada, na qual foi realizada um estudo multi-caso com quatro jovens. A metodologia aplicada, os procedimentos de pesquisa e os dados obtidos nessas fases, estão descritas a seguir.

4. Primeira etapa: estudo de levantamento

Em busca de uma abordagem quantitativa, e visando um número expressivo de entrevistados, decidiu-se fazer um estudo de levantamento abordando diversos temas discutidos anteriormente, como preferências musicais, práticas musicais dentro e fora da escola, influências da música na vida pessoal, entre tantos outros. O estudo foi realizado em duas etapas. Em um primeiro momento foi aplicado um questionário a 185 jovens entre 15 e 19 anos, sendo que desses, 181 eram alunos de uma mesma escola de ensino médio da cidade de Curitiba. A partir desse levantamento inicial, fez-se necessário um maior aprofundamento nos dados, afim de responder à questões que surgiram durante esse processo, ou mesmo àquelas que não foram totalmente esclarecidas na primeira etapa. Desse modo, foi realizada uma segunda etapa (capítulos 6 e 7), em que através de um estudo multi-caso, quatro jovens foram entrevistados sobre suas experiências musicais, influências familiares, relações interpessoais, entre outros assuntos.

4.1 - Instrumentos de coleta de dados: Survey

Ao realizar um levantamento de dados, é necessário estar atento a alguns detalhes. Deve-se ter muito claro o que vai ser pesquisado, que tipos de dados se pretende levantar, as fontes desses dados e de que maneira isso será feito. É importante escolher a estratégia correta. O método Survey (levantamento), tem sido amplamente utilizado nas mais variadas pesquisas, por se tratar de um método bastante versátil. De pesquisas de opinião pública, passando por censos demográficos, a trabalhos acadêmicos, os “*surveys* podem diferir em termos de objetivos, custos, tempo e escopo” (Babbie, 1999, p.95). O grande diferencial desse método é seu recorte, sua abordagem quantitativa (dados numéricos sobre cada

categoria pesquisada), sobre o objeto de estudo. Essa abordagem quantitativa é aplicada em todo o desenvolvimento da pesquisa. Desde o número de sujeitos a serem pesquisados, às formas de coleta dos dados, e conseqüentemente, à grande quantidade de informação que é coletada e até mesmo aos resultados, que acabam sendo generalizados nesse processo (Babbie, 1999).

O método Survey foi escolhido pelo fato de a presente pesquisa abordar um grupo homogêneo de indivíduos, isto é, alunos de uma mesma instituição de ensino, de proporções relativamente grandes, de faixa etária pré-determinada e que participariam da pesquisa respondendo anonimamente a um mesmo instrumento de coleta de dados, isto é, um questionário elaborado previamente. Maiores detalhes sobre os participantes da pesquisa estão descritos no item 4.2.

Para saber o que os alunos pensavam a respeito do ensino, aprendizado e vivência musicais, foi aplicado um questionário constituído de 54 questões, que abordavam aspectos sócio-econômicos e culturais, questões sobre o gosto musical e sobre as práticas musicais dos jovens, dentro e fora da escola. Maiores detalhes podem ser encontrados no item 4.5.

O questionário foi elaborado de maneira que as perguntas, apesar de numerosas, pudessem ser respondidas de maneira rápida, para não desmotivar o participante durante o processo. Além das questões objetivas, havia também linhas destinadas à complementação das respostas, caso o participante sentisse necessidade de dizer mais alguma coisa.

As questões foram divididas em temas específicos como aspectos do cotidiano do jovem, relações familiares, e momentos de lazer, entre outros. Além disso, outras questões buscaram identificar o papel da música em sua vida, o papel desempenhado pelos amigos, além do papel da escola em relação à música.

A elaboração das questões seguiu alguns critérios importantes. As questões deveriam ser de fácil compreensão e possibilitar respostas dicotômicas (sim/não) quando fosse o caso, e em outros momentos, foram abertos espaços para que o pesquisado pudesse expressar com suas próprias palavras, as suas opiniões, ou mesmo complementar alguma resposta.

4.2 – Os participantes

Além de 04 participantes do estudo piloto, participaram da pesquisa 181 alunos de uma escola pública, com idade entre 15 e 19 anos, de uma escola pública estadual da cidade de Curitiba. Este estudo não considerou as diferenças de sexo/gênero, com o intuito de abranger os jovens de uma maneira geral, aplicando o mesmo padrão de perguntas e análise de respostas, livremente, para meninos e meninas, sendo que no questionário aplicado, não havia necessidade de o pesquisado identificar seu sexo. Tal decisão foi proposital e esteve baseada no fato de que essa primeira etapa do estudo teve uma função exploratória, servindo para que o pesquisador pudesse localizar, dentre os pesquisados, interessados em participar da segunda etapa da pesquisa, isto é, um estudo multi-caso baseado em entrevistas realizadas com jovens, abordando alguns outros aspectos de suas relações com a música, e de forma mais aprofundada, alguns dos aspectos já abordados nessa primeira etapa.

4.3 - Procedimento

Com o consentimento da equipe pedagógica da escola e o auxílio de diversos professores, os alunos receberam o questionário em sala de aula, onde foram convidados a participar. Somente aqueles que tiveram interesse em participar,

responderam ao questionário. Os pesquisados também tiveram a liberdade de deixar em branco qualquer questão que não quisessem ou não julgassem pertinente responder. Não houve participação ou influência dos professores que aplicaram o questionário, uma vez que eles foram previamente instruídos a responder às dúvidas de seus alunos, em relação à pesquisa, porém sem interferir em suas respostas. Basicamente, os professores apenas tiveram a função de entregar os questionários aos seus alunos e recebê-los novamente, já respondidos. Com todos os questionários devidamente respondidos, foi possível verificar as respostas de cada um dos jovens para então, categorizar os dados e analisá-los. O estudo levou em consideração as respostas dos participantes do estudo-piloto.

4.4 - Questões investigadas

O questionário teve como intuito tentar responder às seguintes questões:

- a) Até que ponto o aprendizado musical pode influenciar na formação do indivíduo?
- b) A música influencia na formação das identidades dos indivíduos? Como?
- c) Indivíduos sujeitos à exposição de diferentes estilos musicais podem ter influências distintas na formação de suas identidades?
- d) Aspectos sócio-econômicos têm relação com a construção das identidades?
- e) Qual o papel dos pais e dos professores de música no que diz respeito ao aprendizado musical do adolescente?

4.5 - O questionário

O modelo utilizado foi baseado nas questões supracitadas e questionários utilizados em pesquisas anteriores (ver Abramo & Branco, 2005; Yin, 2002; Babbie, 1999). Ver anexo 1.

5. Primeira etapa: Análise de dados e discussão

5.1 - Dados obtidos

Com os questionários respondidos em mãos, foi dado início à etapa de tabulação dos dados e de levantamento de dados a partir das informações fornecidas pelos pesquisados. Essa tarefa foi realizada através da leitura de cada uma das respostas, seguida de uma fase de categorização da resposta e finalmente, sua descrição. Após essa etapa, foi realizada a análise estatística dos dados, através de contagens de frequência e cálculo de percentuais, permitindo então que fossem feitas interpretações e comparações com a literatura previamente estudada.

De maneira geral, foi possível observar que a música estava presente de forma muito intensa na vida dos pesquisados, e que era uma das atividades mais praticadas no dia a dia, servindo ainda como uma ferramenta de integração para com outros jovens. As respostas a seguir fazem parte de análise de dados, de caráter descritivo.

5.1.1 Dados demográficos

Dos 185 pesquisados, a grande maioria (74,1%) residia em regiões chamadas periferia da cidade. Esse número inclui os moradores dos bairros afastados do centro da cidade (63,8%) e de outros municípios da região metropolitana de Curitiba (10,3%), conforme ilustra a figura 3.

Dos número total de participantes, 137 disseram morar em casa própria. Desse total, praticamente a metade (52%) declarou morar com sua família, no padrão familiar pai, mãe e irmãos, havendo uma média de 04 pessoas por família de cada aluno. Os outros 48% dividiram-se em respostas como: moro com somente um

dos pais e irmãos (12,4%), somente com os pais, sem irmãos (11,9%), somente um dos pais, sem irmãos (11,9%), outros (5,9%) e 5,9% não responderam (ver figura 4).

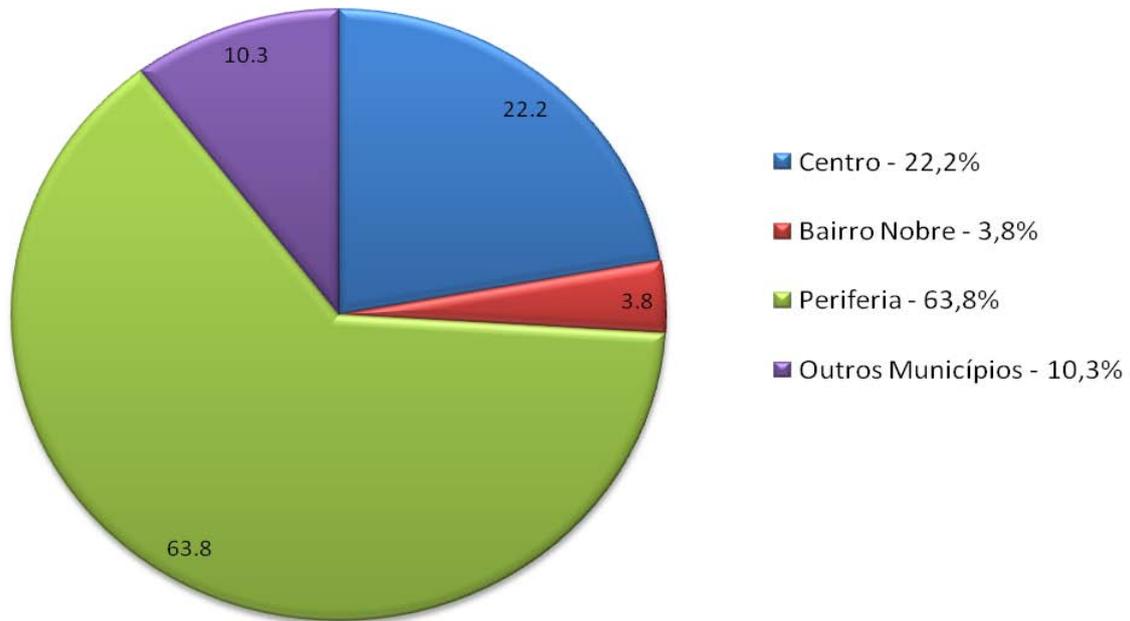


Figura 3 - Local de moradia dos pesquisados

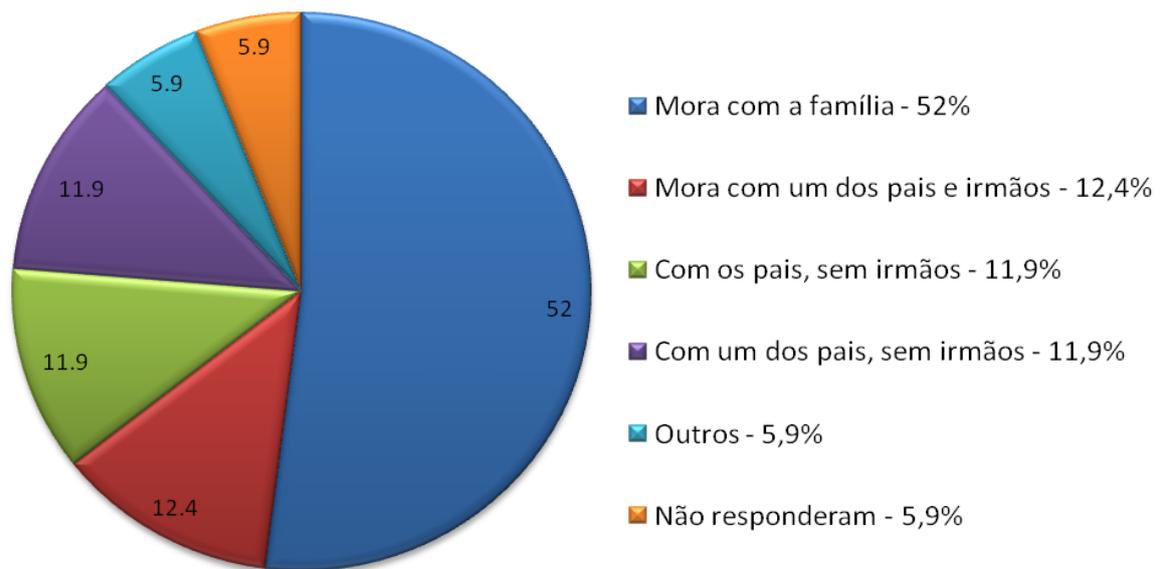


Figura 4 – Distribuição familiar dos pesquisados

No que diz respeito aos aspectos sócio-econômico-culturais dos pesquisados, a grande maioria respondeu ter renda menor a 10 salários mínimos, geralmente entre 01 e 05 salários mínimos (ver figura 5), sendo que o nível de escolaridade dos pais é na maioria dos casos, até o nível médio.

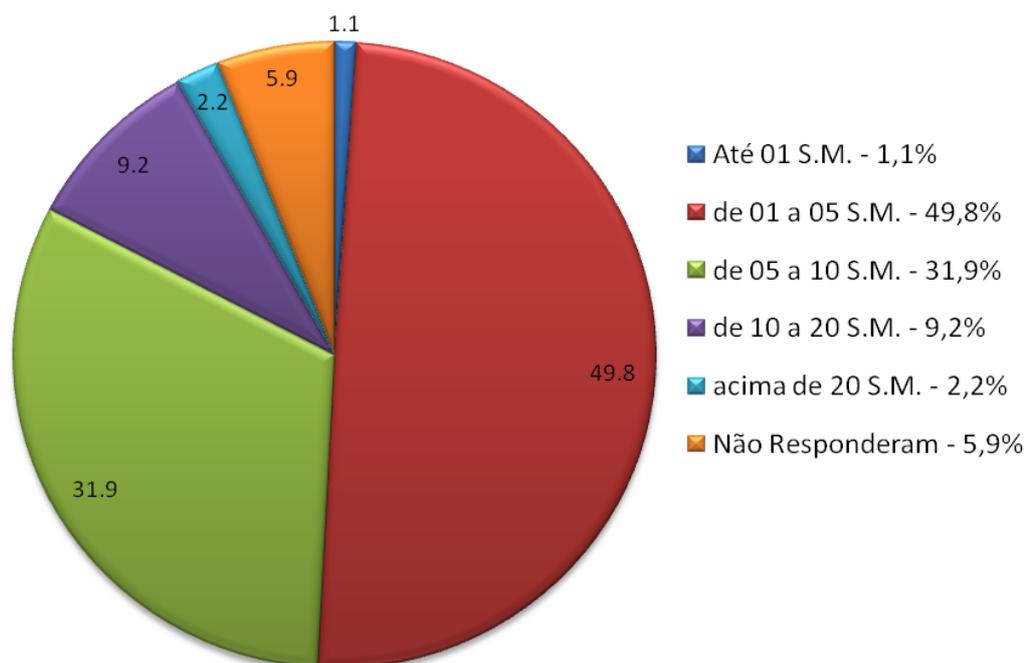


Figura 5 - Renda familiar dos pesquisados, em Salários Mínimos

5.2 - Bens de consumo

Muitos participantes declararam possuir inúmeros bens materiais, em sua maioria, aparelhos eletrônicos. Os entrevistados relacionavam, dentre a lista de 15 bens de consumo/equipamentos eletrônicos contida no questionário, todos aqueles que possuíam e em qual quantidade. De acordo com as respostas, a média de itens por família, foi de 12, dentre os 15 disponibilizados no questionário. A variação das respostas foi de 03 a 35 itens por família. Muitos desses bens acabavam sendo utilizados como recursos para audição musical, como o mp3 *Player*, o aparelho de som, o computador, e até mesmo os mais modernos celulares, que apareceram em enormes quantidades, provavelmente devido às respostas terem sido dadas de

acordo com o que cada um possuía em sua casa, isto é, os objetos/bens eram da família, e não apenas do jovem pesquisado.

Mesmo se mostrando, na maioria das vezes, detentora de diversos bens de consumo, a maioria dos participantes (54,6%) disse não possuir nenhum tipo de instrumento musical. Dentre aqueles que os possuíam, a maioria (42,7%) relatou ter instrumentos populares e/ou eletrônicos, como violão ou teclado, sendo os instrumentos eruditos (3,2%) reduzidos a pouquíssimas citações: um piano, um violino, e quatro flautas. Nesse último caso, não ficou claro se os participantes se referiam à flauta transversa ou doce. Apesar de a maioria não possuir instrumentos musicais, grande parte dos pesquisados que responderam a essa questão, demonstrou ter interesse em tocar instrumentos, com bandas ou amigos. Essa questão é discutida de maneira mais aprofundada no item 5.4 – Instrumentos Musicais.

5.3 - Gosto musical/ Tribos

Um dado que chamou a atenção foi a questão do gosto musical. É claro que existem os jovens com preferências mais exóticas, porém, é notável que a maioria ainda está relacionada aos estilos mais difundidos na mídia. Um fato relacionado a isso é que nem sempre esses estilos foram estimulados dentro de casa, e sim, descobertos no contexto escolar, por influência de colegas. Esse dado, que não pode ser conclusivo, pode levar a uma classificação da escola como sendo uma espécie de local de troca de informações, também no que diz respeito às experiências extra-classe; uma espécie de grande grupo de convívio, o que nos remete às teorias de Wenger, (1998).

Sobre os estilos musicais preferidos pelos jovens, os mais citados foram: samba/pagode (dispostos em uma mesma categoria), seguidos por *rock* e *reggae*. Dentre os que foram citados como “não gosto”, os mais votados foram *rock*, o pagode e o samba, o metal, e o *Rap*, entre outros. Os resultados das questões sobre gosto musical encontram-se dispostos nas figuras 6 e 7.

É interessante que as respostas para as questões sobre gosto musical (“Qual estilo você mais gosta / mais ouve? Por quê?” e “Qual estilo você não gosta? Por quê?”) foram praticamente idênticas, porém apareceram de forma invertida. Houve aqui uma polarização dos resultados, ou seja, os estilos que foram escolhidos como sendo os preferidos da maioria, samba/pagode, foram os segundos mais votado na categoria “menos gosto”, tendo recebido muitos votos dos “roqueiros”, em menor número na pesquisa do que os fãs de samba e pagode. O que isso pode sugerir é que quem gosta de *Rock*, pode não gostar de Pagode, por exemplo, e vice-versa. Assim como em torcidas de futebol, não basta torcer por um determinado time, é necessário torcer contra os outros times.

Para um grupo que tenha como elemento agrupador algum estilo musical, é praticamente inaceitável que seus integrantes apreciem algum outro estilo, soaria como um tipo de “traição”. Dentro das tribos existe uma forte “demarcação de território”, tanto no que diz respeito a espaço físico, quanto de comportamentos e opiniões. Segundo Oliveira, (2007, p.22) “desde que não se violem as normas internas do grupo, as características subjetivas do adolescente são em geral mais respeitadas por seus semelhantes do que pelo mundo adulto”.

Também é interessante notar que, quando perguntados se esse gosto musical poderia vir a mudar com o passar dos anos, a maioria dos jovens respondeu

que não, que já escutam esses estilos há muito tempo, e que pretendem permanecer assim por toda a vida.

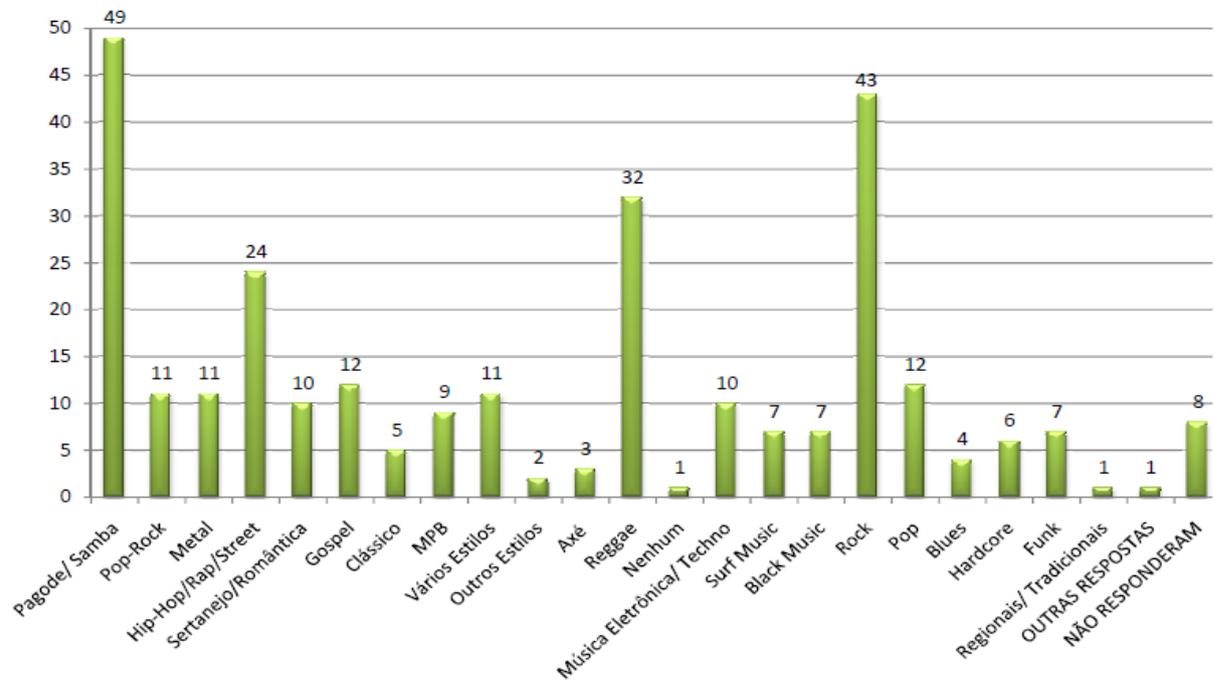


Figura 6 - Estilos preferidos (em número de citações)

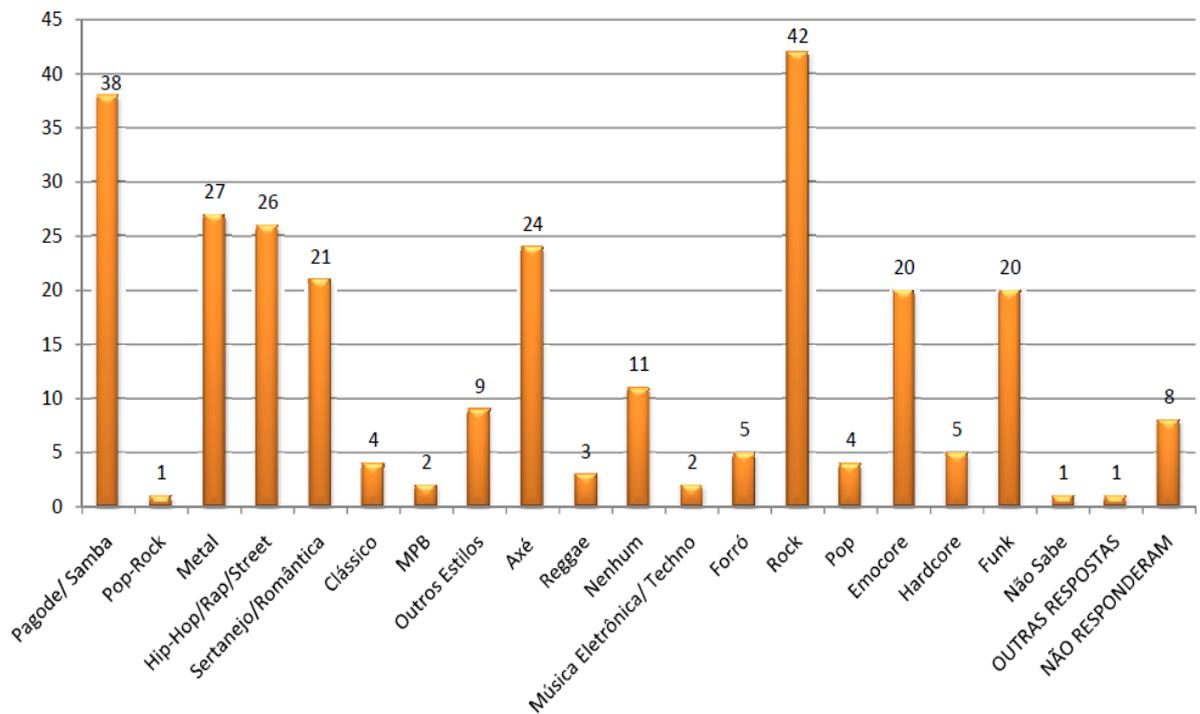


Figura 7 – Estilos mais rejeitados (em número de citações)

5.4 - Instrumentos e aprendizado musical

Sobre tocar um instrumento, os jovens que afirmaram tocar ou cantar não possuíam necessariamente instrumentos musicais próprios, sendo essa prática muito comum em igrejas, bandas de amigos, escola de música, entre outros locais. Sobre o aprendizado musical, algumas respostas apareceram em percentuais similares, como no caso das aulas especializadas e da forma de aprendizado autodidata. Também ocorreram respostas como “aprendi na igreja” ou “aprendi com amigos”, o que reforça o dado sobre a pequena parcela (16,2%) que teria tido acesso a aulas formais de música, talvez devido aos preços, que são, na maioria das vezes, justos, porém inacessíveis para a maioria da população assalariada do Brasil.

Ter algum músico na família pareceu influenciar os jovens. Dos 185 entrevistados, 100 disseram que não havia nenhum músico na família. Já 84 disseram que sim, que alguém da família era músico. Desses familiares músicos, a maioria era formada por parentes próximos, como pais, irmãos e tios.

Ao serem perguntados sobre a experiência tocando em bandas, ou com amigos, a grande maioria (80%) disse que não o fazia. Dentre os (18,4%) que tocam em bandas, ou com amigos, a maioria disse tocar *rock*, e em segundo e terceiro lugares, o pagode e *gospel*. Dentre os 80% que não tocavam em bandas, quando questionados se não teriam vontade de tocar, houve quase um empate: 38,4% disseram que sim, que gostariam e 39,8% não gostariam de ter uma banda. Provavelmente, essa vontade de participar de grupos musicais não teve uma grande ligação com as aulas de música da escola, pois dos estilos preferidos dos alunos, salvo raras exceções, nenhum havia sido trabalhado em sala de aula sob a

orientação de um professor.¹⁴ O que ocorre então parece ser uma entrega dos jovens às suas próprias práticas musicais, não necessitando absolutamente da participação de pais, professores, e adultos em geral para que essas práticas ocorram. Silva (2006) descreve a capacidade que os jovens têm de permanecer interessados por uma atividade proposta por eles próprios, sem depender de nenhuma motivação extrínseca (ver Palheiros, 2006; Hargreaves, 2005).

5.5 - Gostar de música, ouvir música

Dos participantes da pesquisa, a grande maioria (98%) respondeu gostar de música e, quando perguntados sobre quanto tempo em média, passavam ouvindo música por dia, praticamente todos responderam que ouviam por pelo menos uma hora diária. Alguns, em casos extremos, chegaram a responder períodos de 8, 12 ou até 17 horas. Claro que esses casos são exagerados, mas esses resultados também corroboram estudos anteriores que sugerem que é notável que principalmente durante a juventude os indivíduos passem mais tempo ouvindo música do que em outras fases da vida (ver Palheiros, 2006; Zillmann & Gan, 1997). Semelhante ao estudo de Palheiros (2006, p.305), o tempo médio de audição musical diária calculado na presente pesquisa foi de 3 horas por indivíduo. É ousado afirmar, mas tudo indica que são raríssimas as atividades que conseguem prender espontaneamente a atenção de um jovem por tanto tempo. Talvez a televisão e o computador tenham esse “poder”, mas mesmo nos programas televisivos, ou nos jogos de videogame ou computador, a música está presente de maneira muito intensa, sem contar que esses equipamentos também são reprodutores musicais muito utilizados na atualidade.

¹⁴ A citada escola não contava com os serviços de um professor especialista em música. Porém a disciplina de “Artes” costuma ser dividida bimestralmente, compreendendo as quatro formas de expressão artística, artes visuais, dança, teatro e música. Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais.

5.6 - Música e lazer

Quando questionados sobre o que preferiam fazer em seus momentos de lazer, a música apareceu em primeiro lugar nas respostas do jovens, (com o dobro de citações do segundo), seguida por programas como sair, usar o computador, ou esporte (ver figura 8). Nota-se que por se tratar de uma pesquisa voltada à música, as respostas dos participantes podem ter sido influenciadas. Porém os participantes foram quase unânimes, responderam que gostam muito de música, alguns chegando a afirmar que não poderiam viver sem ela. As respostas aqui encontradas corroboram estudos anteriores (Brenner et al, 2005), mantendo como principais atividades dos momentos de lazer: a prática esportiva, as atividades musicais, assistir à televisão, utilizar o computador (internet) e sair (amigos), não necessariamente nessa mesma ordem.

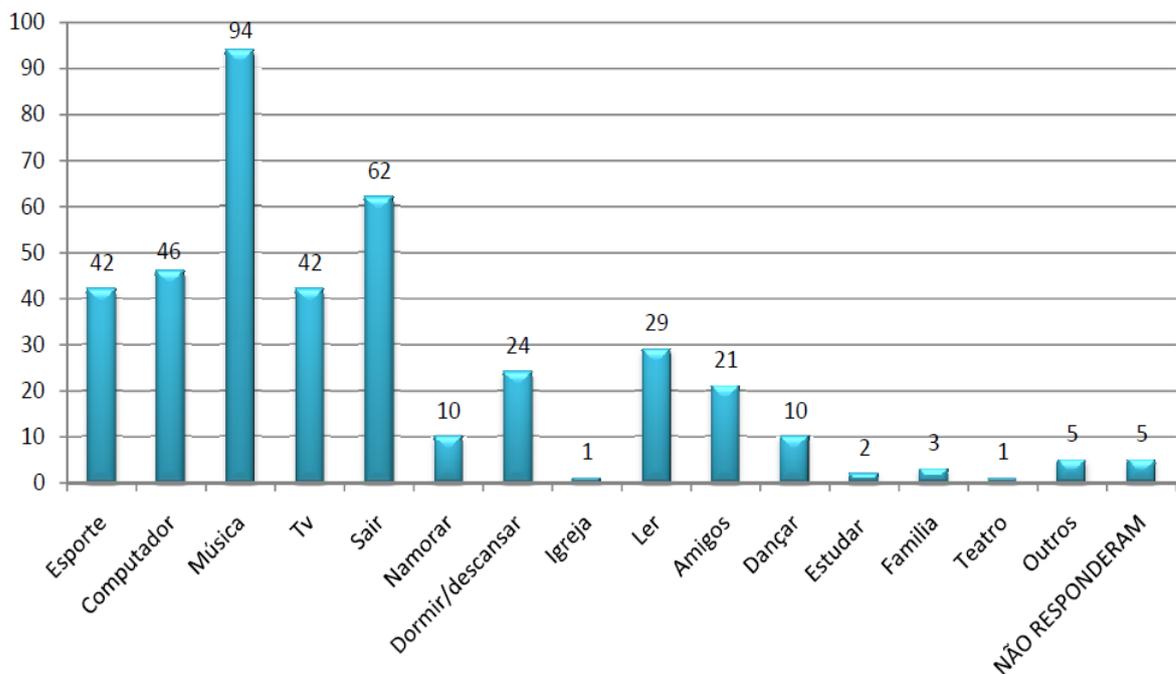


Figura 8 – Atividades realizadas nos momentos de lazer (em número de citações)

Muitos jovens disseram haver uma música que acompanha seus momentos de lazer, o que ajuda a dar credibilidade à resposta, já que quando a música por si não é a atividade principal (nas formas de tocar, dançar, cantar, ouvir, entre outras maneiras), ela se faz presente, como pano de fundo para outras atividades (ver Palheiros, 2006).

5.7 - Música e identidade: influências

Os entrevistados disseram se identificar mais com a música que ouvem do que com os artistas, porém, por vezes se identificam com ambos, sendo que em muitos casos a identificação é com as letras das músicas, no caso das letras em português. Foram muito freqüentes na pesquisa, comentários relacionando a letra da música com algum momento da vida do ouvinte, causando a impressão de que a música teria sido feita para aquela pessoa em específico.

Algo intrigante que emergiu da análise dos dados foi o fato de a maioria (80%) dos participantes dizer que não tentava se vestir como seus ídolos, ainda que vestissem camisetas de bandas e roupas similares às dos *rappers* americanos, entre outros estilos musicais que se utilizam de vestuário peculiar para identificar seus fãs. Talvez para eles, usar camisetas de bandas não seja se vestir “como os seus ídolos”, o que até faz algum sentido, já que os músicos preferidos dessa faixa etária, normalmente não usam camisetas de suas próprias bandas.

Sobre o modo como a música poderia influenciar em suas vidas, a maioria dos jovens disse que “sempre” ouviu os estilos citados, e que ouvir esses determinados estilos não faria muita diferença quanto a ser influenciado na sua maneira de ser. As respostas ficaram praticamente divididas, com respostas como:

“sou o que sou e a música não vai me mudar” (jovem de 16 anos), ou “se gostasse de *hip-hop* seria um idiota” (jovem de 17 anos), entre muitas outras.

Os jovens disseram, em sua maioria, que não poderiam imaginar suas vidas sem a música, e que tinham amigos com gostos musicais semelhantes e com gostos distintos dos seus. Segundo eles, o gosto musical não atrapalha uma relação de amizade, porque existem outras coisas para se conversar. Além disso, a maioria disse que certamente namoraria uma pessoa com o gosto musical muito diferente do seu - o que contrasta com a pesquisa de Ilari (2006), que sugeriu, de acordo com dados coletados em entrevistas, que as diferenças de gosto musical seriam motivos fortes o suficiente para atrapalhar uma relação amorosa. Talvez, essa diferença encontrada deva-se às diferentes fases da vida pesquisadas, no caso da pesquisa citada, não foram pesquisados jovens, e sim adultos, o que pode sugerir um certo nível amadurecimento em relação às escolhas, uma maior definição de preferências, e menor flexibilidade para reavaliar as opções.

Finalmente, a grande maioria dos jovens entrevistados disse que as escolas deveriam oferecer aulas de música, sobretudo por conta da falta de condições financeiras da maioria dos alunos para pagar aulas de música, e da vontade de aprender música da maioria.

A partir desse levantamento, foi possível perceber que os jovens que responderam ao questionários apresentaram respostas muito semelhantes às aquelas encontradas em outros estudos (Brenner et al, 2005; Campbel et al, 2007). As respostas encontradas foram muito interessantes e relevantes, porém, algumas questões importantes permaneceram sem respostas como por exemplo, algumas questões sobre aprendizado e aquisição de gosto musical, e também sobre a

influência da música nas relações interpessoais, que motivaram a realização da segunda etapa do estudo.

6. Segunda etapa: Estudo multi-caso

Após a aplicação dos questionários e de suas respectivas análises, sentiu-se a necessidade de um maior aprofundamento de algumas das questões levantadas. Para tanto, foi utilizada a metodologia do estudo de caso, que, segundo Yin (2002) é uma forma de investigação empírica, com um método abrangente, que se utiliza de lógicas de planejamento, coleta e análise de dados. Os estudos de caso podem ser únicos ou múltiplos, e geralmente têm como objetivo investigar, de maneira aprofundada, um determinado fenômeno.

A estratégia adotada para o presente estudo foi a de um estudo multi-caso, isto é, um estudo composto por quatro casos. O estudo multi-caso aqui realizado seguiu um padrão, aplicado em todos os casos coletados, desde a abordagem do pesquisador para com os participantes, no direcionamento da pesquisa, no tempo de duração dos encontros, e na análise das respostas obtidas. Tudo isso para que não houvesse divergências no método de pesquisa, o que favoreceria a disparidade entre os resultados. As diferenças encontradas por meio dos dados são interessantes para o estudo, mas quando ocorrem devido às opiniões dos entrevistados e não por questões metodológicas. Segundo Yin:

Em geral, estudos de caso são a estratégia preferida quando questões 'como' ou 'por que' estão sendo propostas, quando o investigador tem pouco controle sobre os eventos, e quando o foco está em um fenômeno contemporâneo dentro de algum contexto da vida real" (2002, p.1) ¹⁵.

¹⁵ In general, case studies are the preferred strategy when "how" or "why" questions are being posed, when the investigator has little control over events, and when the focus is on a contemporary phenomenon within some real-life context. (Yin, 2002, p.1) Tradução do Autor.

De acordo com Gil (2006), o estudo de caso não deve ter uma delimitação muito rígida, e pode-se definir quatro fases importante para seu delineamento: - (1) delimitação do caso; (2) coleta de dados; (3) seleção, análise e interpretação dos dados; e (4) elaboração do relatório.

6.1 - As entrevistas

O estudo de caso foi utilizado como uma ferramenta importante nessa fase, pois possibilitou o levantamento de dados de fontes (indivíduos) muito diversas, sempre em relação a um tema comum. Para realizar o estudo de caso, foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas, em que algumas questões são definidas de antemão, porém sempre permitindo adaptações no decorrer da coleta de dados. A metodologia do estudo de caso pôde ser muito bem aplicada a esta etapa da pesquisa, uma vez que a técnica de entrevista semi-estruturada possibilitou aos entrevistados poderem se expressar livremente, sendo somente direcionados pelo pesquisador por intermédio de algumas questões pré-definidas, para que o entrevistado não se distanciasse muito do tema em questão.

As entrevistas foram realizadas em locais públicos (*shopping centers*), e horários escolhidos pelos entrevistados, que concordaram em participar, e ter suas entrevistas gravadas, além de assinar um termo de consentimento, permitindo o uso dos dados coletados, nessa pesquisa.

6.1.1 - Questões a serem respondidas

Quatro questões principais foram utilizadas em todas as quatro entrevistas realizadas nesta segunda fase da pesquisa. De natureza aberta, elas tinham como objetivo principal proporcionar ao entrevistado, uma ampla gama de possibilidades

em suas respostas, para que o mesmo não ficasse preso a uma única pergunta ou respondesse de maneira lacônica. Apesar de a presente pesquisa não ter como intuito uma quantificação ou comparação direta entre os entrevistados, uma certa padronização na abordagem do pesquisador foi necessária para que o pesquisador pudesse extrair temas e elementos comuns e distintos às falas dos participantes. As quatro questões foram:

1. Fale sobre a música em sua casa, em sua família, em sua vida.
2. Fale sobre seu aprendizado musical, dentro e fora da escola, de maneiras formais e informais, e a relação da música com sua vida pessoal, amigos.
3. Como a música influenciou na sua maneira de viver. Ela promoveu (ou promove) algum tipo de mudança em você, em sua vida? Explique.
4. Fale sobre como/se ouvir/vivenciar diferentes estilos musicais pode ser importante na formação de cada um, e das diferenças entre os ouvintes dos estilos que citar. Lembre de comentar essas influências e diferenças relacionadas ao sexo/gênero/idade/ classe social dos indivíduos.

Além dessas questões, outras também foram utilizadas, mas variavam de acordo com o andamento de cada entrevista, ficando a cargo do pesquisador, decidir se, qual e quando utilizar cada uma:

1. Fale sobre seu gosto musical, desde que ele começou a se desenvolver.
2. Você se lembra de gostar de música desde quando?
3. Houve influência da família no seu repertório? De que maneira eles influenciaram seu gosto? Eles influenciaram?
4. Seus pais gostam de /ouvem música? O que eles ouvem? Há um motivo?
5. Eles têm formação musical (que tipo), cantam ou tocam algum instrumento?
6. Você tem formação musical? Como é/tem sido/foi?

7. Essa formação é independente da escola? Qual a relação dela com a escola? Como é a música na escola? Existe?
8. Na escola você aprendeu algo sobre música? Isso ocorreu de maneira mais intensa dentro ou fora da sala de aula?
9. Você e seus colegas/amigos conversam sobre música? Como são essas conversas?
10. Há grupos que se diferenciam pelo gosto musical na sua escola, rua, bairro? Como é o gosto musical desses grupos?
11. Há convivência entre eles? Como é? Por quê?
12. Como ouvir determinados estilos musicais pode influenciar no comportamento do jovem? Por quê?
13. Meninos e meninas são diferentes em vários aspectos. E no que diz respeito a atitudes e comportamento relacionados à música? E no gosto musical?
14. Sobre a maneira de se vestir, penteados, gírias, como/ o quanto você acha que isso influenciado pelos diversos estilos, artistas? (Como os artistas influenciam? Como, de que maneira?)
15. Como você pratica a música em sua vida? (Audição, execução, composição, etc.). Fale sobre a música no seu cotidiano.

6.2 – Os casos / participantes

Para essa etapa, diversos participantes da primeira etapa, que mostraram interesse em continuar participando da pesquisa, e que deixaram alguma forma de contato (e-mail, na maioria das vezes) no questionário foram convidados a participar. Foram enviados e-mails aos interessados, que por diversos motivos, como idade, sexo, classe sócio-econômica, dentre outros, se enquadravam no perfil procurado,

ou seja, não poderiam ter todos a mesma idade, ou morarem na mesma região da cidade, por exemplo.

Dos participantes da primeira fase, 3 deram retorno ao pesquisador. Surpreendentemente, apenas um deles era aluno da escola em que foi aplicado o questionário da primeira etapa, sendo os outros 2, participantes do estudo piloto. Além disso, um dos indivíduos que participou dessa segunda etapa do estudo era uma pessoa conhecida de um dos participantes, que apesar de não ter respondido ao questionário, demonstrou interesse em participar da pesquisa. Por essa razão, ele participou somente da segunda etapa da pesquisa. Todos os quatro participantes eram jovens estudantes, tinham entre 18 e 19 anos, e concordaram em participar voluntariamente da pesquisa.

6.3 – Procedimento

Os quatro indivíduos que se mostraram interessados em participar da pesquisa receberam informações sobre como seria o processo e assinaram um termo de consentimento, declarando estar cientes de tudo que iria ocorrer durante a fase da pesquisa. Todos concordaram em ser entrevistados, em ter suas vozes gravadas em áudio, e tiveram acesso às transcrições de suas entrevistas. Como já foi dito, a coleta de dado foi realizada em três *shopping centers* da região central da cidade de Curitiba, em horários escolhidos pelos entrevistados, e tiveram duração média de 30 minutos. Os *shopping centers* foram escolhidos como local das entrevistas por se tratar de locais públicos e neutros, onde o entrevistado poderia se expressar livremente e se sentir à vontade. Seguindo um roteiro de entrevista contendo questões amplas e previamente definidas, o pesquisador abordou os temas considerados relevantes para a presente investigação, inserindo questões

mais pontuais no decorrer do processo, ao mesmo tempo em que o entrevistado se sentia livre para responder como lhe parecesse mais apropriado. O capítulo 7 traz um apanhado geral dos dados que emergiram das entrevistas.

7. Segunda etapa: Descrição e análise dos casos

Os quatro jovens entrevistados tinham perfis bastante interessantes e distintos. Encontram-se aqui padrões sócio-econômicos altos, médios e baixos. Há dois estudantes universitários, um estudante de curso pré-vestibular, e um auxiliar administrativo, que há pouco tempo concluiu o Ensino Médio. Esses jovens viviam em realidades diferentes e possuíam visões diferentes de mundo. Três jovens eram do sexo feminino e apenas um era do sexo masculino. Dois deles se definiam como músicos, tinham formação musical e experiência no aprendizado de instrumentos, canto e teoria musical. Todos tinham muitas histórias pra contar e opiniões formadas. Os nomes dos quatro jovens foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar a identidade e garantir seu anonimato. Os casos estudados nessa pesquisa foram descritos nesse capítulo, e as transcrições integrais das entrevistas estão disponíveis no anexo 03.

7.1 – Caso nº 01: Elis, 18 anos, sexo feminino, estudante universitária.

Elis nasceu no interior do Paraná, e se mudou pra Curitiba aos 13 anos de idade. Estudante universitária do curso de música da UFPR, Elis, aos 18 anos tem uma prática musical bastante ativa, cantando em bares, e realizando atividades educativas voltadas ao aprendizado musical. Falante e empolgada, Elis respondia prontamente às questões da entrevista, que foi diversas vezes interrompida por gargalhadas de ambos os envolvidos.

A entrevista

Conseguir marcar a entrevista com Elis foi fácil, o único problema, porém, foi achar um horário vago entre suas muitas atividades. Por fim, a entrevista acabou

sendo realizada em um fim de semana, no corredor de um *shopping center* pouco movimentado, em um bairro nobre da cidade, devido à proximidade do estabelecimento com a casa da entrevistada. Ao chegar lá, já devidamente instruída sobre o procedimento da entrevista, da gravação, e sentada confortavelmente, Elis começou a responder às perguntas que lhe eram feitas, e que renderam diversas páginas de texto, além de muitas novas idéias.

Proveniente de uma família que tem a música como um elemento presente no cotidiano, Elis cresceu com seus pais e parentes cantando, tocando, ouvindo e valorizando a música, o que certamente lhe proporcionou um repertório bem diversificado, além da prática musical constante. Segundo sua mãe, desde pequena, Elis acompanhava as canções de ninar, mesmo sem saber falar.

“Minha mãe fala que eu cantava junto quando ela (cantava junto), quando cantava pra eu dormir, eu ficava acompanhando, e tal. Às vezes é pira, mas ela me fala que eu ficava... ah... sabe, assim, acompanhando?”

Elis se mostrou interessada em cantar logo cedo, e ainda pequena, começou a participar de concursos, cantando o repertório escolhido por seus pais. Nessa época, ela ainda não tinha um repertório próprio, aceitando as escolhas da família. Somente mais tarde, já adolescente, é que ela começou a querer fazer suas próprias escolhas musicais. Essas escolhas de repertório, tanto de seus pais, quanto as suas próprias estão descritas abaixo, nas próprias palavras da entrevistada:

“(...) quando eu cantava assim, em concurso, tudo, não era eu que escolhia as músicas, era eles que davam idéia, sabe? Puxa vida... Depois que eu fiquei... maior... De criança eu escutava, ah! Sandy e Júnior, Xuxa, Eliana... Tudo, mas não pra cantar. Depois que eu fiquei grande, eu participei de concurso, primeira vez que eu cantei foi uma música que eles sugeriram, a segunda vez também, a terceira vez também... E assim foi. Quero ver, coloca aí uns 13 anos que eu comecei a ouvir e cantar o que eu gostava, entendeu ? (...) Ouvir, eu ainda ouvia o que eu gostava por ser aquelas coisas assim,

Sandy e Júnior, aquelas coisas de criança, mas cantar eu não cantava. Cantei uma vez Sandy e Júnior, que eu gostava, assim. [fora isso, você cantava o quê?] Nossa, eu cantava Biafra, cantava, Milton Nascimento, Raul Seixas... [que era aquilo que seus pais ouviam em casa?] Era o que eles achavam, as músicas que eles gostavam, assim, que eles davam, nossa, que música legal, tudo. Aí eu ouvia e gostava. Mas depois, que eu comecei, daí quando que eu comecei a ouvir *Heavy metal*, que eu comecei a ficar perigosa daí, (risos) daí já tinha uns 13 anos, mais ou menos.”

Sobre seu aprendizado musical, Elis diz que começou a cantar num festival de final de ano da escola, e, mesmo sem estar muito preparada, ficou em primeiro lugar. A partir desse acontecimento, ela passou a se dedicar ao estudo de música, tendo aulas de teoria, piano, teclado, órgão e técnica vocal, sempre em escolas de música ou conservatórios. Além das aulas formais, Elis começou a cantar sem estudar técnica vocal, e aprendeu violão de maneira autodidata, vendo seu pai tocar.

“(...) eu cantava do meu jeito, sem saber se tava certo, lógico, sem saber se tava certo ou se tava errado, né? Daí depois, mas até eu acertar a técnica vocal foi muito tempo (...).”

Elis comenta que, mesmo sem a técnica vocal correta, seus colegas de sala gostavam de vê-la cantando, e que ela, então levava seu violão para a escola. Sobre o papel da música em suas relações interpessoais, ou seja, como as pessoas de seu convívio, tais como amigos, colegas, parentes, entre outros, se relacionam com a música, Elis narra alguns acontecimentos que deixam claro que alguns de seus amigos têm na música, ou no gosto musical, um ponto de interesse e comum, e que isso é algo que eles compartilham.

“Tinha um amigo meu que gostava muito do Eminem, nossa, ele pintava o cabelo igual, ele era muito igual ao Eminem porque ele tinha olho azul também. Daí não, a gente conversava as músicas que ele, que, que... cantava, cantar as músicas, assim, não, você ouviu aquela, você viu a nova, sabe essas coisas assim? Daí... a Ana, que era do *heavy metal*, uma vez a gente se pegou discutindo a letra de

uma música, o que que ele quis dizer aqui, daí quando a gente se deu conta, a gente se xingou assim, nossa que idiota, lógico que tava claro, assim. Sempre teve assim muita, lógico, que você não fica conversando, oh, que você acha de tal artista, não é, não era isso, porque, até porque faz pouco tempo que eu saí do colegial, né? Mas sempre que dava, viu o novo clipe de não sei de quem, aquela música, como que é aquela música, como que é aquela parte... mas assim, não tipo... acho que mais que isso não.”

Já no que diz respeito ao seu relacionamento com amigos que tinham gostos musicais distintos, Elis deixa claro que nunca houve falta de respeito entre os fãs de gêneros diferentes, e sua facilidade em transitar entre os vários “mundos” da música, sendo amiga de fãs de RAP ou *heavy metal*, sempre se deu grandes preocupações.

“É, se você for ver, às vezes às pessoas brigam, mas num... lá não, a gente sempre discutia, e tal, e eu sempre gostei muito, conversava com um do *heavy metal*, conversava com outro do RAP, sabe? Então, pra mim era tranquilo.”

Quando questionada sobre a influência dos diversos estilos musicais e até mesmo dos próprios artistas sobre o comportamento dos jovens, Elis disse ver a música como uma saída, que pode ser utilizada como uma maneira de expressar algo com o qual a pessoa se identifica, de acordo com o momento em que ela se encontra, e muitas vezes ainda, devido a uma identificação com a própria música e conseqüentemente com um artista/ ídolo. Essa identificação pode, inclusive, levar os jovens a se utilizarem de “fantasias”, como roupas, acessórios, que parecem os aproximar ainda mais do ídolo.

“Sabe o que que eu acho? Que quando você escuta é... um determinado estilo de música e gosta, você vai atrás da pessoa que tá por trás dessa música.(...) a música leva até o ídolo, e o ídolo te dá a referência porque a música não tem como dar nenhuma referência pra você, até porque nenhuma pessoa pára pra prestar atenção na letra música, tem isso, então, às vezes gosta da música só por causa do ritmo, ou da melodia, sei lá. Mas, é... depois você vai

conhecer o porque que o cara fez, o que ele tava pensando, tal, e você entende. Mas o que vira referência pra você é a pessoa, não é a música, então (...) o ... cara., o artista, o dono da música vira tua referência, vira o teu, o teu modelo, entendeu? A minha amiga andava de bandana na cabeça, com bracelete, esse amigo andava de, igual o Eminem, tinha um que tinha um cabelão black power e tal, mas aí era basquete, mas mesmo assim, é uma referência de uma pessoa que faz aquilo, e não daquilo propriamente dito. “

No que diz respeito ao papel da música, em sua vida atual, Elis diz que a música proporcionou e ainda proporciona mudanças em sua vida, em sua maneira de viver, em suas expectativas profissionais, entre outros aspectos.

“O que eu acho, assim, falando assim... música, é, melodia ritmo e... letra (...). Não é essa música que me muda, entendeu, não é essa música que me muda (...). Não é essa música, mas é... a música, é... a música, o lado mágico da música, entende? O que tá por trás de tudo isso. (...) A música, ela passa valores involuntariamente, entendeu? Nesse sentido, essa música, esse papel da música, a música que transforma, tudo... essa música que me mudou“.

Elis ainda faz diversas considerações relacionando música e formação dos jovens, deixando clara sua opinião de que o jovem tem identificação com determinados estilos musicais de acordo com as situações vividas por ele, ou ainda, de acordo com os sentimentos que tem em cada situação. Além disso, ela também afirma que muitos dos estilos ouvidos pelos jovens o são por motivos extra-musicais, como rebeldia, aspectos visuais (relativos a moda, aparência, entre outros, tão divulgadas em videoclipes, *shows*, entre outros meios), ou identificação com a realidade de cada um, como no caso do RAP, ou do samba, por exemplo.

“(...) a música de protesto, os caras da favela (...). Pra mim fica muito claro, muito característico, o que a pessoa vive, porque ela fala aquilo... ela canta daquele jeito porque ela vive aquilo (...)”

Ao final da entrevista, Elis fala sobre a importância que o aspecto extra-musical (isto é, a moda, as atitudes) tomaram em suas respostas, pois em alguns momentos a música chega a parecer não ser o assunto principal em toda essa busca por identificação com grupos, estilos, ídolos e tantas outras buscas pessoais.

“(...) acho que tem a identidade, pra mim é que mata, a charada pra mim é a identidade. Se você tá se sentido bem, você vai escutar uma música que, que,... mostre que você tá se sentido bem. Que você é... que você identifique como algo que te faz bem. (...) É que eu acho, que a música é um jeito de você falar (...) Mas eu não acho que a música (...) não é o mais importante, porque a música é justamente o elo, entre a pessoa, o, o que escuta, o sentimento e o sentimento de quem ta escutando, a, a música é justamente o que junta tudo (...)Você entende o que eu quero dizer? A música é como se fosse um elo, entre a pessoa, aquilo que ela quer dizer e pra quem ela quer dizer. Eu acho que é isso”.

7.2 – Caso nº 02: Nádia, 18 anos, sexo feminino, estudante universitária.

Estudante universitária de 18 anos, de baixa estatura e um sorriso muito simpático, Nádia foi a primeira pessoa a se prontificar a participar da pesquisa, respondendo aos e-mails, além de encorajar seus amigos a participarem também. Nosso encontro ocorreu em um *shopping center* próximo ao seu local de trabalho, com certo nível de barulho, devido às músicas natalinas que começavam a soar pelas lojas, motivo pelo qual a entrevista da única ex-aluna da escola estadual em que os questionários foram aplicados, foi literalmente, uma das mais musicais de todas.

A entrevista

Após a troca de diversos e-mails para acertar horários e locais possíveis, finalmente o encontro aconteceu, em um horário bastante movimentado, após o expediente de trabalho da entrevistada. O mais complicado talvez tenha sido

encontrar um local silencioso para não comprometer a gravação da entrevista. Em poucos minutos, Nádia estava ciente do que estaria participando, e ao som de diversas músicas natalinas, iniciou-se a entrevista.

Nádia mora com a mãe e com um irmão. A mãe já foi cantora de rádio, e o irmão teve banda, tocava violão. Ela prefere restringir sua prática musical à audição musical, em diversas situações do cotidiano, dando preferência a seu estilo musical predileto, o Reggae.

“Eu acho assim, qualquer casa, música, né, alegre... minha mãe escuta música o dia inteiro, é... lavando roupa, escutando... tudo, assim. Meu irmão tocava violão... Tinha, tinha... até teve uma banda, apareceu em programa de televisão, essas coisas, mas... não deu muito certo. Eu gosto também assim de música, tipo... tá tomando banho, escutando música, dormindo, escutando música... é... não tem aquela coisa assim, ai, a gente se reúne e canta. Não.”

Apesar de não se lembrar desde quando começou a gostar de ouvir música, e de suas primeiras experiências musicais, Nádia tem uma suspeita:

“Precisamente não, acho que eu nunca não gostei. Tipo Xuxa pode ser?”

Nádia conta que sua mãe, apesar de ter sido cantora de rádio, aprendeu “de ouvido” e que ela mesmo nunca teve uma aula de música, apesar de ter vontade de aprender a tocar violão. Mesmo na escola onde estuda, nunca houve uma aula voltada para o ensino da música propriamente dita, talvez apenas algumas tentativas superficiais.

“Eu acho assim, na verdade... o aprendizado, às vezes assim, você não tem aquela coisa de olha, ele tá tocando um dó... né? Aquela coisa. Você gosta porque você acha legal, mas você não tem aquela, nem cultura, mas aquela erudição de saber o que o cara tá fazendo...”

e até mesmo na escola. O que você aprende lá é o que ? Ah, que o Brasil é samba, e pronto... né?”

Mais uma vez, percebe-se a pouquíssima atenção dada para o ensino da música nas escolas, que não favorece o enriquecimento da cultura dos alunos. Para que o indivíduo possa ter acesso a novas informações, ele precisa tomar conhecimento da existência das mesmas, e a escola, aqui, não fez seu papel de pelo menos, divulgar alguns dos tantos estilos musicais existentes, passar conhecimentos sobre a teoria musical, ou tantas outras abordagens possíveis sobre o assunto. Sobre seu gosto musical, e o desenvolvimento dele, Nádia parece bem preocupada com as letras das músicas, com a qualidade do que está “saboreando”, como ela mesma diz:

“Então, tipo assim, eu gosto de músicas que tenham letras legais, sabe? Gosto muito de reggae, acho tipo... uma mensagem bacana... prefiro nacional, eu gosto de entender o que que eu to ouvindo.”

Uma das maneiras de buscar conhecimento é procurar os “iguais”. Nesse caso, a jovem buscou em amigos e colegas, uma identificação com diversos pontos, um deles, certamente foi a música, não necessariamente a preferência musical, mas o gosto pela música. Nádia diz que nem todos os seus amigos têm o mesmo gosto musical que ela, mas que isso não impede que se relacionem, que saiam juntos e nem que conversem sobre a música que estão ouvindo. Para isso, ela prefere sair em locais “neutros”, ou seja, locais onde não exista exclusivamente um estilo musical, ou ainda, que tenham apenas música ambiente, já que é possível não prestar tanta atenção na música, para ouvir e ser ouvida, nas conversas com os amigos.

“(...) você não precisa curtir, amar, escutar em casa. É coisa, tem coisa que você escuta, tem coisa... acho que tem coisas que você escuta e tem coisa que você ouve. Entendeu? Você escutou, aí escutei pagode... normal, mas... ouvir sentir, não vai ser a mesma coisa, se você não tá curtindo, propriamente dito.”

Nádia fala sobre como a música a influencia, principalmente as letras das músicas, e as mensagens que elas trazem.

“(...) assim... se você escuta as músicas, tipo você começa a... não tipo fica ah, paz e amor... claro, mas você começa a pensar, tem muita, tipo, tem muita letra bacana, assim... te faz pensar sobre o mundo, a sociedade, política, sobre teu modo de ser também, às vezes teu modo de se vestir, né?”

Ela crê que essa influência existe, e que ocorre diferentemente para homens e mulheres, já que os “meninos” parecem levar mais a sério a questão de separação de grupos devido ao gosto musical, muito mais do que as “meninas”.

“Na verdade... pode ser assim, no caso dos homens, dos meninos, levam mais a sério, isso... assim... como eu te falei, essa questão de não se misturar, acho que eles levam mais a sério isso. Ah, não me misturo. As meninas já não, eu acho... acho que pode ter uma coisa mais: “ah que legal, você curte”, né? (...)”

Ao final da entrevista, Nádia ainda comenta sobre a influência da música na formação do jovem, e diz que muitos fãs de determinados estilos são mesmo influenciados, por que concordam com a imagem e conteúdo de idéias (letras) que cada estilo carrega consigo. Segundo a entrevistada, uma forma saudável de vivenciar a música, é ouvir um pouco de cada estilo, talvez para tirar o que cada um deles traz de bom, sem, é claro, ficar preso a modismos.

7.3 – Caso nº 03: Rosa, 19 anos, sexo feminino, auxiliar administrativo.

A única a não ter respondido o questionário da primeira fase da pesquisa, Rosa, auxiliar administrativa de 19 anos de idade, chegou a essa pesquisa por indicação da amiga de trabalho Nádia (caso nº 02). Fã incondicional de *Rock*, e a única que não estava estudando no momento da entrevista, Rosa certamente foge do estereótipo dos fãs desse estilo, no que diz respeito à maneira de se vestir, principalmente. Com respostas afiadas e muita convicção do que diz, Rosa diz que não pretende mudar seu gosto musical, e que não abandona “de jeito nenhum” suas bandas favoritas, Guns N’ Roses e Aerosmith.

A entrevista

Ao encontrar Nádia no horário e local combinados, ocorreu uma surpresa. Rosa, sua amiga e colega de trabalho havia vindo participar da entrevista. Sem saber exatamente sobre o que se tratava a pesquisa, Rosa teve algumas dúvidas quanto à sua participação, mas essas dúvidas foram esclarecidas assim que a pesquisa lhe foi explicada detalhadamente, ao som das mesmas canções natalinas da entrevista anterior.

Rosa conta que em sua casa, seus pais ouvem muita música no rádio, que o pai toca violão, e que toda essa presença da música em casa a influenciou muito, já que sempre que é possível, ela está ouvindo música. O gosto musical também foi influenciado pelos pais, que gostavam de *rock*, e acabaram passando para a filha essa preferência.

“Eu acho que... bom, música é fundamental pra todo mundo, né? Ouço música de manhã, na hora do almoço, na hora que eu volto, e em casa assim meio difícil, porque eu passo muito pouco tempo em casa, assim... mais a noite, mas é... assim, se eu pudesse ficar o dia inteiro ouvindo, eu fico o dia inteiro. [O que você ouve?] Eu gosto de

rock [de *rock*?] Gosto, mais antigo, tipo Guns, Aerosmith, Nirvana, esse tipo de coisa.”

Rosa começou a desenvolver seu gosto pela música e pelo *rock* ainda criança, aos 6 ou 7 anos, ouvindo em casa, e diz que nenhum outro estilo hoje em dia a faz sentir a mesma atração que ela sente pelo *rock*; os outros estilos simplesmente não a agradam. Apesar de gostar muito de ouvir música, Rosa nunca estudou nada sobre o assunto, a não ser os 3 meses em que fez aulas de violão. Nem na escola, nunca aprendeu nada, e o que sabe, procurou saber por conta própria, ainda que esse conhecimento estivesse relacionado às letras das músicas, às bandas, e não à música em si. Sobre a presença das aulas de música na escola, ela comenta:

“(...) eu acho que devia ter... porque a gente tem tanta coisa, tipo ensino religioso... é uma coisa que poderia ser colocada no lugar, entendeu? Você ocupa sua mente melhor, você, sei lá, amplia, você tem mais conhecimento.”

Outra vez a sala de aula aparece como um local onde as aulas de música não acontecem, onde não há troca de informações sobre esse assunto. Esse tipo de troca, então, acaba normalmente ocorrendo fora das salas, entre colegas, ou mesmo entre amigos, vizinhos, parentes com idades próximas. Rosa comenta que não tem muitos amigos, e que, os poucos que tem, não gostam do mesmo estilo musical, com exceção de dois primos. Com esses, ela se encontra às vezes, e ouvem música juntos, tocam e cantam. Sobre seu ambiente de trabalho, ela comenta sobre a diferença de idades e conseqüente diferença de preferências musicais existente.

“(...) eu tenho 19 anos, a minha, uma colega de trabalho minha tem 29, ela gosta de funk e de pagode, a minha chefe tem 30, ela gosta de MPB. E a outra, tem um estilo assim meio variado, entre sertanejo

e música clássica. Então normalmente quando a gente entra num assunto, não vai dar certo.”

Apesar dessa declaração, Rosa acha possível haver uma convivência pacífica entre fãs de diferentes estilos musicais, se houver concessões:

“É, acho que daí... é num ponto de você deixar a música de lado, né? Por que não dá, porque daí você entra num contratempo com a pessoa, porque você fica querendo discutir, porque você sempre acha que teu gosto é melhor do que o outro, então sempre vai querer mostrar que o teu é melhor. Eu acho que deixando isso de lado, a pessoa consegue, mas quando ela é muito assim fixada, naquilo e não... é aquilo e ponto final, acho que não tem jeito.”

Rosa também afirma categoricamente que a música pode influenciar na maneira de ser, e no comportamento das pessoas, que podem ser influenciadas de diversas maneiras, a ficarem melancólicas, tristes, ou terem comportamentos vulgares, ou até o uso de drogas, tudo isso por uma interpretação errônea, dos estilos musicais e do comportamento dos artistas relacionados a esses estilos. Isso também fica claro no uso de roupas similares às dos músicos de um determinado estilo, e Rosa usa exemplos pessoais quando diz que já passou pela fase de se vestir somente de preto, afirmando ser fã de *rock*.

“Acho que o palavreado da pessoa muda, eu acho que o comportamento da pessoa muda, o jeito que ela anda o jeito que ela senta o jeito que ela fala... às vezes não, às vezes não... eu posso, eu devo estar enganada em muitos casos, entendeu? Mas eu acredito que sim, acho que a pessoa, ela não tem como disfarçar, entendeu? O que ela gosta, o que ela é... não tem como... certo?”

Rosa ainda diz não ver diferenças entre gêneros, nesse sentido, generalizando o comportamento de homens e mulheres, mas suas declarações foram mais voltadas a aspectos visuais relacionados à música, tais como roupas, e acessórios, do que ao comportamento das pessoas. Porém, quando aborda o

assunto, ela justifica suas declarações comentando que os jovens (de um determinado grupo), sejam eles de que sexo forem, estão sendo influenciados pelo mesmo estilo musical, pelo mesmo artista, têm as mesmas referências, e talvez por isso, seja difícil encontrar grandes diferenças em seus comportamentos. Ela complementa:

“Olha, eu acho que como pessoa, é complicado, porque daí você vê muito aquela coisa da pessoa se deixar levar. Ela tem que ter, ela tem que ter aquele, o chamado caráter, né? A pessoa quando ela tem um caráter, ela pode... gostar do que for, que ela gosta, mas ela mantém aquele comportamento dela, porque ela tem a mente formada. Agora a pessoa que ela é muito influenciável, ou que, às vezes até é questão de, ela precisa agradar os outros, ela precisa se sentir bem, ou às vezes nem se sente, ela precisa de alguma coisa, ela sim, ela acaba se deixando levar, entendeu? É aquele... é aquela coisa do comportamento, ela não sabe interpretar muito bem aquilo, então ela precisa demonstrar no comportamento dela, que ela é daquele jeito, entendeu, que ela gosta daquele estilo e ponto final. Eu acredito assim.”

7.4 – Caso nº 04: Flávio Henrique, 19 anos, estudante.

Nascido em uma família de músicos, Flávio Henrique, vestibulando de 19 anos, dedica grande parte do seu tempo ao estudo da música, principalmente aos seus 3 instrumentos preferidos – baixo, violão e bateria – além das aulas de teoria, para se aperfeiçoar. Ele pretende prestar vestibular para o curso de produção sonora da UFPR no próximo ano. Polido e educado, conta que sua formação musical se deu em casa, na escola e na igreja, além das brincadeiras musicais das quais participou desde muito cedo, tocando na banda da mãe e de parentes.

A entrevista

Flávio concordou prontamente em participar da pesquisa, escrevendo diversas vezes para marcar o encontro, e acertar detalhes. Houve alguma

dificuldade nesse processo, devido a alguns contratempos, mas felizmente, tudo deu certo. O encontro foi proveitoso, ele é um rapaz bastante acessível, que gosta de conversar, principalmente sobre música, preferencialmente sobre o *rock* e suas diversas vertentes.

Flávio Henrique surpreende com suas respostas, principalmente quando fala sobre seu histórico familiar que é muito musical. A mãe é cantora, o pai é amante da música e músico amador, os tios são músicos profissionais, e por conviver desde muito cedo com ensaios, instrumentistas e corais, Flávio não teve muita escolha. A música apareceu pra ele como uma brincadeira, que ele está levando a sério.

“(...) na verdade eu escuto música desde pequeno, né? Toda minha família é família de músicos, tem envolvimento com música, com relação a coral, é... alguns têm banda, outros têm... tocam nas igrejas, outro têm estúdios, mesmo... então essa formação veio desde berço pra mim. Pra mim é ótimo, assim. Eu tenho até uma curiosidade, assim, que, a minha mãe, quando eu era, quando eu era bebê, assim, “vâmo dizê” assim, é... quando eu ainda tava dentro do ventre da minha mãe, ela pegava o fone de ouvido e colocava assim na barriga, e colocava pra eu escutar (...).”

Hoje em dia, ele se dedica à música e faz aulas de teoria musical, pois pretende tentar o vestibular para o curso de Produção Sonora, da Universidade Federal do Paraná, além de ter aulas de seus três instrumentos preferidos. Flávio conta que está tentando montar uma banda com seus amigos, para tocar *rock* progressivo, um dos estilos de que mais gosta, mas que nem por isso deixa de ouvir outros estilos musicais.

“Acho que o único estilo de *rock*, que eu não curto mesmo, de *heavy metal* é o trash metal, que é... pra mim é muito “escroto”, assim. Nossa, os cara são... “escroto” mesmo! Mas assim, o resto tudo eu curto, assim, tipo, *heavy metal*, classic metal, new metal, *rock*, pop *rock*, hard *rock*, tudo... eu ouço, assim”.

Com toda essa vivência musical, é natural que ele tenha um gosto bastante eclético, já que conviveu e convive com diversos segmentos musicais, desde a música da igreja que frequenta, até os gêneros mais pesados, que costuma ouvir em casa.

“(…) só não curto três estilos de música, em particular, que é o estilo de música tipicamente nordestino, da Bahia, chamado Arrocha, cara... é muito grotesco, você ouve só pra se matar de rir, mesmo, porque é horrível. É...o funk eu não curto ouvir, ouço mais só por causa, eu ouvia, né? Mais por causa de ver as meninas dançando, essas coisas. Nada burro, né? É... agora não posso mais, to namorando, né? Então, beleza. E o rap eu não curto muito, mas ainda ouço por causa que eu danço um pouco de, do Hip Hop, então, do break dance, então eu ouço de vez em quando assim, mas por mim eu não ouço muito. Mas ouço de vez em quando.”

Apesar de toda essa informação musical que recebeu até hoje, Flávio diz que, até pouco tempo atrás, aos 16 anos, nunca havia feito nenhuma aula formal de música e que seu aprendizado se deu todo de maneira informal, vendo os parentes e amigos tocar, recebendo alguma ajuda dessas mesmas pessoas. Na infância, estudou em uma escola adventista, a qual oferecia aula de música, mas pelo o que conta, a aula de música na escola se restringia a aspectos teóricos, de nomenclaturas, por exemplo, além de aulas de coral. Sobre os aspectos da sua formação musical, ele diz que:

“Não, nunca tive aula, assim. Comecei a ter aula agora depois de jovem, sabe? Tipo, dos 16 anos pra cima, comecei a ter aula, de baixo, bateria, violão. Mas nunca tive aula (...) Comecei a ter aula mesmo pra poder aprender técnicas e formação mesmo, dos 16 pra cima. Antes eu sempre aprendi sozinho, vendo os outros tocando, a minha mãe, é... pelo menos me ensinou as notas básicas do violão, o resto eu fui buscando, fui aprendendo sozinho, é... só teoria musical assim que foi mais complicado, mesmo, que eu tive que pegar agora pra poder aprender mesmo (...) Foi mais fora de aula, fora da sala mesmo. Porque... aí eu pegava a bateria, minha mãe tocava junto comigo, a gente cantava junto. Colocava a música pra escutar e eu ficava lá tentando tirar a música. Um pouco no teclado também,

pegava assim , mais pra brincar, mas pegava de vez em quando. Então, é... foi mais fora da sala de aula mesmo, dentro da minha casa, com os meus parentes, que eu fui aprendendo. Às vezes, eu... como eu... eu morava em São Paulo, vim morar pra cá, é... tinha parentes aqui já, aí eles tinham banda, a minha mãe ia lá de vez em quando, eu via... aí, eles deixavam tocar bateria lá com eles, eles tocavam o ritmo, às vezes eu pegava assim, um pouquinho teclado, brincava ali, o violão, ficava brincando um pouquinho. Então, foi dentro da minha família mesmo que eu tive essa formação musical, agora que eu to tendo aula mesmo pra poder encaminhar mais, pra poder é... “tá” mais focado em relação a faculdade, com relação a seguir profissão, carreira ... musical.”

Flávio, apesar das diversas horas de estudo musical por dia, também se dedica a outras atividades, e talvez por isso, muitos de seus amigos não sejam músicos, ou tenham gostos musicais muito diferentes do dele, mas isso não parece lhe preocupar. Ele diz não conversar muito sobre música com seus amigos, a não ser com os que tocam com ele, mas comenta que troca muitas músicas com um amigo seu, fã de samba. Ele também diz que a música pode tê-lo influenciado a ser o que é, já que ela está presente em sua vida de forma muito intensa, segundo ele, 24 horas por dia. O vestibulando acha que a música tem o poder de formar o cidadão, o caráter, e que pessoalmente, ela chegou a influenciá-lo dessa forma, e, além disso, teve um papel decisivo em seu gosto musical e até mesmo em seu modo de vestir. Apesar disso, ele crê que a música não tem (ou não deveria ter) o papel de formar tribos, e explica:

“(...) eu acho que a música em si, faz essa formação do cidadão, tipo... respeito, questão de... não formar tribos, né? Porque tem diferença entre curtir tribos e curtir música, que a música em si, é formação do caráter, de respeito, de identidade, e... tribos é mais questão de essas coisas de pancadaria... os cara: ah, eu curto isso, você não curte e (soca a própria mão) mete pau! Eu acho isso daí uma tolice, cara! Se as pessoas se respeitassem mais, como a questão da música, os próprios músicos têm respeito entre si, músicos de estilos diferentes, então... eu acho que, eu levo isso pra minha vida, questão de respeito, questão de gosto, então... é crescimento também, formação do caráter do ser humano, e é isso que eu levo como música em relação aos meus amigos e assim, em

geral na minha vida. (...) Pessoas que não têm o que fazer, pegam qualquer pretexto pra poder entrar numa briga, entendeu? Então pode ser tanto uma questão de música, quanto questão de time, qualquer questão mesmo. Ah, um é skinhead outro é negro, os cara se fecham no pau... eu acho que isso daí é... pessoas que não tem caráter, mesmo, assim, que não tem uma identidade própria, que seguem um grupo qualquer, vamos dizer assim. A música em si, é... não é questão de formação de caráter, [é] questão de formação de caráter em relação a respeito. A música impõe muita disciplina e respeito. Quem estuda música sabe disso.(...)"

Flávio Henrique participa de uma igreja Adventista, mas diz que esse seu ponto de vista não é necessariamente relacionado à igreja, mas aprendido em casa, com sua família, ou na escola, mesmo. Trata-se apenas de uma questão de respeito ao próximo.

"(...) eu aprendi com a música da igreja a louvar a Deus, então, acima de todas as coisas, mas o gosto pessoal mesmo, é questão de respeito, isso eu já aprendi na minha família, e na minha... e na escola, também, questão de respeito, como por exemplo, cada um tem seu gosto, mas não levar aquilo acima de todas as coisas".

Um dos temas mais recorrentes nessa pesquisa, inclusive na fala de Flávio Henrique, foi o *funk* e a vulgarização (apelo sexual) de quem participa de festas ao som desse estilo. Sobre esse tipo de influência musical no comportamento, ele diz não ver diferenças de comportamento de homens e mulheres, apenas comenta a vulgarização da mulher, que alguns estilos musicais (ou seus praticantes) promovem. Tendo em vista que o estilo é estigmatizado também como sendo de baixa qualidade, feito para pessoas pobres, com menos conhecimento, Flávio argumenta também sobre as diferenças de classe social, e acha que não é uma regra que as pessoas com menos condições financeiras tenham necessariamente um gosto musical menos desenvolvido. Do contrário, pessoas financeiramente mais

abastadas podem também apreciar músicas de gosto duvidoso. Ele afirma euforicamente:

“(...) eu já vi muita pessoa que é muito bem de vida, que curte funk, e (...) pessoas da periferia que curtem música clássica, eu já vi isso (...)”

7.5 – Interpretação

Com o objetivo de interpretar e contrastar as respostas dos jovens às questões norteadoras da presente investigação, suas falas foram resumidas nesta seção, e o conjunto das respostas discutido à luz do referencial teórico dos capítulos iniciais.

7.5.1 A música em casa

Quando questionados sobre a música no ambiente doméstico e familiar, os entrevistados demonstraram claramente a presença constante da audição musical no cotidiano, frequentemente por influência ou na companhia dos familiares:

“(...)bom, lá em casa, a (minha irmã) escuta muita música, meu pai ouve muita música, agora a gente mandou consertar uma vitrola, de disco, que é muito massa. Então meu pai assim, tá... tá adorando. A (minha irmã) ouve música, minha mãe escuta muita música, mais na rádio, porque ela é... fica mais dentro do carro, né?” (Elis)

“(...)minha mãe escuta música o dia inteiro, é...lavando roupa, escutando... tudo, assim. Meu irmão tocava violão... Tinha, tinha... até teve uma banda, apareceu em programa de televisão, essas coisas, mas... não deu muito certo. Eu gosto também assim de música, tipo... tá tomando banho, escutando música, dormindo,escutando música... é... não tem aquela coisa assim, ai, a gente se reúne e canta”. (Nádia)

Esses resultados não surpreendem, já que a audição musical é possivelmente a principal forma de engajamento musical de jovens (Pimentel et al, 2005; Roberts et al, 2003). Na juventude, a música cumpre diversas funções sociais (ver Hikiji, 2006), inclusive a de preencher espaços ou de “pano de fundo” para outras atividades

cotidianas (North & Hargreaves, apud Hargreaves, 2005). Aqui, há a sugestão de que a audição na vida desses jovens tem funções que vão além da simples fruição musical (Dimenstein, 2006; Merriam, 1964; Palheiros, 2006), uma vez que os jovens demonstraram ouvir música ao mesmo tempo em que realizavam outras tarefas, como conversar com amigos pelo computador, como bem sugeriu Flávio Henrique:

“(...) bem, eu ouço quase toda hora, todo o tempo, assim. Só não ouço em momentos assim que eu estou conversando, porque aí seria falta de respeito... com certeza, né? É... mesmo... por exemplo, conversando pelo msn, orkut, essas coisas, você ta ouvindo música, eu to ouvindo música, normal”. (Flavio Henrique)

A utilização da música como “pano de fundo” para outras atividades também aparece em todas as citações. Além disso, todos os entrevistados fizeram comentários sobre as práticas musicais dentro de casa, citando o canto, na maioria das vezes, como uma das principais formas do fazer musical.

7.5.2 Família

Nem só de audição vivem os jovens entrevistados. Em casa, eles costumam cantar ou ouvir outros integrantes da família cantando (ver Russell, 2001). É interessante que alguns são muito críticos em relação às suas vozes cantadas, mas dizem cantar mesmo assim:

“Bom, lá em casa, tem meu pai, que ele gosta muito de música, ele toca violão de ouvido, ele canta muito bem ele é super afinado. A minha mãe já tocou violão também, naqueles grupos de violão, sabe, então ela já tocou violão, já cantou, agora ela não canta tão bem assim, mas meu pai canta bem pra caramba. E... a (minha irmã)¹⁶ também canta, muito bem, só que ela tem, ela é mais tímida, ela não quer, assim, não é a praia dela, mas ela canta muito bem, a voz dela é super afinada, super...”(Elis)

¹⁶ O nome da irmã de Elis foi substituído por “minha irmã”, para preservar sua identidade.

“Eu nunca compus nenhuma música, também acho que eu não “dô” muito certo pra essas coisas. Cantar é uma coisa que é pior ainda, mas eu canto, daquele jeito. (...) Eu sou “desafinadamente” ruim, muito ruim, mas eu canto assim, bastante, às vezes resmungo... eu canto bastante, tocar eu não toco nada, meu violão ta parado até hoje, ta lá, nunca mais peguei. É isso...”(Rosa)

Das mais variadas formas, seja como *hobby*, apenas por diversão, ou com intuítos profissionais os jovens ouvem seus estilos favoritos, cantam e aprendem a apreciar ou a rejeitar a música que ouvem com seus familiares. Em outras palavras, a música tem um papel importante e faz parte do cotidiano doméstico dos entrevistados, conforme sugerido por estudos anteriores (Palheiros, 2006, Hargreaves, 2005; Russell, 2002).

7.5.3 Gosto musical

Os jovens entrevistados também tinham posições muito claras acerca dos repertórios ouvidos em casa. Nesta pesquisa, o *rock*, por exemplo, emergiu como um dos gêneros favoritos dos participantes, o que corrobora estudos anteriores (Roberts et al, 2003; Pimentel et al, 2005; Abramo & Branco, 2005; Jungblut, 2007)

“Eu gosto de *rock* (de *rock*?) Gosto, mais antigo, tipo Guns, Aerosmith, Nirvana, esse tipo de coisa” (Rosa).

“Ouço mais o *rock* e variantes, variações do *rock* e do metal. Pra mim, que é o estilo que eu curto mesmo. Não que eu não ouça outros estilos, até ouço, acho... legal assim, ouço por causa da questão de treino, estudo, acho legal também, por ex, bossa nova, eu acho legal, curto, ouço... música clássica, eu gosto! Por incrível que pareça, *rock*... totalmente contramão, mas que um surgiu na formação do outro, né? Então... eu curto bastante música clássica, *rock* e variações, é... menos o trash metal que eu acho escroto, mas ainda ouço algumas músicas de trash metal. (Flavio Henrique)”.

“Nossa, eu cantava Biafra, cantava, Milton nascimento, Raul Seixas... (que era aquilo que seus pais ouviam em casa?) Era o que eles achavam, as músicas que eles gostavam, assim, que eles davam, nossa, que música legal, tudo. Aí eu ouvia e gostava. Mas depois,

que eu comecei, daí quando que eu comecei a ouvir *heavy metal*, que eu comecei a ficar perigosa daí, (risos) daí já tinha uns 13 anos, mais ou menos”. (Elis)

Essa fascinação pelo *rock*, e suas diversas vertentes, pode estar relacionada a muitos aspectos, como por exemplo, o sentimento de independência, de não estar sob o comando de outros, não obedecer a regras, ou como Elis resume em sua fala: “rebeldia”! Se nos dias de hoje, estilos como *funk*, *RAP*, e diversas vertentes do *rock* são consideradas demonstrações de quebra de barreiras, tendo os comportamentos de seus fãs freqüentemente analisados, isso não chega a ser uma novidade. Hobsbawm (1990, p.275) já comentou, se reportando ao início do século XX, que “(...) o *jazz* é uma música de protesto (...)” que seria um estilo para as pessoas menos favorecidas intelectualmente, entre tantos outro adjetivos que são ainda hoje utilizados para categorizar apreciadores de diversos estilos musicais atuais. Mas a aquisição de um gosto musical, assim como as preferências indicadas pelos entrevistados, é um processo desenvolvido com o passar dos anos, e que certamente será influenciado pelo gosto musical de pessoas próximas, como amigos, familiares e até mesmo a mídia, que tem um papel importante nessa transformação do gosto musical infantil para outro mais amadurecido, e principalmente, escolhido por cada um.

“(...) de criança eu escutava, ah! Sandy e Júnior, Xuxa, Eliana... (...) Mas depois, que eu comecei, daí quando que eu comecei a ouvir *heavy metal*, que eu comecei a ficar perigosa daí, já tinha uns 13 anos, mais ou menos (...) que eu comecei a ouvir e cantar o que eu gostava, entendeu (?)” (Elis)

“Minha mãe gosta de sertanejo, e eu não escuto. Não puxei isso por ela. Não é uma coisa, não me influenciou em nada. Ah, Como já te falei, eu gosto da letra. Às vezes tem uma letra ou outra que é legal, mas eu... é uma coisa que não me chama a atenção, na verdade. (...) Única coisa assim, é coisas do meu irmão, coisas mais antigas, tipo Cazuza... assim”. (Nádia)

De acordo com estudos sobre preferências musicais, gosto musical e gênero, a fala de Nádia surge para discordar dos outros entrevistados. Frith (apud Zillmann & Gan, 1997, p.177), diz que adolescentes do sexo feminino tendem a prestar mais atenção às letras das músicas, enquanto Pimentel et al, (2005, p. 412), atenta para a popularidade do *rock* em todo o mundo, além de frisar tal motivo, já que verificou-se que os jovens do sexo masculino apresentaram preferência por estilos musicais considerados mais excitantes (McNamara & Ballard, apud Pimentel et al, 2005). No presente estudo, apenas Nádia não comentou em nenhum momento, alguma experiência sua com o *rock*. Dentre as jovens participantes, Elis e Rosa demonstraram várias referências ao estilo em suas falas.

“(...)comecei a gostar de *rock* acho que eu tinha 7 anos, acho que foi em 96, 97... tô tentando lembrar... é, foi em 96 ou 97, que eu tinha 7 anos, mais ou menos. (...) A minha mãe e o meu pai gostam muito assim... desse estilo de música, de um *rock*. E daí a gente foi ouvindo, assim... nada nunca muito pesado, porque eu era criança, mas a gente ia ouvindo e tal ... daí a gente foi acostumando, aí eu gostei e continuei gostando. Pôxa... Eu não sei te explicar, mas os outros estilos não, não me agradam... é bem difícil.” (Rosa)

“(...)sempre fui roqueiro, acho que desde pequeno, porque meu pai curte muito *rock*. Mas assim forte mesmo, veio aparecer há uns 3 anos atrás, quando eu voltei a tocar bateria, aí meu professor me passou um... um endereço de email, de email não, de...um site, que tem bateristas, né? E lá eu comecei a ver os vídeos do Mike Portnoy, do Dream Theater, e aí nesse período eu voltei a curtir *rock* mesmo, aí que eu fixei no *rock*. Porque antes eu ouvia assim... mais um pop, um sambinha, uma coisa assim”. (Flávio Henrique)

7.5.4 Música nas relações interpessoais

Todos os entrevistados comentaram ter tido vontade de aprender música, a tocar um instrumento, mas apenas dois o fizeram. Esses o fizeram por que foram buscar o aprendizado em outros locais, fora da escola, em casa, de forma autodidata ou em escolas especializadas. Além disso, todos os entrevistados disseram que a música está bastante presente em sua vida pessoal, nas suas

relações interpessoais, seja nas conversas com os amigos, seja nos estudos, nos momentos de lazer. Até mesmo Rosa, quando comentou que tem poucos amigos, disse ter a música como assunto comum com seus primos, e algumas conversas no ambiente de trabalho. Um ponto que pode ser percebido é que a música é vista como algo que os faz sentir bem, e que independentemente da maneira com que praticam a música, trata-se de uma atividade prazerosa (ver Palheiros, 2006, Hargreaves, 2005).

“(...) lógico, que você não fica conversando, oh, que você acha de tal artista, não é, não era isso, porque, até porque faz pouco tempo que eu saí do colegial, né? Mas sempre que dava, viu o novo clipe de não sei de quem, aquela música, como que é aquela música, como que é aquela parte (...). A Ana, que era do *heavy metal*, uma vez a gente se pegou discutindo a letra de uma música, o que que ele quis dizer aqui, daí quando a gente se deu conta, a gente se xingou assim, nossa que idiota (...)”(Elis)

“Relação com os amigos, (...) você normalmente você busca as pessoas, não ser amigo das pessoas que tem teu gosto musical parecido. Mas né? (...) Por exemplo, meus amigos que gostam de metal, eu tipo, não vou no “ópera” por exemplo, com eles, entendeu? E também, tem amigos que gostam de pagode, consegue ir, não é uma coisa aí, insuportável, eu não gosto de pagode. Vou, mas é claro que eu ia me sentir melhor num, né? (...) acho que tem coisas que você escuta e tem coisa que você ouve. Entendeu? Você escutou, aí escutei pagode... normal, mas... ouvir sentir, não vai ser a mesma coisa, se você não ta curtindo, propriamente dito”. (Nádia)

É importante notar que em todas as falas dos jovens, percebe-se a relação de amizade com pessoas com gostos musicais distintos, em ambientes de convívio comum. É natural pensar que os jovens, ao fazerem suas escolhas de gostos e grupos de convívio, poderiam se fechar em um círculo de interesses, ao lado de seus “iguais”. Oliveira (2007, p.20) acredita que o jovem, ao se identificar com um grupo, passa “(...) a adotar seus valores, crenças e perspectivas (...)”, além de buscar a “diferenciação ativa”, em relação aos outros. Não é o que ocorreu aqui, conforme complementa Flávio Henrique:

“(...) meu melhor amigo, gosta de um samba lascado, e eu curto muito *rock*, muito *heavy metal*, e assim, ele me passa um monte de música de samba e eu passo um monte de música pra ele, de *rock* e *heavy metal!*” (Flávio Henrique)

7.5.5 Música e emoção

“Compositores e intérpretes de todas as culturas, teóricos de diversas escolas e estilos, estetas e críticos das mais diferentes convicções, concordam que a música tem significado, e que esse significado é de alguma forma comunicado para os participantes [músicos] e ouvintes¹⁷” (Meyer, 1956, p.1)

Os significados emocionais que a música parece, incontestavelmente, ter, são interpretados de diversas maneiras pelos ouvintes. É muito comum os casos de indivíduos que se identificam com uma música, como se ela tivesse sido feita exclusivamente para ele. Como Hargreaves (2005, p.28) comenta, esse tipo de significado, a emoção que a música transmite, é devido também ao “(...) enorme poder que a música tem sobre as vidas emocional e pessoal, e particularmente sobre os jovens”. Pode-se perceber esse aspecto nos comentários dos entrevistados:

“(...) eu vejo a música como uma saída. Então, se você tá triste, você vai lá e escuta uma música, se você tá “brabo” você escuta uma outra música, se você tá alegre você, comigo sempre foi assim. O que que acontece: Quando uma pessoa escreve exatamente aquilo que você tá sentindo, você começa a se identificar aquilo que, com aquela pessoa, certo?” (Elis)

“(...)na minha vida, às vezes... tipo, é, tem... música “falam” tudo. Você sempre vai ser apegar a uma música, a um trecho de uma música, alguma coisa vai marcar, sempre pra ruim quanto pra bom (...)” (Nádia)

“(...)dizem que cada momento na nossa vida tem uma música certa, né? Eu me sinto tranqüila, é uma coisa que me relaxa, assim, sabe, não é uma coisa que me deixa agitada e nossa... é uma coisa que

¹⁷ Composers and performers of all cultures, theorists of diverse schools and styles, aestheticians and critics of many different persuasion are all agreed that music has meaning and that this meaning is somehow communicated to both participants and listeners. (Meyer, 1956, p.1) Tradução do Autor

me deixa tranqüila, sabe? É como se eu me desligasse um pouco de tudo que ta... sendo problema, sendo alegria, sendo o que for que “têja” acontecendo, e me volte praquele momento”. (Rosa)

“É... a música e só um jeito de você falar alguma coisa, pra mim. (...) a música é justamente o elo, entre a pessoa, o, o que escuta, o sentimento e o sentimento de quem ta escutando, a, a música é justamente o que junta tudo. Entendeu? (...) Você entende o que eu quero dizer? A música é como se fosse um elo, entre a pessoa, aquilo que ela quer dizer e pra quem ela quer dizer. Eu acho que é isso”. (Elis)

7.5.6 Música e identidade

Um dos componentes mais importantes na formação de identidade de um povo é a sua cultura (ver Cuche, 2002). Costumes, tradições, língua, além de local de nascimento, origens étnicas, tudo isso tem influencia no desenvolvimento cultural de uma determinada população (ver Souza, 2001). Uma das representações de um povo que é bastante diferenciada das demais (por exemplo, pintura, literatura, entre outras) é a música, sobretudo porque ela tem sido utilizada como umas das formas de representar as identidades de diversas culturas.

Atualmente são praticamente inexistentes culturas ainda intocadas pela civilização, e sua cultura de massa. Com a transmissão de informações via rádio, televisão e *internet*, ocorrendo em velocidades cada vez mais altas, as culturas de diversos locais estão se misturando, e é cada dia mais difícil afirmar qual cultura pertence a qual povo, ou região. Essa mistura de informações está também ocorrendo na música. Por isso, muitas vezes, isso gera uma confusão para o jovem, que busca, através de seus meios, uma identidade musical. Tanto no que diz respeito a aparência, como comportamento, é muito importante que o jovem busque sua própria identidade musical, o que poderíamos chamar de “insígnia de identidade” musical (ver Hargreaves, 2005). Nota-se nas falas dos jovens abaixo, que cada um tem a sua própria insígnia:

“Eu tenho meu próprio estilo, curto por causa da música, uso meu estilo por causa da música, mas não querendo imitar alguém famoso, ou ... eu acho que isso daí é tipo, pessoa que não tem, como é que eu posso dizer... não tem formação própria, não tem, é... identidade, pessoa não tem opinião própria de se vestir, de andar, falar, essas coisas”. (Flávio Henrique)

“Teve aquela chamada época, né, que você... que você ta decidindo pra que lado você vai, né? tive algumas épocas da minha vida que eu só andava de preto, só queria preto, preto, preto... achava que aquilo era... que aquilo ia me bastar. Mas não... foi bem pouca coisa... foi uma crise de identidade... passageira”. (Rosa)

“Sabe o que que eu acho? Que quando você escuta é... um determinado estilo de música e gosta, você vai atrás da pessoa que ta por trás dessa música. (...) a música leva até o ídolo, e o ídolo te da a referencia porque a música não tem como dar nenhuma referencia pra você (...). Mas o que vira referência pra você é a pessoa, não é a música, (...) é uma referência de uma pessoa que faz aquilo, e não daquilo propriamente dito”. (Elis)

7.5.6.1 “Tribos”

“Uma ‘tribo’ é um grupo com integrantes, unidos por um motivo ou ideal comum, e que por isso, possui uma identidade comum” (Oliveira, 2007, p.27). Mais do que isso, uma “tribo” é um grupo homogêneo, que privilegia a união dos seus integrantes, ao mesmo tempo que promove a diferenciação com outros grupos (Ver Oliveira, 2007). Porém, mesmo dentro de uma “tribo”, as identidades pessoais também agem, e por isso, nem todos os skatistas, por exemplo, são iguais entre si, nem todos os pagodeiros agem da mesma forma, entre tantos outros exemplos. Mas muitas vezes, devidos a alguns exemplos isolados, que não são “bem vistos” na sociedade, o grupo todo fica estigmatizado, como é possível notar nas falas dos entrevistados:

“É muito, assim... a maioria assim dos grupos que são divididos é, é pelo gosto musical. Metaleiro com pagodeiro, nossa, nunca! Eu acho que é muito preconceito, (...) aquela coisa assim, ai, eu curto metal, então pagode não presta”. (Nádia)

“Ah, sim, né? você vê hoje pelos conhecidos manos, né? Tem tribo em tudo quanto é lugar, né? Assim... de reggae, você vai no posto de gasolina, você vê ali no canto, tem 5, 6... tão todos ouvindo reggae, né? Então eles já não se misturam com quem tá ouvindo pagode ali no outro canto, aí um critica, outro põe mais alto pra ver se né... o cara desiste, tal Com certeza, em tudo quanto é lugar, né?” (Rosa)

“(...)eu acho que a música em si, faz essa formação do cidadão, tipo... respeito, questão de ... não formar tribos, né? Porque tem diferença entre curtir tribos e curtir música, que a música em si, é formação do caráter, de respeito, de identidade, e... tribos é mais questão de essas coisas de pancadaria... os cara ah, eu curto isso, você não curte e (soca a mão) mete pau! Eu acho isso daí uma tolice, cara! Pessoas que não tem respeito uma pelas outras, não respeitam a música, não respeitam o time, então... acaba gerando esses conflitos (...)confundindo muito essa (...)questão de música com, com “dizê” assim, com a violência.” (Flávio Henrique)

7.5.7 Influências

“Quando você começa a se identificar com alguém, eu acho que, gera, assim, acontece uma, a idolatria, propriamente dito. (...) É o que acontece por exemplo quando a gente canta, se você escuta muito uma pessoa você começa a pegar o jeito da pessoa cantar. (...) É... influencia até no jeito de pensar, sabe, no jeito de agir”. (Elis)

Seja influenciando na maneira de vestir, no modo de pensar a respeito dos assuntos das letras das canções preferidas ou mesmo mudando a visão de que a música é somente melodia e ritmo, a música e suas representações sociais parecem ter influenciado em diversas áreas do comportamento desses jovens. Passar por fases em que a música é muito presente, é comum entre os jovens e adolescentes, (ver item 5.5), assim como também o desejo de ser um músico famoso, vivenciar a fama. Essa admiração pelo artista e por atitudes (muitas vezes encenadas ou produzidas) é um dos fatores que ainda atraem tantos jovens para o mundo da música. Apesar de a maioria logo perceber que o mundo da música não é tão “glamouroso” assim, muitos continuam nesse caminho, talvez por, perceberem que é possível fazer “mais” com a música, como sugere Elis:

“(...)música, é, melodia ritmo e... letra. Pegando... entendeu? Não é essa música que me muda, entendeu, não é essa música que me muda, o que muda a minha visão, (...)é... a música, o lado mágico da música, entende? O que ta por trás de tudo isso. (...) A música, ela passa valores involuntariamente, entendeu? A esse sentido, essa música, esse papel da música , a música que transforma, tudo... essa música que me mudou” (Elis)

“(...)se você escuta as músicas, tipo você começa a... não tipo fica ah, paz e amor... claro, mas você começa a pensar, tem muita, tipo, tem muita letra bacana, assim... te faz pensar sobre o mundo, a sociedade, política, sobre teu modo de ser também, às vezes teu modo de se vestir, né?’ (Nádia)

“Eu tive épocas assim que eu ficava vendo o DVD... eu chegava a sonhar, né? Desligava o DVD e ia sonhar, porque meu Deus! Nossa!” (Rosa)

“Eu acho que sim. A música ... é... a música tá presente na minha vida 24 horas por dia, praticamente, então, só não ouço música quando tô dormindo ou quando tô com um amigo assim conversando. Mas , enquanto eu puder ta ouvindo música, eu ouço música, é.. eu não sei o que seria de mim sem a música, vâmo dizer assim.” (Flávio Henrique)

7.5.8 Gênero, classe social, idade

Todos os entrevistados comentaram a respeito da audição de alguns estilos musicais estereotipados, como o RAP, o funk, *rock* e a música clássica, entre outros, e se mostraram conscientes de que as pessoas se utilizam da música para expressar sentimentos, ou ainda, que são influenciadas por determinados estilos. Geralmente, o RAP apareceu como um modo de expressão da realidade, o *funk* como uma influência negativa, vulgar. É interessante lembrar que o estilo musical não faz nada por si só, então, essas pessoas influenciadas por determinados estilos musicais, são, na verdade, influenciadas por outros motivos, talvez por fãs desse estilo e seus comportamentos (ver Dayrell, 2005). Ou talvez ainda, só se permitam deixar transparecer alguns comportamentos que não sejam bem aceitos

socialmente, e se utilizem do estilo musical como uma maneira de se libertar dos padrões, uma maneira de “quebrar as regras”.

As opiniões sobre as relações entre música e gênero nas falas dos entrevistados, foram na maioria, de que não há grandes divergências de comportamento entre homens e mulheres. Porém, há algumas divergências interessantes, como na fala de Elis:

“É difícil um menino escutar Britney Spears, por exemplo. Porque ele não se identifica... com a dança... a não ser que lógico, tem muitos fatores que podem fazer um menino se identificar. Mas por exemplo, a Britney Spears pra um menino, é...é... de 15 anos, ou ela é ... é... uma, uma... vadia, ou ela é uma gostosona, mas a música dela em si não influencia.” (...) (Elis)

Esse comentário de Elis, dando como exemplo um artista do segmento POP, corrobora as falas de McNamara & Ballard (apud Pimentel, 2005) e Frith (apud Zillmann & Gan, 1997), que comentam sobre as preferências musicais em relação ao sexo, e as diferenças entre meninos e meninas, comentadas anteriormente no item 7.5.3 - Gosto musical.

A respeito da idade, as respostas dos participantes fizeram emergir alguns comentários interessantes sobre a maior influência da música nos jovens do que nas pessoas mais velhas, motivos pelos quais os jovens são supostamente influenciados pelos aspectos visuais utilizados paralelamente à música, como a dança com apelos sexuais, entre tantos outros.

“Uma pessoa que já ta numa idade mais avançada, por exemplo (...) não “vâmo” pôr muito, 50 anos pra cima... é... não é muito influenciada com relação a música, porque já teve experiências próprias” (Flávio Henrique)

“Idade principalmente, idade... acho que é o que mais marca, assim. Porque... jovem já é aquela coisa, né, mais, mais descolado. Você não vê uma pessoa assim de mais de 40 anos, numa balada eletrônica, vê, claro... mas não é uma coisa normal, que você vê direto. Eu nunca vi um velho EMO.” (Nádia)

Quando questionados sobre as diferenças de classe social, a música clássica, e os instrumentos de orquestra foram citados como sendo realidades muito distantes, o que não deixa de ser verdade, hoje, em nosso país. Mas, além disso, a própria educação musical é uma realidade distante no Brasil. Se esse quadro pudesse ser revertido, provavelmente, obras muito importantes da música poderiam ser compreendidas mais facilmente pelas pessoas comuns. Talvez nem se deva dizer que poderiam vir ser apreciadas, pois isso talvez esteja muito distante da realidade popular, mas poderíamos deixar de ter mais uma lacuna na educação de nossa população. Não surpreendentemente, as falas dos participantes desse estudo estão em sincronia pelas falas dos jovens entrevistados por Brenner et al (2005).

“Música clássica quem ouve, normalmente, é porque... tem uma... não é uma cultura diferente... mas né? Vive em outro mundo, “vâmo” dizer assim. Onde que você vai escutar uma música clássica? (...) tipo se você quer ir num concerto de música clássica, entendeu? Não que não tenha como você gostar e curtir, tem... claro, não generalizando, sendo preconceituosa, mas a pessoa que curte um RAP, dificilmente vai curtir uma música clássica, eu acho. Pode curtir, não por não gostar, mas acho que por não conhecer”. (Nádia)

“Olha, a classe social, hoje em dia eu acho que não. (...) A gente vê quantos milionários, quanto rico, quanto pobre, é... gostando de funk, gostando de *rock*, gostando de pagode, (...) antigamente tinha aquela coisa da música clássica, né?” (Rosa)

“Acho que isso é independente. Porque eu já vi muita pessoa que é muito bem de vida, que curte funk, e pessoa que... e o funk veio literalmente, da, “vâmo dizê” assim, da periferia. E pessoas da periferia que curtem música clássica, eu já vi isso daí” (Flávio Henrique).

Resumindo, os jovens entrevistados se mostraram atentos aos diversos papéis que a música pode vir a representar em suas vidas, no que diz respeito desde as suas funções de entretenimento, ou “pano de fundo” para atividades diversas e até mesmo quando apresentam intuitos musicais profissionais. Os comentários dos entrevistados abordaram o papel da música em suas casas, as

influências familiares na aquisição da prática e do gosto musical, passando pelas relações interpessoais, seja com os amigos, com parentes, no trabalho, entre outros locais de suas convivências diárias. Também foram abordados aspectos relacionados à emoção na música, através dela, e como esse aspecto emocional que a música proporciona, influencia no comportamento dos jovens em geral, levando-os, muitas vezes a procurar grupos em que seus interesses sejam os mesmos de outros, achar seus pares. Além disso, foram abordados aspectos sobre a diferença de comportamento de jovens de sexos opostos, de classes sociais e idades distintas, sempre em relação à música e suas práticas cotidianas.

8. Discussão final e Conclusões

Após todo o processo de levantamento bibliográfico e das coletas de dados realizadas através dos questionários e estudos de caso nessa pesquisa, é possível chegar a algumas conclusões bastante interessantes sobre o papel da música no cotidiano do jovem curitibano. Isso é facilmente observado quando temos dados como os obtidos nos questionários e falas como as das entrevistas. Desde o fato de a enorme maioria (98%) dos participantes da primeira fase da pesquisa ter dito gostar de música, até às histórias contadas em detalhes pelos jovens estudados, tudo isso mostra que a música tem mesmo uma função importante na vida de cada um deles, seja servindo como “pano de fundo” para outras atividades, ou quando os jovens mostram interesse em aprender um instrumento, conhecer novos estilos, seguir uma carreira musical, absorvendo diversos aspectos dessa fonte de cultura quase inesgotável que é a música.

Ao mesmo tempo, percebe-se uma mudança muito grande na maneira com que a música está sendo utilizada pelos jovens. A indústria fonográfica há tempos tem perdido mercado para os *downloads* de arquivos *mp3*, (e até mesmo para os CDs “pirata”), devido aos altos preços praticados. Aquela sensação “quase mágica” (comentada ainda na introdução) de abrir um encarte de CD já quase não existe mais, assim como também já não é mais preciso economizar para comprar “aquele” disco, ou mesmo saber qual disco comprar, dentre tantas possibilidades. É possível ter todos, basta saber onde procurá-los.

A música tem sido ouvida em casa, como comentou Flávio Henrique (ver item 7.4), no computador, enquanto são realizadas outras atividades, ou enquanto se conversa com outra pessoa através de programas de comunicação via *internet*, o que pode até refletir a tendência para os relacionamentos virtuais, e que certamente

não será discutido aqui. Porém, como comenta Hargreaves (2005), isso reflete uma mudança de paradigma em relação à música, à audição e à prática musicais, e que tem implicações diretas, não apenas para os estudos sobre a juventude e a música, mas também para a prática da educação musical, conforme discutido adiante.

Outro ponto interessante, que espera-se estudar futuramente, diz respeito ao uso dos aparelhos de reprodução individual de música, como os chamados *mp3 players* e *ipods*, em substituição aos anteriores *walkman* e *discman*. Esses equipamentos facilitam a audição musical, pois podem ser utilizados em qualquer local e em diferentes situações. A esse respeito, um aspecto questionável é a perda da função socializante da música, em que os jovens se reúnem pra ouvir seus repertórios, e que nesse caso, tem diminuído significativamente. Ainda há os encontros para cantar, ouvir e conversar sobre música (Sniders, 1992), mas isso parece estar dando lugar para as audições individuais (Zillmann & Gan, 1997). Será que quanto maior for o acesso aos reprodutores portáteis de música, mais individuais serão as práticas de audição musical dos seres humanos? Em caso afirmativo, como fica o papel socializante da música em relação ao cotidiano dos jovens? Essa é uma questão importante que pesquisas futuras poderão responder.

De qualquer modo, é inegável que essa facilidade de acesso à música e aos repertórios mais diversos, deveria colaborar para que os jovens pudessem se interessar cada vez mais pelas aulas de música aplicadas nas escolas. Mas não é o que está ocorrendo. E a culpa não é da internet, desse acesso fácil aos mais variados repertórios, ou dos jovens, que estão se utilizando desse recurso. As escolas públicas, salvo raras exceções, não ensinam música. No entanto, a grande maioria dos alunos quer aprender música, conforme foi revelado pelos questionários e entrevistas realizadas para a presente pesquisa. Porém, agora que a música

deverá voltar para as escolas¹⁸ é preciso repensar urgentemente os currículos e metodologias de ensino de música para os jovens.

Talvez a aplicação da metodologia tradicional de ensino, de certo modo baseada no modelo dos conservatórios e na música clássica ocidental, com o aprendizado do solfejo e história da música, não seja o caminho mais interessante para que os professores consigam conquistá-los.

O uso de exemplos musicais eruditos, mesmo sendo uma realidade bastante distante do cotidiano popular, pode vir a ser bem utilizado em sala, até mesmo pelo simples fato de se tratar de algo inusitado para a maioria, e pela qualidade e quantidade de obras à disposição do profissional. O professor, porém, não deve se prender ao uso de alguns materiais somente pela importância histórica dos mesmos. Ele pode sim, se utilizar de exemplos mais acessíveis aos ouvidos de seus alunos, para promover o ensino da música.

Também não há a necessidade de transformar a aula de música em um local para a audição das mesmas obras que os alunos ouvem nas estações de rádio, ou em seus *mp3 players*, o que não contribuiria para a formação de opiniões, ou sequer para a ampliação de repertório. Pode-se, no entanto, abrir espaço para que os alunos tragam para a aula músicas de seu interesse, utilizando-se dessas como um meio para desenvolver aspectos/conceitos musicais considerados desinteressantes quando aplicados em um repertório desconhecido e “não atrativo”.

O governo disponibiliza às escolas e os professores são instruídos a seguir as orientações curriculares nacionais, os chamados PCN ou, no caso do Ensino Médio, PCNEM. Porém, esse material, apesar de apresentar um vastíssimo conteúdo abordado, não esclarece ao professor quais dos conteúdos devem ser utilizados, de

¹⁸ Conforme Lei nº 11.769 (www.planalto.gov.br).

que maneira, e em qual momento. Ao mesmo tempo em que funciona como um auxílio para o planejamento das aulas, essas orientações parecem não levar em conta a real situação das salas de aula destinadas ao ensino da música, nas escolas brasileiras: a inexistência. Na grande maioria dos casos, não há instrumentos, não há um local específico para a realização das aulas, não há aparelhos de som suficientes, ou em condições de uso, entre tantos outros problemas. Talvez por esses motivos, o professor de música fique em uma situação muito delicada, tendo diversos assuntos a ensinar, mas acaba ficando preso ao uso do quadro negro (sem pauta) e ao ensino de teoria musical.

É comum ouvir queixas de educadores musicais sobre a falta de interesse dos jovens pelas aulas de música da escola, o que parece até um pouco incoerente, uma vez que eles passam o dia ouvindo música, cantando, dançando, falando sobre os conjuntos musicais preferidos, usando camisetas de bandas, entre tantos outros adereços que os identificam como membros de determinadas tribos, que geralmente se utilizam de denominações musicais para se auto-intitular e se impor, perante a sociedade (Snyders, 1992). Mas, e os professores, estão atentos aos interesses de seus alunos?

Muito do que os jovens aprendem na escola, na verdade, não é dentro das salas de aula, mas sim durante os intervalos, nos corredores, ou em diversos momentos fora da sala. Quando o assunto é música, isso não é diferente. Dentro das escolas, cursinhos, faculdades, existem grupos que se reúnem por algum motivo em comum, e às vezes, o motivo é a música.

Essas “tribos” juvenis que são facilmente encontradas nos arredores desses locais de grande concentração de jovens são importantes para a formação pessoal dos integrantes. É ali, muito mais do que com a família, que o indivíduo vai poder ser

quem ele quiser, já que não haverá professores, pais ou outros adultos para criticá-los quanto a seus comportamentos e opiniões. Essa convivência em grupos não tem por finalidade promover nenhum tipo de desordem ou algazaras, mas sim, possibilitar ao jovem a convivência social, promover-lhe a um papel de igualdade para com os demais, onde serão feitas trocas de informações, experiências e, mais importante, possibilitando seu auto-conhecimento.

Isso apareceu diversas vezes durante o processo de análise dos dados. Os jovens participantes da primeira fase disseram, na maioria dos casos, que a música (que apareceu presente em diversos momentos de suas vidas) não iria de forma alguma influenciá-los, e que eles já tinham opiniões próprias, independentes do estilo preferido. Mas será que essa opinião própria, desenvolvida no decorrer dos anos, já não havia passado por diversas transformações até aquele momento? E será que o estilo musical preferido, e a convivência com amigos com o mesmo gosto não teriam influenciado em nada?

É comum o jovem ouvir diversos estilos, ter diversas fases, até escolher, ou encontrar uma que mais se encaixa ao seu perfil. Isso pode ser percebido nas falas de Elis, por exemplo. Das músicas infantis para a MPB, passando pelo *heavy metal*, sendo amiga de fãs de RAP, música sertaneja, entre outros. Tudo isso, e diversos outros fatores, certamente tiveram influência na formação tanto de seu gosto musical atual, quanto de suas opiniões e até mesmo, em sua identidade.

É importante notar que os amigos citados por Elis, muito provavelmente, diferiam um do outro em diversos aspectos, como origem familiar, classe social, nível cultural, entre muitos outros. Cada uma das particularidades dessas pessoas, tão distintas entre si, influenciam e são influenciadas pelas diversas identidades. Além disso, as diferentes influências sofridas e exercidas por cada um dos níveis de

identidade sobre os indivíduos, são muitas e muito distintas, dentro de uma mesma sociedade.

As heranças étnicas certamente influenciam os costumes, as tradições, as crenças e a cultura em geral. Isso, por sua vez influencia na maneira com que uma pessoa criada em um determinado contexto cultural se posiciona perante a sociedade, a sua maneira de enxergar o mundo que a cerca. Conseqüentemente, sua própria identidade será diferenciada da de uma outra pessoa, que tenha tido experiências de vida distintas, criada em situações distintas, em locais distintos, entre tantas outras possibilidades. Por esses motivos, cada um dos amigos de Elis, entenderia um estilo musical diferente como sendo “seu”, por serem indivíduos únicos.

Essa pesquisa foi realizada com o objetivo de sanar algumas dúvidas, de caráter até mesmo pessoal, sobre o quanto a música poderia influenciar na formação dos indivíduos, como ela poderia aparecer para outros jovens como foi em minha vida, que chegou, ficou, mudou muitos dos rumos que poderiam ter sido tomados, e até hoje, me faz sentir que era isso mesmo que eu gostaria de estar fazendo. De várias maneiras, essa parte de minha vida é um dos motivos de tantas madrugadas em claro, seja lendo sobre música, fazendo um *show*, compondo, ouvindo minhas bandas preferidas ou mesmo escrevendo essa dissertação; a música é parte de mim, e me fez ser do jeito que eu sou.

Tudo o que foi escrito nas páginas anteriores não foi em vão. Quem sabe, um dia, um jovem que ainda não tenha certeza do que pretende ser “quando crescer” possa ter as mesmas experiências que tive, ou ter tanta sorte como eu tive em descobrir o que gostaria de fazer durante toda a minha vida; ou ainda que alguém,

mesmo que não seja mais “um jovem”, possa ler isso tudo e se identificar, assim como eu me identifico, a cada frase, a cada resposta.

Sobre a grande questão da pesquisa, se a música pode influenciar na formação dos jovens, se ela pode ser um auxiliar na construção de suas identidades, se ela vai ou não influenciar no comportamento, na visão perante a sociedade, ou ainda como e porque isso ocorre, eu não pretendo me arriscar a responder. Acho que todo jovem sabe a resposta, basta perguntar para um deles.

Referências

ABRAMO, Helena. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez N ° 6. Rio de Janeiro, 1997.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisa Survey*. Editora UFMG, BH, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

BRENNER, Ana. K., DAYRELL, Juarez. & CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre. In: H. W. Abramo e P. P. M. Branco (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p.175-214.

CAMPBELL, Patricia. S.; CONNELL Claire. & BEEGLE, Amy. Adolescents' Expressed Meanings of Music in and out of School. In: *Journal of Research in Music Education* 55 nº3. Fall 2007, p. 220-236. Disponível em: <http://jrm.sagepub.com> – Acesso em 26/06/2008.

COSTA, Pere-Oriol; PÉREZ TORNERO, José M. & TROPEA, Fabio. *Tribus Urbanas*, Barcelona: Paidós, 1996.

COOK, Nicholas. *Music: a very short introduction*. New York: Oxford University Press Inc., 1998.

CIAMPA, Antônio. da C. Identidade. In: Silvia T. M. Lane & W. Godo (orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001, p.58-75.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

_____. *O mistério das bolas de gude: Histórias de humanos quase invisíveis*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2006.

DAMÁSIO, Antônio. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, out. 2007, p. 1105-1128.

FOLKESTAD, Goran. National Identity and music. In: R. MACDONALD; D. HARGREAVES; D. MIELL. *Musical Identities*. New York: Oxford University Press, 2002, p.151-162.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005, pp.38-45, 207.

GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate Publishing Limited, 2005.

HARGREAVES, David. J. *Within you, without you: Music, Learning and Identity*. In: I Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais – Sincam, *Anais...* Curitiba: Editora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2005, p.17-2

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

HIKIJ, Rose. S. G. Música para matar o tempo: Intervalo, suspensão e imersão. *Mana*, 12(1), 2006, pp.151-178.

_____. *A Música e o Risco*. São Paulo: Edusp, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *História social do jazz*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990.

HUMMES, Julia. M. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. In: *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.11, 2004, p.17-24.

ILARI, Beatriz. Quando o músico pensa em deixar a profissão: um estudo comparativo entre instrumentistas brasileiros e canadenses. *Em pauta*, 13 (21), 2002, p.71-88.

_____. Música e identidade Dekassegui. In III Simpósio de Pesquisa em Música - *SIMPEMUS 3. Anais ...* Curitiba: Editora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná. 2006, p.40-47.

_____. Música, comportamento social e relações interpessoais. *Psicologia em estudo*, 11 (1), 2006, p. 191-198.

_____. Desenvolvimento musical das crianças brasileiras: regionalismos, estilo e identidade. In: Z. Chueke (org). *Brasil Musical* (p. 79-106). Curitiba: Editora do DeArtes, 2006.

JUNGBLUT, Airton. L. A salvação pelo *Rock*: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2007, p.144-162.

LIMA, Manolita C. *Monografia: A engenharia da produção acadêmica*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MACDONALD, Raymond.A.R.; HARGREAVES, David. J.; MIELL, Dorothy. E. What are musical identities, and why are they important? *Musical Identities*. New York: Oxford University Press, 2002, p.1-20.

MEYER, Leonard B. *Emotion and Meaning in Music*. Chicago: Chicago University Press, 1956.

MERRIAM, Alan P. *The Anthropology of music*. Chicago: Northwestern University Press, 1964.

NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos. In: *Sociologia Especial: Juventude Brasileira*. Ano I, nº. 2. São Paulo: Editora Escala, 2007.

_____.Juventude, percepções e comportamentos: A religião faz a diferença? In: H. W. Abramo e P. P. M. Branco (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p. 263-290.

_____.Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: M. I. M. Almeida, F. Eugenio (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006, p.105-118.

OLIVEIRA, Maria. C. L. de Vínculos Imaginários. In: *Mente & Cérebro - O olhar adolescente: Os incríveis anos de transição para a idade adulta*. Nº. 2: Tempo de paixões. São Paulo: Duetto editorial, 2007, p. 20-29.

PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. In: Beatriz Ilari (organizadora). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música - da percepção à produção*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006, p. 303-349.

PIMENTEL, Carlos E.; GOUVEIA, Valdiney V. & VASCONCELOS, Tatiana C. Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. In: *Estudos de Psicologia* | Campinas | 22(4) | 403-413 | outubro - dezembro 2005.

RENTFROW, Peter. J., & GOSLING, Sam. D. The content and validity of stereotypes about fans of 14 music genres. *Psychology of Music*, 35, 306-326, 2007.

ROBERTS, Donald. F., CHRISTENSON, Peter.G. & GENTILE, Douglas. A. The Effects of Violent Music on Children and Adolescents. In: GENTILE, D.A. *Media violence and children: A Complete Guide for Parents and Professionals*. Westport, CT: Praeger, 2003.

ROEDERER, Juan.G. *Introdução à Física e à Psicofísica da Música*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

RUSSELL, Joan. Sites of Learning: Communities of Musical Practice in the Fiji Islands. *Focus Areas Report*. Bergen: International Society for Music Education, 2002.

_____. Born to sing: Fiji's "singing culture" and implications for music education in Canada. *McGill Journal of Education*, 36(3), 2001, p.197–218.

SALLAS, Ana. L. F. (Coord.) *Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, violência e cidadania*. Brasília: Edições UNESCO, 1999.

SANTOS, José. L. dos. *O que é cultura*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

SILVA, Helena. L. da. Gênero, adolescência e música: um estudo de caso no espaço escolar. *Em pauta*, 17(28), 2006, p.71-92.

SLOBODA, John. A. *The musical mind; The cognitive psychology of music*. New York: Oxford University Press, 1985.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Jusamara. Currículos de música e cultura brasileira: mas, que concepções de cultura brasileira? *Revista da FUNDARTE*, 01 (1), 2001, p.22-25.

SPOSITO, Maria. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.

UNESCO. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. Brasília: 2004

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

YIN, Robert K. *Case study research: design and methods*. London: SAGE Publications, INC, 2002.

ZILLMANN, Dolf. & GAN, Su-Lin. Musical Taste in adolescence. In David.J. HARGREAVES, and Adrian.C. NORTH (Eds.). *The Social Psychology of Music*. Oxford: Oxford University Press, 1997, pp. 161-187.

Anexos:

Anexo 01 - O questionário

PESQUISA: A MÚSICA DOS JOVENS

I – Sobre você:

1. Idade: _____

2. Escola:

 Pública Particular

Série: _____

3. Bairro onde mora: _____

4. Cidade: _____

5. Com quem você mora?

6. Nº de pessoas em casa: _____

7. Renda familiar aproximada:

 - até 01 Salário Mínimo - de 01 a 05 Salários Mínimos - de 05 a 10 Salários Mínimos - de 10 a 20 Salários Mínimos - acima de 20 Salários Mínimos

8. Quem contribui para a renda familiar?

9. Profissão dos pais/responsáveis:

_____10. Nível de escolaridade dos pais/
responsáveis: - Nível Básico (1ª à 4ª série) - Nível Fundamental (5ª à 8ª série) - Nível Médio - Nível Superior

11. Quanto à moradia:

 - Mora em casa própria - Mora de aluguel - Mora "de favor" - Outros

12. Dentre os itens abaixo, quais você possui? Indique a quantidade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> - TV () | <input type="checkbox"/> - Aparelho de Som () |
| <input type="checkbox"/> - Videogame () | <input type="checkbox"/> - DVD () |
| <input type="checkbox"/> - Videocassete () | <input type="checkbox"/> - Geladeira () |
| <input type="checkbox"/> - Computador () | <input type="checkbox"/> - Microondas () |
| <input type="checkbox"/> - Freezer () | <input type="checkbox"/> - Automóvel () |
| <input type="checkbox"/> - Secadora () | <input type="checkbox"/> - Lava-louças() |
| <input type="checkbox"/> - Lavadora de roupas() | <input type="checkbox"/> - Celular () |
| <input type="checkbox"/> - Mp3 player () | |

13. Possui instrumentos musicais ?

 SIM NÃO

14. Se sim, quais instrumentos você possui?

15. Você canta ou toca algum instrumento?

 SIM NÃO

16. Se sim, como aprendeu?

17. Toca com amigos, em banda ou conjunto?

 SIM NÃO

18. Se sim, que tipo de música?

19. Se não, tem vontade?

 SIM NÃO

Por que ?

20. Alguém na sua família canta ou toca algum instrumento?

 SIM NÃO

21. Quem? O que toca?

22. O que você gosta de fazer nos seus momentos de lazer?

23. Existe uma música ou tipo de música que acompanha os seus momentos de lazer?

- SIM NÃO

24. Existe um lugar especial para a música nesses momentos?

- SIM NÃO

II - A música no seu dia-a-dia

25. Você gosta de música?

- SIM NÃO

26. Se você respondeu SIM: O quanto você gosta de música?

- Muito pouco
 - Não muito
 - Gosto
 - Gosto muito
 - Não posso viver sem

27. Quanto tempo você passa por dia (em média) ouvindo música?

28. Por que você ouve música ?

29. Descreva o que você sente quando toca, canta ou ouve música.

30. Como você ouve música?

- Rádio - mp3 player - CD
 - LP - Fita K7 - No computador
 - Ao vivo - Outro - Não ouço

31. O que você costuma ouvir em casa? Cite alguns exemplos.

32. O que sente quando ouve os exemplos citados?

33. Por quê você gosta dessas músicas em particular?

34. Cite um dos seus ídolos musicais:

35. Você acha que seu gosto musical pode mudar com o passar dos anos?

- SIM NÃO

Por que?

36. Você se identifica com as músicas que ouve?

- SIM NÃO ÀS VEZES

Por que?

37. Você se identifica mais com as músicas ou com os artistas?

38. Você procura se vestir como seus ídolos?

- SIM NÃO ÀS VEZES

39. Qual estilo você mais gosta / mais ouve? Por que?

40. Você sempre ouviu esse estilo?

- SIM NÃO

41. Você acha que ouvir esse estilo influenciou na sua maneira de "ser"?

- SIM NÃO

42. Você seria diferente se fosse fã de outro estilo completamente oposto?

SIM NÃO

Por que?

43. Qual estilo você não gosta? Por que?

44. Você consegue imaginar como seria a sua vida sem música?

SIM NÃO

45. Se você tivesse de escolher, qual seria a trilha sonora da sua vida? Explique.

III – Você, a música e seus amigos:

46. Seus amigos têm o mesmo gosto musical que você?

SIM NÃO

47. Você é amigo de outras pessoas que têm gostos musicais muito diferentes do seu?

SIM NÃO

48. Você acha que a diferença de gostos musicais atrapalha as amizades?

SIM NÃO

Por que?

49. Você namoraria alguém com um gosto musical muito diferente do seu ?

SIM NÃO

Por que?

IV – Você, a música e a escola:

50. Você acha que as escolas devem oferecer aulas de música?

SIM NÃO

Por que?

51. Sua escola oferece aulas de música?

SIM NÃO

Se você respondeu SIM:

52. O que você acha das aulas de música na escola?

53. O que você acha do repertório das aulas de música na escola?

54. O que você aprende (aprendeu) nas aulas de música?

Obrigado por suas respostas!

Se você desejar ter acesso aos resultados dessa fase da pesquisa, deixe seu email, aqui:

Se você desejar continuar participando das futuras fases dessa pesquisa, deixe seu nome, email ou telefone para que o pesquisador possa entrar em contato.

Anexo 02 – Termo de consentimento**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Termo de Consentimento**

Pesquisa: Música e Construção de Identidade na Juventude

Pesquisador: Auro Sanson Moura

Professor Orientador: Prof.^a Dr.^a Beatriz Ilari

É de meu conhecimento que:

- ❖ A minha participação na pesquisa é voluntária;
- ❖ Todos os dados contidos na pesquisa são confidenciais, a identidade dos participantes será mantida em sigilo;
- ❖ Ninguém terá acesso aos dados adquiridos, a não ser os pesquisadores;
- ❖ Posso ter acesso aos resultados da pesquisa, se desejar;
- ❖ Tenho o direito de não responder às perguntas que não queira e posso interromper minha participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo;

Nome:

Assinatura:

Curitiba, de _____ de 2008

DEPARTAMENTO DE ARTES - DEARTES
Rua Coronel Dulcídio, 638 - Batel / CEP 80420-170 - Curitiba-PR-Brasil
Telefone: (41) 32249915/32229658

Anexo 03 - Transcrição das entrevistas

Entrevista nº. 01 - Elis

Entrevistado – estudante universitária, 18 anos, sexo feminino.

Tempo de duração – aprox. 30 min.

Transcrição:

Fale sobre a música em sua casa, em sua família, em sua vida.

Bom, lá em casa, tem meu pai, que ele gosta muito de música, ele toca violão de ouvido, ele canta muito bem ele é super afinado. A minha mãe já tocou violão também, naqueles grupos de violão, sabe, então ela já tocou violão, já cantou, agora ela não canta tão bem assim, mas meu pai canta bem pra caramba. E... A (minha irmã)¹⁹ também canta, muito bem, só que ela tem, ela é mais tímida, ela não quer, assim, não é a praia dela, mas ela canta muito bem, a voz dela é super afinada, super... Só que ela é muito tímida, né?

Que mais, é... bom, lá em casa, a (minha irmã) escuta muito música, meu pai ouve muito música, agora a gente mandou consertar uma vitrola, de disco, que é muito massa. Então meu pai assim, ta... ta adorando. A (minha irmã) ouve música, minha mãe escuta muita música, mais na radio, porque ela é... fica mais dentro do carro, né? e eu ouço de tudo, então é assim, é, faz muita presença.

Você se lembra de gostar de música desde quando?

Hmmm... Desde, nossa... eu me lembro cantando, é que eu não lembro de tudo, assim, de quando era pequenininha, mas eu sempre gostei muito de ouvir e cantar junto, ouvir e cantar junto, assim, e tal. Minha mãe fala que eu cantava junto quando ela cantava junto, quando cantava pra eu dormir, eu ficava acompanhando, e tal. Às vezes é pira, mas ela me fala que eu ficava... ah...sabe, assim, acompanhando

Fale sobre seu gosto musical, desde que ele começou a se desenvolver.

Olha que legal isso, nunca parei pra pensar nisso, porque quando eu cantava assim, em concurso, tudo, não era eu que escolhia as música, era eles que davam idéia, sabe? Puxa vida... depois que eu fiquei... maior... de criança eu escutava, ah! Sandy e Júnior, Xuxa, Eliana... tudo, mas não pra cantar. Depois que eu fiquei grande eu participei de concurso, primeira vez que eu cantei foi uma música que eles sugeriram, a segunda vez também, a terceira vez também... e assim foi. Quero ver, coloca aí uns 13 anos que eu comecei a ouvir e cantar o que eu gostava, entendeu, porque... nossa, nunca tinha parado pra pensar nisso.

Até então você ouvia e cantava o repertório dos seus pais?

Ouvir, eu ainda ouvia o que eu gostava por ser aquelas coisas assim, Sandy e Jr, aquelas coisas de criança, mas cantar eu não cantava. Cantei uma vez Sandy e Jr, que eu gostava, assim. **(fora isso, você cantava o que?)** Nossa, eu cantava Biafra, cantava, Milton nascimento, Raul Seixas **(que era aquilo que seus pais ouviam em casa?)**. Era o que eles achavam, as músicas que eles gostavam, assim, que eles davam, nossa, que música legal, tudo. Aí eu ouvia e gostava. Mas depois, que eu comecei, daí quando que eu comecei a ouvir *heavy metal*, que eu comecei a ficar perigosa daí, (risos) daí já tinha uns 13 anos, mais ou menos. **(e você chegou a cantar isso também?)** Pra mim, sozinha no meu quarto, cantei umas 2 vezes

¹⁹ O nome da irmã de Elis foi substituído por "minha irmã", para preservar sua identidade.

com banda, assim, *heavy metal* e tal. Daí, daí depois que eu comecei a ouvir mais samba, e tal. Mas a primeira marca é o *heavy metal*. Engraçado, né?

E como você começou a aprender música?

Sim. Eu comecei, eu acho, cantando. Na verdade assim, eu fui “prum” colégio, aconteceu isso, eu saí dum colégio e fui pro outro. E nesse colégio eu comecei a declamar poesia, na terceira série eu tava, comecei a declamar poesia e tal, e eu acho que foi assim, eu não me lembro, uma professora falou pra eu cantar no festival da canção que ia ter no fim do ano, eu cantei e ganhei. Aí que foi, entendeu, que eu comecei, daí eu comecei a fazer teoria, fui pro conservatório, foi a partir daí, pelo que eu me lembro, né?

Fale sobre seu aprendizado musical, dentro e fora da escola, de maneiras formais e informais, e a relação da música com sua vida pessoal, amigos.

Então, na escola, música, festa junina... é... o festival da canção era da escola, **(mas aula de música?)** aula de música eu não me lembro, ah, tinha o coral, tinha um coral da escola, dentro da escola. Tinha a banda da escola, também, só que daí eu dançava na banda. **(que tipo de banda?)** Banda marcial. Desfile, essas coisas. Daí, ó, tinha o coral, mas eu briguei lá com o cara do coral, porque ele me chamou de inconveniente. Não, a mulher dele me chamou de inconveniente, daí eu fiquei brava e saí do coral. Ah, fora, isso... aí eu fui pro conservatório, que era muito perto da escola, por sinal. ah não! Antes do conservatório, não, eu fiz ocom uma louca que tinha lá em Ponta Grossa, Regina²⁰ o nome dela, louca assim total, total louca. Ah, não, calma aí, antes disso teve teclado, que tinha ensino na escola, mas não fazia parte da grade, aí eu fiz teclado. Daí não me dei bem com o teclado, e saí. Daí fui fazer piano com essa mulher, daí fiz piano, ela era completamente louca, daí fazia técnica vocal com ela também, mas não funcionou. Daí fui fazer órgão, numa outra escola... (risos), ou eu fiz órgão antes, eu não sei, eu fiz o três. Daí fiz órgão, mas também não gostei ... tudo isso fora! Daí fui pro conservatório, aprender teoria, e técnica vocal, não, técnica vocal não, teoria, só teoria. Daí beleza, daí quando eu vim aqui pra Curitiba, eu tive, eu comecei a “fazê” aula com a mesma professora lá do conservatório, porque ela morava aqui, aí eu comecei com técnica vocal pesado, piano pesado e ela me desenvolveu muito intervalo, ela fazia muito intervalo comigo. Aí foi, né? Daí uma coisa levou à outra... é isso.

(Aqui no conservatório de música popular?) Lá em ponta grossa. **(e aqui em Curitiba aula particular?)** Ah, eu fiz o conservatório também, mas só que depois, só que depois. É, aqui em Curitiba foi aula particular, daí eu entrei no conservatório, daí fazia só canto, fiz harmônica também, mas eu nunca me dei bem com instrumento assim de tocar, sabe? Não consigo!

E as maneiras informais? Aprendeu com algum amigo, parente...?

Informal... deixa eu pensar? Não, eu não me lembro.

Meu pai, eu aprendi a tocar violão, olhando meu pai tocar. É informal isso, né? Quero ver... acho que de tanto ouvir, eu comecei a tocar também, eu sempre tirei muita música de ouvido, quando eu era pequena minha vó me deu aqueles tecladinho da Casio, sabe? E eu tocava ali, tirava tudo de ouvido, aí quando eu

²⁰ O nome foi alterado para preservar a identidade da pessoa citada.

terminei de tirar o teclado inteiro, assim, todas as músicas do teclado, de ouvido, daí eu ganhei um teclado novo. Demorou uns 5 anos.

E você começou a cantar sem técnica, você desenvolveu uma técnica sua, como foi?

Técnica minha, não. É...eu cantava do meu jeito, sem saber se tava certo, lógico, sem saber se tava certo ou se tava errado, né? Daí depois, mas até eu acertar a técnica vocal foi muito tempo, Auro. Porque daí assim, essa mulher que era louca, foi minha primeira professora de, nossa completamente louca, fora do ar, assim, daí teve a essa outra que veio, daqui de Curitiba que era a de (cidade)²¹ também, só que ela era ruim porque ela era... ela fumava, então ela não conseguia me mostrar como eu tinha que fazer, sabe? Então eu comecei mesmo com técnica no conservatório daqui.

E a relação da música com sua vida pessoal, amigos, pessoas próximas...

Bom, é muito difícil achar alguém que não goste de música, né? Mas o meu pai lá em casa, por exemplo, eu sempre cantei quando os amigos dele “tavam” lá em casa, ele fazia eu cantar, na festa de família, eles faziam eu cantar, ah, é um saco sabe, quando a pessoa fica... daí... festa de família eles faziam eu cantar, porque aí todo mundo gostava ... eu não sei se é mais ou menos isso que você quer saber. Agora os amigos, sim, a gente, quero ver, é... tinha uma amiga do colégio que ela gostava muito de *heavy metal*, só que ela ia nos shows e eu não ia, minha mãe nunca deixou, quero ver, eu ia em *show* quando era pequena, *show* em teatro, assim, do Oswaldo Montenegro, com sei lá com 7 anos, sabe, um troço louco, assim. Na vida pessoal, é difícil você contar sem a música, entendeu? Porque é basicamente tudo gira em torno da música. Não sei se isso conta, muito, mas, pra mim pelo menos, agora, eu estudo, eu é... ensino, eu ... tem isso, mas é que eu nunca me imaginei fazendo outra coisa que não música, sei lá, cantar, escrever música, trilha sonora, é... sabe? Tudo dentro de música, eu não sei. Eu não sei como que é isso.

E os seus amigos?

Eu levava o violão na sala de aula, eles gostavam de me ver cantar.

E a relação deles com música? Sua relação tinha a ver com música?

Tinha amigos que sim, tinha amigos que sim. Tinha um amigo meu que gostava muito do Eminen, nossa, ele pintava o cabelo igual, ele era muito igual ao Eminen porque ele tinha olho azul também. Daí não, a gente conversava as músicas que ele, que, que... cantava, cantar as músicas, assim, não, você ouviu aquela, você viu a nova, sabe essas coisas assim? Daí... a Ana, que era do *heavy metal*, uma vez a gente se pegou discutindo a letra de uma música, o que que ele quis dizer aqui, daí quando a gente se deu conta, a gente se xingou assim, nossa que idiota, lógico que tava claro, assim. Sempre teve assim muita, lógico, que você não fica conversando, ó, que você acha de tal artista, não é, não era isso, porque, até porque faz pouco tempo que eu saí do colegial, né? Mas sempre que dava, viu o novo clipe de não sei de quem, aquela música, como que é aquela música, como que é aquela parte... mas assim, não tipo... acho que mais que isso não.

²¹ O nome da cidade da entrevistada foi substituído por “cidade” para não possibilitar qualquer identificação.

E esses seus amigos, eles não tinham o mesmo gosto musical que você?

Ih! Era muito variado, muito variado.

Você tinha amigos com gosto muito diferente?

Esse meu amigo que gostava de, depois ele começou a gostar de *hardcore*, a Ana gostava de *heavy metal*, eu sempre gostei muito de MPB, depois, né, do *heavy metal*, eu gostava muito de MPB. Daí tinha... sertanejo.

Nossa...

E como vocês se relacionavam?

Nunca faltou respeito, eu achei. Eu acho que podia ter faltado mais, mas nunca faltou respeito. É, se você for ver, às vezes as pessoas brigam, mas num... lá não, a gente sempre discutia, e tal, e eu sempre gostei muito, conversava com um do *heavy metal*, conversava com outro do rap, sabe? Então, pra mim era tranquilo.

Como você acha que ouvir esses estilos pode ter influencia no comportamento dos jovens?

Sabe o que que eu acho? Que quando você escuta é... um determinado estilo de música e gosta, você vai atrás da pessoa que tá por trás dessa música. Então... Por exemplo esse meu amigo, ele era igualzinho ao Eminem, entendeu, então ele é... a música leva até o ídolo, e o ídolo te dá a referencia porque a música não tem como dar nenhuma referencia pra você, até porque nenhuma pessoa para pra prestar atenção na letra música, tem isso, então, às vezes gosta da música só por causa do ritmo, ou da melodia, sei lá. Mas, é... depois você vai conhecer o porque que o cara fez, o que ele tava pensando, tal, e você entende. Mas o que vira referencia pra você é a pessoa, não é a música, então você ... o, o ... cara., o artista, o dono da música vira tua referência, vira o teu, o teu modelo, entendeu? A minha amiga andava de bandana na cabeça, com bracelete, esse amigo andava de, igual o Eminem, tinha um que tinha um cabelão *black power* e tal, mas aí era basquete, mas mesmo assim, é uma referência de uma pessoa que faz aquilo, e não daquilo propriamente dito.

Quanto os estilos/artistas podem influenciar no aspecto visual, moda... e de que maneira ?

Nossa, Auro do céu. Eu acho que pode influenciar muito. Porque a música, se você for pensar, eu vejo a música como uma saída. Então, se você tá triste, você vai lá e escuta uma música, se você tá brabo você escuta uma outra música, se você tá alegre você, comigo sempre foi assim. O que que acontece: Quando uma pessoa escreve exatamente aquilo que você tá sentindo, você começa a se identificar aquilo que, com aquela pessoa, certo? Quando você começa a se identificar com alguém, eu acho que, gera, assim, acontece uma, a idolatria, propriamente dito. Então essa pessoa... É o que acontece por exemplo quando a gente canta, se você escuta muito uma pessoa você começa a pegar o jeito da pessoa cantar. Você também é cantor, você sabe disso, é... influencia até no jeito de pensar, sabe, no jeito de agir. Porque... é... as pessoas, elas são muito sugestionáveis, eu acho, ainda mais nessa faixa etária de adolescente, e tudo, que você quer mudar o mundo, que você é rebelde, que você não gosta de ninguém, que você, sabe? Entende o que eu quero dizer? Você fica muito suscetível, você fica mais sensível às mudanças, você acaba seguindo até coisas que hoje por exemplo, eu mesma falo nossa, como é que eu

escutei isso, como é que eu gostava disso, como é que eu andava assim? Mas é aquele momento, sabe? Por exemplo, o *heavy metal*, esse... é o *rock* enfim, rebeldia. Então, os cara cabeludo, os cara com bracelete, e você... pra você mostrar aquilo, essa rebeldia tua, você começa a andar como uma pessoa, que anda desse jeito, como, entendeu? E a pessoa... E o interessante é que o ídolo, nem sempre é assim. Às vezes é só uma fantasia que ele veste pra trazer essas influencias.

Como a música influenciou na sua maneira de viver. Ela promoveu/ promove algum tipo de mudança em você, em sua vida? Você ainda está suscetível a essas influencias por coisas relacionadas à música ?

Pela música, eu não digo, mas...

O que eu acho, assim, falando assim... música, é, melodia ritmo e... letra. Pegando... entendeu? Não é essa música que me muda, entendeu, não é essa música que me muda, o que muda a minha visão, o que já mudou, inclusive esse ano que passou, foi por exemplo ter descoberto o prazer de ensinar música pras crianças, que eu não tinha. O prazer de você ensinar, ou ainda, você ter uma, um acesso de... levar música pras crianças especiais, que é o que eu quero fazer. Entendeu? Cegos, os da APAE, que eram meus alunos... então, nesse ponto a música que me mudou, entendeu? Mas não foi a música melodia letra e ritmo, sabe como? Não é essa música, mas é... a música, é... a música, o lado mágico da música, entende? O que ta por trás de tudo isso. Porque a gente sabe, Auro, você fez licenciatura, você sabe que por exemplo, a música, você vai ensinar por exemplo uma pratica de orquestra. As pessoas ter respeito umas com as outras, elas precisam é... do silêncio, elas precisam da concentração, elas precisam ter limites, e tudo isso não é coisa só pra uma orquestra, são coisas que você precisa pro teu dia a dia, pro convívio social, pra tua vida em si, entendeu? Então a música, ela passa valores involuntariamente, entendeu? Nesse sentido, essa música, esse papel da música, a música que transforma, tudo... essa música que me mudou. Porque até então eu queria fazer fama, ser famosa, cantar no mundo inteiro, e é isso aí. Daí quando eu vi que eu podia fazer mais com a música, daí eu, entendeu... aí que caiu a ficha do negócio.

Fale sobre como vivenciar diferentes estilos musicais pode ser importante na formação de cada um. Lembre de fazer relação com gênero, idade e classe social.

Por exemplo agora você falou, e agora eu até pensei... uma pessoa que escuta mais, é... falando em povos, assim. Cada povo tem a sua música. Então é difícil a gente se acostumar, por exemplo com a música do Japão. Aí já é uma limitação.

Mas, e numa mesma sociedade?

Então, numa mesma sociedade, isso que eu ia complementar, numa mesma sociedade, é, existem por exemplo, vários tipos, agora... só voltando ali no Japão, os japoneses adoram a nossa música. Entendeu? Agora, outra coisa, assim, é.... tirando essas barreiras de, geográficas, culturais, tudo. Numa mesma sociedade, você escuta, é ... aquilo que eu falei pra você, de identidade, a pessoa que é mais, que tem, que é mais calma, eu não sei se isso acontece, mas eu penso assim...uma pessoa que é mais tranqüila, ou que ta vivendo um momento mais tranqüilo da vida, ela não vai, ela não vai sair por ai ouvindo, um, um... algo que diga o contrário pra ela. Então uma música que por mais que não seja, é... pesada, fale de coisas que não tem a ver com esse momento que ela ta vivendo. Acho que isso influencia muito, por isso que a gente escuta muita música em diferentes períodos da vida.

Adolescente, *heavy metal*, por quê? porque tem essa rebeldia, tudo... às vezes não tem nada a ver a letra, entendeu? Mas a pessoa se sente assim, a combinação das guitarras, o peso da música, assim... parece que pega a gente. *Blues* por exemplo, é o cara que tá, você fica tranquilo, você fica... sabe? Você não vai dar um *blues* pra um metaleiro ouvir, um piá de 13, 14 anos, porque ela não vai gostar, ele vai achar aquilo uma merda e porque não tem nada a ver com o período que ele ta vivendo, a maioria das vezes... você tinha falado mais alguma coisa... **(agora sobre sexo, idade, classe social...)** sexo, exatamente, e classe social. Classe social tem muito, tem muito claro o RAP. Muito claro o RAP, pra mim fica muito claro o RAP, **(como assim?)** o RAP do gueto, a música de protesto, os caras da favela, até o samba **(as classes sociais mais baixas?)** Não é mais baixa, mas eles se identificam mais. É... Eu não posso sair por aí cantando uma música que fala, do, é... quero ver, deixa eu pensar numa, numa coisa concreta. Eu não posso por exemplo, sair reclamando de todo mundo, querer mudar, e tudo, porque.. porque eu não, é... não é uma situação que eu, pela qual eu passo todo dia. Entendeu? Nós aqui, a gente não pode por exemplo, reclamar, de um banheiro, porque nós “tamo” num lugar que tem um banheiro, você entende o que eu quero dizer, falando assim? Então por exemplo, essas pessoas das classes mais baixas, é... o RAP fica muito claro, não como música de marginal, mas como música de protesto, mesmo. Então, é marginalizado no jeito de falar, no jeito de expressar, mas é... pra mim fica muito claro, muito característico, o que a pessoa vive, porque ela fala aquilo, ... ela canta daquele jeito porque ela vive aquilo. Então, ela fala palavrão, a gente escuta muito palavrão em música, em rap, essas coisas, até baixaria e tal, mas é porque, eu não sei se é pela classe ser mais baixa, mas isso acontece. Entende o que eu quero dizer. Samba, mesma coisa o samba. O samba antes era rejeitado, na, antes a música era o choro, o samba era rejeitado, porque, porque era considerado baixo, era considerado do morro, da favela, e tal... até que desceu. E o samba tem muito disso, o samba se você ver assim, é... o samba é malandro, é uma característica de quem faz o samba. Eu não conseguiria compor um samba porque eu não nasci na favela, eu não cresci na favela, eu não vi o que que é, entendeu? Mas eu, é... A gente se sente atraído, eu não sei explicar porque.

Sexo, “vâmo” pensar em sexo.

Até idade, idade a gente já falou bastante, do, do ... adolescente e tal, períodos da vida, né? Sexo, é... É difícil um menino escutar Britney Spears, por exemplo. Porque ele não se identifica... com a dança... a não ser que lógico, tem muitos fatores que podem fazer um menino se identificar. Mas por exemplo, a Britney Spears pra um menino, é...é... de 15 anos, ou ela é ... é... uma, uma... vadia, ou ela é uma gostosona, mas a música dela em si não influencia.

Então você acha que tem mais a ver o aspecto “além da música”?

Exatamente, acho que tem a identidade, pra mim é que mata, a charada pra mim é a identidade. Se você ta se sentido bem, você vai escutar uma música que, que,... mostre que você ta se sentido bem. Que você é... que você identifique como algo que te faz bem. Se você ta triste, se colocar um samba lá, você não vai se emocionar, se você ta triste e colocar uma música que fala daquilo que você ta sentindo naquele momento, que isso acontece muito, você vai se emocionar, você abre a boca pra chorar, você ta, entende? Acho, que.. é... vai muito da identificação, e tem é... menina com menina, é difícil menina ouvir *heavy metal*, em determinada faixa etária. **(aconteceu com você ?)** Exatamente, aconteceu comigo, mas

acontece, hoje em dia ta mais... porque o... até porque a gente vê assim, varias vertentes do *heavy metal*, né? *Hard rock*, é... toda aquela, *emo*, *emocore*, todas aquelas coisas. E são músicas assim, que tem o peso do *rock*, por exemplo, a galera gosta porque ta naquele momento. Ah, meu pai não gosta, entendeu? Meu pai gosta do Roberto Carlos. Eu não gosto do Roberto Carlos. Entendeu? Porque ele não me traz nada, não me adiciona nada, por enquanto, eu acho que pode mudar, entendeu? Acho que tudo é uma questão de identidade. E o que o ídolo, acho que o que o ídolo, pessoa, faz, influencia também. Porque falando do meu pai e do Roberto Carlos, meu pai pegou uma cisma do Roberto Carlos e ele não escuta mais, por causa daquele negocio da biografia dele, que ele proibiu o cara de lançar a biografia, o cara tava trabalhando na biografia fazia 15 anos... meu pai ficou puto com aquilo, ele nunca mais ouviu Roberto Carlos, caiu no conceito dele, então acho que também não da pra separar muito o ídolo da música, por isso que a pessoa se baseia, através da música ela chega no ídolo que vira o modelo. Eu "tô" falando merda?

Não, imagina. Mas você ta dizendo que, de repente, a música, em si não é o mais importante?

Quero ver, vou pensar, analisando o que eu falei...

Você comentou mais coisas relacionadas à imagem, atitude... aspectos visuais...

Imagem, atitude...

É que eu acho, que a música é um jeito de você falar. É... a música e só um jeito de você falar alguma coisa, pra mim. Eu acho muito estranho por exemplo, você cantar "Flor de lis", super alegre, sendo que é uma letra é super triste. Entende o que eu quero dizer? É uma forma de você se expressar, parece que não casa muito. Então, isso acontece, com... justamente por você... você vai cantar, se você ta falando de uma coisa triste... como, eu assim como musicista, se eu precisar falar de alguma coisa triste, eu não, eu não sei se combina, por exemplo, eu falar ... de uma maneira alegre, uma coisa triste. O que que acontece, a partir do momento que você, na minha cabeça, você pensa isso. A pessoa estava triste quando ela escreveu essa música, a música é triste, a letra é triste, tudo é triste, a pessoa estava triste, eu estou triste hoje, a pessoa estava triste como eu. Essa música diz exatamente o que eu quero dizer. Entende o que eu quero ... As pessoas, acho que a música é só uma forma de você falar aquilo. E... Mas eu não acho que a música, que você falou que a música não é o mais importante, porque a música é justamente o elo, entre a pessoa, o, o que escuta, o sentimento e o sentimento de quem ta escutando, a, a música é justamente o que junta tudo. Entendeu? O que que adianta por exemplo, eu ser amiga da, da Ana Carolina (cantora) , se eu escutando uma música dela, eu já sei o que ela quis falar. Entende? Você entende o que eu quero dizer? A música é como se fosse um elo, entre a pessoa, aquilo que ela quer dizer e pra quem ela quer dizer. Eu acho que é isso.

Entrevista nº. 02 - Nádia**Entrevistado – estudante universitária, 19 anos, sexo feminino.****Tempo de duração – aprox. 30 min.****Fale sobre a música em sua casa, em sua família, em sua vida.**

Eu acho assim, qualquer casa, música, né, alegre... minha mãe escuta música o dia inteiro, é...lavando roupa, escutando... tudo, assim. Meu irmão tocava violão... Tinha, tinha ...até teve uma banda, apareceu em programa de televisão, essas coisas, mas... não deu muito certo. Eu gosto também assim de música, tipo... tá tomando banho, escutando música, dormindo ,escutando música... é... não tem aquela coisa assim, ai, a gente se reúne e canta. Não. Mas... uma coisa...

E como é o seu gosto musical?

Então, tipo assim, eu gosto de músicas que tenham letras legais, sabe? Gosto muito de *reggae*, acho tipo... uma mensagem bacana... prefiro nacional, eu gosto de entender o que que eu to ouvindo.

Você acha que a letra tem importância? Você ouve música instrumental?

Tem, tem.

Música instrumental ... ? Não, depende, gosto bastante de percussão, também. Acho uma coisa forte, assim.

Você se lembra desde quando você gosta de música?

Precisamente não, acho que eu nunca não gostei.

Qual a primeira experiência de que você se lembra?

Tipo Xuxa pode ser?

O seu gosto musical foi influenciado pela família?

Não, nem um pouco. Única coisa assim, é coisas do meu irmão, coisas mais antigas, tipo Cazuza... assim

E o que seus pais ouvem? Não influenciaram?

Minha mãe gosta de sertanejo, e eu não escuto. Não puxei isso por ela. Não é uma coisa, não me influenciou em nada. Ah, Como já te falei, eu gosto da letra. Às vezes tem uma letra ou outra que é legal, mas eu... é uma coisa que não me chama a atenção, na verdade.

Seus pais têm formação musical?

Não, só de ...

(Nádia aponta para as orelhas, indicando uma prática “de ouvido”)

Canta...

Na verdade ela já foi cantora de radio, já

(e não é mais) Não, não.

E você?

Eu queria ter feito, violão, acho muito legal. mas nunca fiz... **(por quê?)** eu acho meio difícil, eu não sei... **(por quê?)** Ah, é muito dedo, eu fico meio perdida.

E na escola? Como foi seu aprendizado musical?

Não, acho que nunca teve incentivo assim. Como te falei, na minha época, não. Faziam pesquisas, que você gostaria de ter, teatro, música... mas nunca rolou mesmo.

Fale sobre seu aprendizado musical dentro e fora da escola.

Eu acho assim, na verdade... o aprendizado, às vezes assim, você não tem aquela coisa de “olha, ele tá tocando um dó...” né? Aquela coisa. Você gosta porque você acha legal, mas você não tem aquela, nem cultura, mas aquela erudição de saber o que o cara tá fazendo... e até mesmo na escola. O que você aprende lá é o que? Ah, que o Brasil é samba, e pronto... né?

Você chegou a aprender alguma coisa sobre música?

Não, sim... não propriamente dito voltado pra música, mas alguma coisa relacionado com a música, né? **(teoria nada?)** Teoria nada!

Sobre a relação da música com a sua vida pessoal, relação com amigos...

Relação com os amigos, você vai... às vezes... ah “vâmo” num show, você reúne a galera e vai. “Vâmo sai”, você normalmente, você busca as pessoas, não ser amigo das pessoas que tem teu gosto musical parecido. Mas né? Fica aquela coisa... gosto de *reggae*? A maioria dos meus amigos gostam... na minha vida, às vezes... tipo, é, tem... música falam tudo. Você sempre vai ser apegar a uma música, a um trecho de uma música, alguma coisa vai marca, sempre pra ruim quanto pra bom...

Vocês conversam sobre música? O que?

Conversamos, tipo... nossa! aquilo ali é muito ruim! Quem, como que pode ter feito isso? Né? Ou tipo... é legal... nossa, sabe? Nossa, uma coisa assim que a gente costuma falar... banda que só, não, claro... não só a gente conhecia, mas, nossa, tá divulgada, tá na mídia... né? Coisas assim, também.

Sobre o sentido da letra?

Não, sim... É... inclusive amigos que têm banda... nossa, olhe isso, olha o que ele tá fazendo, escuta esse solo, coisas assim, né?

Fale sobre shows, gostos dos amigos. Vocês vão juntos a alguns locais?

Tem... só daí na verdade são os lugares neutros assim. Por exemplo, meus amigos que gostam de *metal*, eu tipo, não vou no “ópera” por exemplo, com eles, entendeu? E também, tem amigos que gostam de pagode, consegue ir, não é uma coisa ai insuportável, eu não gosto de pagode. Vou, mas é claro que eu ia me sentir melhor num, né?

É possível haver uma convivência entre fãs de estilos diferentes?

Sim, você não precisa curtir, amar, escutar em casa. É coisa, tem coisa que você escuta, tem coisa... acho que tem coisas que você escuta e tem coisa que você ouve. Entendeu? Você escutou, ai escutei pagode... normal, mas... ouvir sentir, não vai ser a mesma coisa, se você não tá curtindo, propriamente dito.

A música tem diferentes funções, então?

Eu acredito que sim, na minha opinião. Igual aqui, tem uma música, ta escutando, mas não ta parando pra pensar, nossa... não ta ouvindo, saboreando, no caso.

Você acha que existem grupos que se diferenciam pelo estilo?

Tem, Ah... tipo... ah, aquele ali é *rockeiro*, aquele ali é *maloqueiro* porque curte RAP. Ui! É um *emo*! Entendeu? Tipo... acho que é... É muito, assim ... a maioria assim dos grupos que são divididos é, é pelo gosto musical.

Você tem exemplos próximos?

Eu acredito que sim. Tenho, tenho... Não que eles não se misturem...Metaleiro com pagodeiro, nossa, nunca. Eu acho que é muito preconceito, assim, acho que é muito preconceito, tipo.. .nao sei.

Por quê?

Aquela coisa assim, ai, eu curto metal, então pagode não presta. E outra, não querendo falar, mas tipo... metaleiro é aquela coisa mais pesada, pagodeiro é aquela coisa melosa...

E o comportamento?

As coisas que eles fazem, por exemplo... você nunca vê um metaleiro tipo ah, "vâmo" marca uma pelada no fim de semana, tipo... já pagodeiro tem aquela coisa de tipo ah, "vâmo" joga bola. Regueiro ah, tipo curte uma praia e tal. Raramente você vê um metaleiro na praia, tipo que vai todo de preto, um gótico, por exemplo. Claro que é um preconceito!

E na tua rua, faculdade, bairro...

Tem! (**como você identifica?**) Na verdade, isso vai mais pela aparência, tipo pode ser um pouco preconceituoso, mas vai mais pela aparência, mesmo. Você consegue distinguir um *emo*, né? Bem fácil, inclusive.

Como a música influenciou você?

Então, falando do *reggae*, propriamente, assim ... se você escuta as músicas, tipo você começa a ... não tipo fica ah, paz e amor... claro, mas você começa a pensar, tem muita, tipo, tem muita letra bacana, assim... te faz pensar sobre o mundo, a sociedade, política, sobre teu modo de ser também, às vezes teu modo de se vestir, né?

Ela tem esse papel?

Tem, tem, com certeza.

Essa influencia seria diferente se você fosse homem?

Por quê? Acho que não.

Na verdade... pode ser assim, no caso dos homens, dos meninos, levem mais a sério, isso... assim... como eu te falei, essa questão de não se misturar, acho que eles levam mais a sério isso. Ah, não me misturo. As meninas já não, eu acho... acho que pode ter uma coisa mais ah que legal, você curte... né? Mas... não acredito que assim possa ser tão diferente, acho que mais essas coisas assim.

E no gosto musical?

Ah... Acho que sim. A questão do histórico. Mulher, ah, música romântica, não gosto... homem é aquela coisa mais ... RAP, "num sei o quê"...

E além do visual, como se distingüe um integrante de um grupo desses?

A maneira de falar, sobre o que fala, o assunto, assim, entendeu... o jeito que a pessoa fala, os lugares que ela vai...

Você acha que é isso influenciado mais pelos estilos ou pelos artistas?

Daí vai de cada pessoa.

Tem aqueles que gostam de seguir ... aquela linha e tem os que querem ser o artista. Né? Mas o artista é ponto fundamental, né? **(por quê?)** Ah, porque ele ta representando a música, né? Ele que é o porta-voz, literalmente, né?

De que maneira artistas influenciam?

Até mesmo, até mesmo como eu tinha falado, de atitude, né? Às vezes você vê... *funk* por exemplo, né? Você pode ver um *funk* lá... você vê... querendo ou não... a menina que tá dançando lá, o cara que ta cantando tem aquele estilo, você não vê um cara cantando *funk* de chapéu de *cowboy*, alguma coisa assim, né?

O que pratica, musicalmente falando?

Eu escuto, né, gosto muito de ir em show, gosto de ... tipo tá aquela coisa ao vivo, acho bacana. Quando eu saio, eu procuro lugares que toquem música que eu goste. É isso.

Fale sobre como ouvir, vivenciar a música pode influenciar na formação de cada um.

Eu acho assim, por ex... o *pop* lá. Você preza aquele arquétipo *pop*, vou ser estrela, vou ser isso e vou ser aquilo. Não que ai, quem curte *pop* não ta aí pra nada, e tal... mas é diferente do que você escutar um RAP, por exemplo... que o cara ta falando da dificuldade da vida dele, coisas que ele já passou, até mesmo revoltado com o governo, você começa a parar pra pensar. Sertanejo, ficar falando de... festa de boiadeiro, de amor que ele não tem, que vai vender o coração, entendeu? É, tipo.... Metal, assim... eu propriamente assim não sei do que fala as letras, né? Mas aquela coisa assim, ah, uma coisa mais pesada, né? Já o *reggae* uma coisa mais calma, mas também não da pra você ficar calmo. É assim, é importante você escutar um pouco de cada coisa, claro, você não precisa, seguir, ficar... Ah, ser modinha, cada hora ser o que ta rolando, e o que é importante, mas ter o conhecimento, saber o que que cada coisa fala, até mesmo tipo, buscar o por que daquela letra, né?

Faça uma relação com a idade, sexo e classe social

Idade principalmente, idade... acho que é o que mais marca, assim. Por que... jovem já é aquela coisa, né, mais, mais descolado. Você não vê uma pessoa assim de mais de 40 anos, numa balada eletrônica, vê, claro... mas não é uma coisa normal, que você vê direto. Eu nunca vi um velho EMO. Um velho, né? Eu nunca vi. Mas acho que tipo que, principalmente, com mais idade, né, quanto mais velho, o gosto assim parece que fica mais, preso a um... preso, né? Gosta de Roberto Carlos. Acho que até porque na época deles isso não era ... antigo, né? Era coisa que tava rolando na época.

Sexo como te disse eu não sei, aquela coisa, pode variar de pessoa, mas geralmente menina já é aquela coisa mais agressiva... menino! **(corrigindo)** Menina já é aquela coisa mais ah, gosto de pop, gosto disso, gosto daquilo. Menino já é aquela coisa rap, hip hop... não generalizando, né?

Classe social, eu acho que tem aquela coisa assim... por exemplo, música clássica, né? Música clássica quem ouve, normalmente, é porque... tem uma... não é uma cultura diferente... mas né? Vive em outro mundo, "vâmo" dizer assim. **(é, por quê?)** Onde que você vai escutar uma música clássica ? **(No biarticulado!)** Boa! Também! Boa, isso é uma coisa assim... vai, ouvindo música clássica, no biarticulado, mas... mas tipo se você quer ir num concerto de música clássica, entendeu? Não que não tenha como você gostar e curtir, tem... claro, não generalizando, sendo preconceituosa, mas a pessoa que curte um RAP, dificilmente vai curtir uma música clássica, eu acho. Pode curtir, não por não gostar, mas acho que por não conhecer.

Entrevista nº. 03 - Rosa**Entrevistado – auxiliar administrativo, 19 anos, sexo feminino.****Tempo de duração – aprox. 30 min.****Fale sobre a música em sua casa, em sua família, em sua vida.**

Eu acho que... bom, música é fundamental pra todo mundo, né? Ouço música de manhã, na hora do almoço, na hora que eu volto, e em casa assim meio difícil, porque eu passo muito pouco tempo em casa, assim... mais à noite, mas é... assim, se eu pudesse ficar o dia inteiro ouvindo, eu fico o dia inteiro. **(O que você ouve?)** Eu gosto de *rock* **(de rock?)** Gosto, mais antigo, tipo Guns (N' Roses), Aerosmith, Nirvana, esse tipo de coisa.

Quando começou a desenvolver esse gosto?

Nossa, desde que eu tenho, eu ouvia acho que ... comecei a gostar de *rock* acho que eu tinha 7 anos, acho que foi em 96, 97... to tentando lembrar... é, foi em 96 ou 97, que eu tinha 7 anos, mais ou menos.

E você teve influencia da família? Como?

Teve. O meu pai gostava muito, né? A minha mãe e o meu pai gostam muito assim... desse estilo de música, de um *rock*. E daí a gente foi ouvindo, assim... nada nunca muito pesado, porque eu era criança, mas a gente ia ouvindo e tal ... daí a gente foi acostumando, aí eu gostei e continuei gostando.

Algum motivo pra esse gosto deles?

Eles? Não! **(E você?)** Pôxa... Eu não sei te explicar, mas os outros estilos não, não me agradam... é bem difícil.

Seus pais tem formação musical? E você?

Não, meu pai toca violão, assim... mas nada profissional. Pôxa, eu comecei a fazer aula de violão, fiquei uns 3 meses, e depois nunca mais. **(Por quê?)** Não sei... mas sempre tive muita vontade.

E você teve aulas de música quando ainda estava no colégio?

Não, nada .

O que você acha disso?

Eu acho chato, eu acho que devia ter... porque a gente tem tanta coisa, tipo ensino religioso, [a música] é uma coisa que poderia ser colocada no lugar, entendeu? Você ocupa sua mente melhor, você... sei lá... amplia, você tem mais conhecimento, até em outras línguas, né? Música em inglês, tradução pra buscar, saber o que que é...

O que você sabe sobre música?

Ah, agora você me pegou **(pensativa)**. Bom, em relação a inglês, né? Normalmente o *rock* que a gente gosta, é difícil ter assim algum brasileiro que eu goste bastante, né? Bem difícil... então é, normalmente eu ia atrás, né? Queria saber quem era cara, porque ele fez aquela música, quando ele fez aquela música, porque a tradução daquela música era daquele jeito, ia tentar buscar, você vai ver as outras músicas, pra ver se todas são no mesmo estilo ou não... é... nesse sentido, eu acho.

E como é a relação da música com a vida pessoal?

É... bom, é aquela coisa, dizem que cada momento na nossa vida tem uma música certa, né? Eu me sinto tranqüila, é uma coisa que me relaxa, assim, sabe, não é uma coisa que me deixa agitada e nossa... é uma coisa que me deixa tranqüila, sabe? É como se eu me desligasse um pouco de tudo que ta... sendo problema, sendo alegria, sendo o que for que “têja” acontecendo, e me volte praquele momento.

E sobre essa relação musical com seus amigos?

Difícilmente eu ouvi música com os amigos, muito difícil. Olha, eu não tenho muitos amigos, assim... os que eu tenho, nenhum gosta, nenhum tem o mesmo estilo de música que eu. Tem um ou dois primos, que gostam, assim, às vezes, a gente, muito difícil, mas se reúne, ouve, ou um toca outro canta, mas é bem difícil, normalmente assim...

E no trabalho?

Pôxa, dificilmente, por que eu tenho 19 anos, a minha, uma colega de trabalho minha tem 29, ela gosta de *funk* e de pagode, a minha chefe tem 30, ela gosta de MPB. E a outra, tem um estilo assim meio variado, entre sertanejo e música clássica (**risos**). Então normalmente quando a gente entra num assunto, não vai dar certo. Por que ah, eu odeio aquele cara que canta aquela música, que veste de preto, que pinta aquele olho, aquele cara louco, entendeu? Então sai esse tipo de comentário. A gente nunca chega numa razão... numa razão lógica. A não ser quando pra dizer que alguém acha o Axl (Rose) lindo, todo mundo gosta, né? A única coisa que a gente... (**ou achava, né?**) Olha, pra mim ele continua sendo bonito ainda (**risos**).

Você falou que não conversavam muito, mas você sabe o gosto musical de todo mundo, né?

É, por que... quando a gente tentou entrar assim... num... acordo, né? Por que... é... aquela coisa... duas têm caixinha de som e duas não. Né? Então, pôxa! Pelo amor de deus! Desliga essa música! Ah, mas que tipo de música você gosta, né? Eu gosto desse tipo de música, ah não, pelo amor de deus! Eu não gosto, então não dá, tem um contratempo!

E você acha que existem grupos que se diferenciam pelo gosto musical?

Eu não acho que isso seja assim, é... o ponto certo, entendeu? Não acredito que seja, mas em muitas vezes sim! Muitas, eu, muitas vezes me afastei de algumas pessoas pelo estilo musical... quer dizer, eu não conheço a pessoa, ou você ta dentro de um ônibus, ou você ta numa praça, e você quer conversar... pôxa, você chega e ... daí assim, eu não... “vâmo” supor, *funk*, é um estilo de música que eu não suporto, eu acho um nível baixo, eu não gosto da letra, tudo bem, é um gosto meu. Daí você chega e a pessoa tá com o celular ligado, né, que hoje tá na moda, né? Você não usa, não se usa mais o fone de ouvido. Você vai conversar com a pessoa com uma pessoa gritando do lado, né, você... ah, é todo um contexto... daí pra mim já... errado da minha parte julgar a pessoa por isso, mas...

Onde você mora, você acha que esses grupo existem?

Ah, sim, né? você vê hoje pelos conhecidos manos, né? Tem tribo em tudo quanto é lugar, né? Assim... de reggae, você vai no posto de gasolina, você vê ali no canto, tem 5, 6... “tão” todos ouvindo reggae, né? então eles já não se misturam com quem

ta ouvindo pagode ali no outro canto, aí um critica, outro põe mais alto pra ver se né... o cara desiste, tal Com certeza, em tudo quanto é lugar, né?

E existe convivência entre eles?

Olha... acho que sim, acho que sim, ahã. Acredito que sim.

E como é essa convivência?

Entre os vários gostos, você diz, né? É, acho que daí... é num ponto de você deixar a música de lado, né? Por que não da, porque daí você entra num contratempo com a pessoa, porque você fica querendo discutir, porque você sempre acha que teu gosto é melhor do que o outro, então sempre vai querer mostrar que o teu é melhor. Eu acho que deixando isso de lado, a pessoa consegue, mas quando ela é muito assim fixada, naquilo e não... é aquilo e ponto final, acho que não tem jeito.

Você achar que ouvir determinados estilos influencia no comportamento?

Muito, demais! Eu acho que... algumas pessoas elas, é... tipo assim, algumas são muito influenciadas outras não, né? então você vai naquilo que você... Às vezes você fica fixado naquilo né? Ou você fica ouvindo aquela música, aquela música, aquela música...você vira melancólico, né? Você chora, você chora por uma coisa que nem , que nem aconteceu com você! Se você ouve uma música que... eu principalmente que gosto de *rock*, algumas músicas do Aerosmith são melancólicas, a maioria né? Oh, ela me deixou, ela não me quer! Às vezes nem aconteceu com você e você ta lá, ouvindo e chorando! Porque ele vai me largar, porque ele não me ama! A mesma coisa o *funk*, né? Acho que a pessoa... eu, na minha opinião, eu não gosto, eu acho que vai tornando a pessoa vulgar, entendeu? Eu... sei lá... eu vou num lugar que ta tocando *funk*, assim tudo bem, eu me fecho, eu tento, eu finjo que não to ouvindo. Mas eu já imagino aquela coisa vulgar, eu não tenho uma boa visão, entendeu? Pelas letras, ou pelo que a gente vê, mulher de minissaia, rebolando, um monte de coisa... daí, eu acho por isso, entendeu? Eu acho que influencia muito, porque daí você vai deixando se levar até pelos maiores que você vê. Tipo... O cara lá, é drogado... tem muita gente que confunde, né? Então assim, pôxa, o cara é drogado... mas não, o cara não era drogado, ele era *rockeiro*, então todo mundo ah, então eu vou ser *rockeiro*, eu vou ser drogado. Entendeu, você puxa... tem muita gente que vai por esse lado. Ó... as meninas que gostam de *funk*, vê mulher por aí que né... pelada, eu vou ter que ficar pelada , porque eu gosto, entendeu? Acho que... influencia muito... tem que ter bastante... cabeça!

A música influenciou na *sua* maneira de viver, também?

Teve aquela chamada época, né, que você... que você tá decidindo pra que lado você vai, né? Tive algumas épocas da minha vida que eu só andava de preto, só queria preto, preto, preto... achava que aquilo era... que aquilo ia me bastar. Mas não... foi bem pouca coisa... foi uma crise de identidade... passageira.

E algum outro tipo de mudança? Você acha que seria diferente se ouvisse outro estilo?

É... é, por isso que... eu sou muito fechada, assim, sabe... pra esse tipo de coisa... então eu acho que... eu acredito que sim. Acho que o palavreado da pessoa muda, eu acho que o comportamento da pessoa muda, o jeito que ela anda o jeito que ela senta o jeito que ela fala... Às vezes não, às vezes não... eu posso, eu devo estar enganada em muitos casos, entendeu? Mas eu acredito que sim, acho que a

pessoa, ela não tem como disfarçar, entendeu? O que ela gosta, o que ela é... não tem como... certo?

O artista influencia?

Muito. Porque a gente se espelha naquilo que a gente não... na verdade nos maiores, né? Então você, a gente tem... a gente tenta refletir aquilo que a gente aprende, então pôxa... é essa que tá a distorção, entendeu? Às vezes a pessoa vê lá, e o artista passa isso porque ele é assim e invés das pessoas seguir o lado bom, que é... pôxa... é a música... é legal, “vâmo” segui o talento do cara, não... ela pega sempre o lado que vai... entendeu? Que às vezes desvia um pouco, né? Ela tenta imitá, você vê por aí, né? Hoje os *emos*, né? só que eles andam tudo iguais, né? Por que? Porque eles vêm lá, um tipo de grupo, “vâmo” supor o *Good Charlotte*... que nem é tão assim, mas... aquela franja de lado, aquela roupa preta, aquela gravata... todo mundo anda! A roupa preta, com a gravata e o cabelo de lado... é engraçado, então, porque a pessoa tem, ela não tem ali a, a... postura entendeu, de ela gostar, mas ela... tipo igual eu... tive época que eu andava só de preto, né? depois que aquilo foi uma crise, hoje eu visto amarelo... coisa que ninguém me vê e ri, mas meio que eu gosto de *rock*, ... mas é assim...

Gênero, nesse sentido, faz diferença?

Não, eu generalizo... acho que algumas coisas, assim, algumas... são poucas as coisas assim, entendeu? Mas eu , eu acho que da pra generalizar... Eu tenho visto tanta mulher que parece homem, tanto... tanto homem que tem atitude de mulher... que eu já não... eu tenho ficado meio confusa! Mas assim... Por que... eu generalizo assim... porque eu vejo... meninos que gostam... assim, pode ser até pagode, que seja ou que seja *funk*, usando calças extremamente grudadas, camisetas grudadas, eu acho isso o fim, né? né, acho que homem é homem, não precisa ficar, usar... Bom, eu... sou meio quadrada pra certas coisas. Mas é... menina, essas meninas que usam *shorts* lá embaixo, elas usam umas calças gigante, né, umas camisetas enormes, e colocam uns moletom por cima e em cima do moletom elas põem uma jaqueta, que daí elas põem outra, e daí elas põem uma faixa e um boné e uma ...touca, entendeu? Eu acredito que sim, ... pôxa, é é verdade, eu pego o ônibus todo dia de manhã e é todo dia a mesma coisa! **(você mora onde?)** Eu moro no (Bairro)²². Então eu venho... principalmente no terminal, né? Você vê, eles... até o comportamento, porque você vê normalmente tem quatro meninos e uma menina, ela normalmente tá vestida daquele jeito. E é tudo influenciado, eles todos gostam de RAP, eles todos curtem o mesmo cara, entendeu? Eles... é aquela coisa.

Como ouvir ou vivenciar diferentes estilos pode fazer diferença na formação e no comportamento de cada um?

É... deixa eu ver. Olha, eu vou ser bem sincera pra você. Eu nunca procurei assim, algum, ouvir outros estilos pra me apegar, entendeu? Eu já... assim, eu tenho um primo que ele é muito regueiro, já... assim... você convive com a pessoa, você ouve, mas são coisas que não, não adianta, não me agrada. Mas tentar mesmo gostar de outro estilo eu nunca tentei, mas eu acho importante sim, às vezes você não precisa se fixar só naquilo. Acho que da pra ter um a mente mais ampliada, entendeu? E... Lógico que você não precisa gostar de uma banda inteira por que você gosta de

²² O nome do bairro da entrevistada foi substituído por “bairro”, para não possibilitar qualquer identificação.

uma música. Ou um cara lá, que fez uma música que cante MPB, a letra é bonita, pôxa a letra é legal, assim como... é... eu acho, eu gosto de cidade negra, uma coisa totalmente diferente, acho legais as músicas, acho legais as letras, acho importante sim, eu acho muito importante. Eu esqueci a segunda pergunta...

(no comportamento...)

No comportamento? Olha, eu acho que como pessoa, é complicado, porque daí você vê muito aquela coisa da pessoa se deixar levar. Ela tem que ter, ela tem que ter aquele, o chamado caráter, né? A pessoa quando ela tem um caráter, ela pode... gostar do que for, que ela gosta, mas ela mantém aquele comportamento dela, porque ela tem a mente formada. Agora a pessoa que ela é muito influenciável, ou que, às vezes até é questão de, ela precisa agradar os outros, ela precisa se sentir bem, ou às vezes nem se sente, ela precisa de alguma coisa, ela sim, ela acaba se deixando levar, entendeu? É aquele... é aquela coisa do comportamento, ela não sabe interpretar muito bem aquilo, então ela precisa demonstrar no comportamento dela, que ela é daquele jeito, entendeu, que ela gosta daquele estilo e ponto final. Eu acredito assim...

Sobre isso, você vê diferenças entre sexo, idade, classe social?

Olha, a classe social, hoje em dia eu acho que não... não é mais já como era há muito tempo atrás, se você for, prestar atenção, não tem... assim... eu acredito que não, entendeu? A gente vê quantos milionários, quanto rico, quanto pobre, é ... gostando de *funk*, gostando de *rock*, gostando de pagode, eu acho que quanto a isso não, não vejo muito... hoje já não, antigamente tinha aquela coisa da música clássica, né? não, meu filho é rico, ele vai tocar violino, ele vai tocar piano, ele vai fazer isso... eu acho que hoje já não, hoje ta bem mais aberto, assim... pra, pro filho, no caso, pra pessoa escolher já não tem mais aquela regra de antigamente . Em relação a ... **(sexo, idade?)** Isso! Sim! Eu acredito que sim. Não muito mas acredito que sim, porque, pôxa... é a questão, é o que eu te falei, é a questão, acho que o *funk* frisa muito isso, sabe? Você vê... até esses dias atrás tava vendo uma reportagem, aí, e o menino tinha 9 anos e ouvia coisas assim absurdas, são coisas que um adulto não devia ouvir, uma música que não devia, que devia ser proibida de ser feita, pra ser bem sincera. São palavreados chulos, são coisas nojentas, entendeu? E eu acho que aquilo vai formando na mente da pessoa, se você se fixa, por que... principalmente nessa idade, entre 10, 12, 11, 12, você ... você quer entrar num grupinho, entendeu? E você precisa dum grupinho. Tem muita gente que precisa se fixar num lugar, então você vai, e você vai na onda, e você fica ouvindo aquilo e aquilo e aquilo e aquilo e você acaba indo naquilo. Eu acredito sim, que isso influencia muito.

Como é a música no seu cotidiano?

Como eu te disse no começo. Eu ouço música a hora que eu venho, às vezes na hora do almoço e a hora que eu vou. Eu nunca compus nenhuma música, também acho que eu não “dô” muito certo pra essas coisas. Cantar é uma coisa que é pior ainda, mas eu canto, daquele jeito.

(você vai em shows?)

Sempre que posso. Dificilmente tem algum grupo que eu goste que venha, bom... alguns nem existem mais, já morreram, né? Infelizmente... mas quando tem, vamos supor, aqui no largo, sempre tem, vem o cover do Aerosmith a gente vai, dá pra ir,

entendeu? Coisas assim. Show, show, mesmo assim de alguém conhecido eu nunca fui. Mas eu sempre procuro estar indo. Ou, até os lugares que eu vou, os barzinhos que eu vou, eu sempre procuro ver a banda que vai “tar” tocando, pra que toque um estilo mais parecido, nada muito fora do comum, pra não me estressar também, porque chegar lá, e...pôxa! Cantar eu sou “desafinadamente” ruim, muito ruim, mas eu canto assim, bastante, às vezes resmungo... eu canto bastante tocar eu não toco nada, meu violão ta parado até hoje, ta lá, nunca mais peguei. E isso...Mas ouvir é direto, às vezes eu preciso, tanto porque, às vezes é muito, eu não gosto assim quando é muito barulho, entendeu, eu quero ir embora, é muita gente falando... aquela música maravilhosa do ônibus tocando, né, e então eu não... sabe?

(Você não gosta da música do ônibus?)

Odeio, odeio, odeio! Mas fazer o que, foi o Beto Richa (prefeito) que escolheu... “fazê” o quê?

Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Eu acho que, eu acho assim eu acredito que a gente deve tentar ouvir outros estilos, né? não se fixar numa coisa só. Tanto porque aquilo, se você não souber separar isso, você fica fixado, né? Eu tive épocas assim que eu ficava vendo o DVD... eu chegava a sonhar, né? Desligava o DVD e ia sonhar, porque meu deus! Nossa! eu me fixei muito. E isso não é bom. Você tem que gostar, mas você tem que ter áreas da sua vida separada, entendeu? Um momento pra tudo, não viver naquilo, porque tudo em excesso faz mal.

Entrevista nº. 04 – Flávio Henrique

Entrevistado – estudante, 19 anos, sexo masculino.

Tempo de duração – aprox. 30 min.

Fale sobre a música em sua casa, em sua família, em sua vida.

Bem, é... na verdade eu escuto música desde pequeno, né? Toda minha família é família de músicos, tem envolvimento com música, com relação a coral, é... alguns tem banda, outros tem...tocam nas igrejas, outros tem estúdios, mesmo... então essa formação veio desde berço pra mim. Pra mim é ótimo, assim. Eu tenho até uma curiosidade, assim, que, a minha mãe, quando eu era, quando eu era bebê, assim, “vâmo” dize assim, é... quando eu ainda tava dentro do ventre da minha mãe, ela pegava o fone de ouvido e colocava assim na barriga , e colocava pra eu escutar, “vâmo” “dizê” assim. Então essa formação veio desde a minha, desde o meu berço, mesmo, desde antes de eu nascer, eu já tinha formação musical, assim. Minha mãe canta, meu pai, se envolve mais ou menos com a música, com relação a coral, o meu irmão toca bateria um pouco, aprendeu um pouco de bateria, aprende um pouco de violão. Eu que na verdade to querendo seguir mesmo a carreira musical. Então, pra mim, é tipo bem fácil mesmo, tenho professores, bacha...bacharéis em música na minha família, e isso pra mim desenvolveu bastante, desde quando era pequeno, pra mim é ótimo, sabe?

E sobre a parte de ouvir, tocar...

Ó, tocar, questão do treino, eu treino todo dia, assim, praticamente, violão, baixo, guitarra, bateria, são os instrumentos que eu mais gosto, teclado também, por causa da formação melódica, que é uma exigência, que também serve pro vestibular, serve pra... pra matéria dentro da faculdade. Como eu ainda não faço na faculdade, to querendo buscar entrar dentro da faculdade, então eu to estudando mesmo, to treinando. Com relação a música, a ouvir música, eu gosto muito de *rock*. *Heavy metal* e variantes. Acho que o único estilo de *rock*, que eu não curto mesmo, de *heavy metal* é o *trash metal*, que é ... pra mim é muito escroto, assim. Nossa, os cara são... escroto mesmo! Mas assim, o resto tudo eu curto, assim, tipo, *heavy metal*, *classic metal*, *new metal*, *rock*, *pop rock*, *hard rock*, tudo... eu ouço, assim. Escuto também outros estilos de música, só não curto 3 estilos de música, em particular, que é o estilo de música tipicamente nordestino, da Bahia, chamado Arrocha, cara... é muito grotesco, você ouve só pra se matar de rir, mesmo, porque é horrível. É...o *funk* eu não curto ouvir, ouço mais só por causa, eu ouvia, né? Mais por causa de ver as meninas dançando, essas coisas. Nada burro, né? É...Agora não posso mais, to namorando, né? Então, beleza. E o RAP eu não curto muito, mas ainda ouço por causa que eu danço um pouco de, do *hip hop*, então, do *break dance*, então eu ouço de vez em quando assim, mas por mim eu não ouço muito. Mas ouço de vez em quando.

Você se lembra de gostar de música desde quando?

Olha, desde quando eu tinha 2 anos de idade eu já tocava junto com a minha mãe. Sabe aqueles “meia lua”? Então, é... minha mãe tinha uma banda, eu tocava meia lua assim, na banda, junto com ela. É... os outros na bateria, baixo, guitarra. Então eu tocava desde os 2 anos, de idade, 1 ano de idade. Tocava junto com eles.

Comecei a tocar bateria desde os 3. Então, e aí foi formando, fui seguindo. Aos 10, violão, aos 14, baixo, e assim foi indo.

E esse gosto musical, esse gosto pelo *rock*, quando ele começou a aparecer?

Olha... pelo *rock*, mesmo, é... sempre fui roqueiro, acho que desde pequeno, porque meu pai curte muito *rock*. Mas assim forte mesmo, veio aparecer há uns 3 anos atrás, quando eu voltei a tocar bateria, aí meu professor me passou um... um endereço de *e-mail*, de *e-mail* não, de...um *site*, que tem bateristas, né? E lá eu comecei a ver os vídeos do Mike Portnoy, do Dream Theater, e aí nesse período eu voltei a curtir *rock* mesmo, aí que eu fixei no *rock*. Porque antes eu ouvia assim... mais um POP, um sambinha, uma coisa assim. Mas quando eu voltei a tocar bateria, há 3 anos atrás, com 16, aí que eu comecei a fixar no *rock*, mesmo, que é isso que eu curto, assim, ver o toque da guitarra, a batera, assim... foi aí que eu fixei mesmo no *rock*.

Houve influência da família no seu repertório? De que maneira eles influenciaram seu gosto? Eles influenciaram?

Também, também. Porque meu pai sempre desde jovem, ele fava que curtia nirvana, ainda tinha CDs, alguma coisa assim. Só que a gente foi muito questão de eclético, né? Ouve música clássica, todo tipo de música, assim. Meu pai não curte muito samba, essas coisas, tipo samba, axé, forró, essas coisas assim ele não curte muito. Eu até curto por causa dos meus amigos, ouço com eles. Mas o *rock* mesmo, *heavy metal*, esses estilos musicais que apareceu bem forte mesmo quando eu era pequeno porque meu pai curtia.

E sua mãe?

A minha mãe curte mais aqueles estilos... *hip hop*, ou *black music*, né? Que é o *soul* e o *hip hop*. Por que... questão de Beyoncé, Apocalipse 16 , é... o Chris Brown, esses estilos que assim, que a minha mãe acha legal. Mas... a minha mãe na verdade curte mais de música clássica e questão de coral. Porque ela cantou, cantava no coral desde os 11 até os 30 anos, ela cantou direto.

Eles têm uma formação musical, então?

Tem. Assim, tipo... mais pela família da minha mãe, meu pai nem tanto. Por causa que meu pai era, tipo, ate tentou aprender, mas não tinha paciência de aprender bateria, eu acho, violão, nada. Mas gosta. E minha mãe é musicista desde os onze anos. Canta em coral, canta solo, já cantou em casamento, tive experiência de cantar com ela, assim, achei uma experiência bem legal. E desde os 11 anos que ela cantava, então isso vem pra mim desde berço mesmo. Toda família por parte da minha mãe que é músico. Meu tio é baterista, outro tio é... canta em coral, meus avós cantavam em corais, quartetos, essas coisas. Então pra mim veio a formação desde o berço, desde bebê mesmo já vem essa formação.

E como foi essa formação, você tinha aulas com eles?

Não, nunca tive aula, assim. Comecei a ter aula agora depois de jovem, sabe? Tipo, dos 16 anos pra cima, comecei a ter aula, de baixo, bateria, violão. Mas nunca tive aula. É... mas assim, sempre me apoiavam, eu tinha uma bateria em casa, tinha teclado, violão da minha mãe... violão Yamaha, nossa! Então sempre tava escutando e tocando junto. No caso a bateria, desde os 3, né? Teclado assim, fazia só, tirava só... zueira, assim, mas algo meio sério, "vâmo" dize assim...fazer o... (era

autodidata isso?) Mais ou menos isso. Tipo... Eu nunca tive aula. Comecei a ter aula mesmo pra poder aprender técnicas e formação mesmo, dos 16 pra cima. Antes eu sempre aprendi sozinho, vendo os outros tocando, a minha mãe, é... pelo menos me ensinou as notas básicas do violão, o resto eu fui buscando, fui aprendendo sozinho, é... só teoria musical assim que foi mais complicado, mesmo, que eu tive que pegar agora pra poder aprender mesmo. Mas tinha uma base assim de tablatura e cifras, partitura nem tanto, mas ... até na escola mesmo eu tinha partitura, na 1ª à 4ª série tinha música, eu estudava numa escola adventista, então pra mim a música veio assim, sucessivamente na minha vida, foi crescendo, e ta aí até hoje...

E como eram essas aulas de música na escola? É difícil as escolas terem aulas de música...

É. As escolas geralmente não tinham, como a minha escola era particular, e era adventista, e a igreja adventista, a formação adventista é totalmente musical, tem muita com relação a música, coral, é... toda semana, tinha 2 aulas de música, com relação a canto coral, mais é isso, né? E pouca coisa sobre partitura, bem o básico da partitura, clave de sol e duração das notas, não a leitura da partitura em si, mas a duração das notas, semínima, mínima, semibreve, isso que fui aprendendo, mesmo, da 1ª à 4ª série, e questão de canto, mas era assim, o básico, só isso, nada de mais, mesmo.

Sua formação musical foi mais intensa dentro ou fora de sala de aula?

Foi mais fora de aula, fora da sala mesmo. Por que... aí eu pegava a bateria, minha mãe tocava junto comigo, a gente cantava junto. Colocava a música pra escutar e eu ficava lá tentando tirar a música. Um pouco no teclado também, pegava assim, mais pra brincar, mas pegava de vez em quando. Então, é... foi mais fora da sala de aula mesmo, dentro da minha casa, com os meus parentes, que eu fui aprendendo. Às vezes, eu... como eu... eu morava em São Paulo, vim morar pra cá, é... tinha parentes aqui já, aí eles tinham banda, a minha mãe ia lá de vez em quando, eu via... aí, eles deixavam tocar bateria lá com eles, eles tocavam o ritmo, às vezes eu pegava assim, um pouquinho teclado, brincava ali, o violão, ficava brincando um pouquinho. Então, foi dentro da minha família mesmo que eu tive essa formação musical, agora que eu to tendo aula mesmo pra poder encaminhar mais, pra poder é... tá mais focado em relação a faculdade, com relação a seguir profissão, carreira ... musical.

E a relação com seus amigos, em relação à música?

A questão de ouvir ou de tocar, assim?

(Todas)

Bem, com relação... tenho vários amigos que tem gostos musicais diferentes. Os que tocam comigo, gostam de *rock* como eu. Né? então, já é mais fácil pra mim. Agora, tem amigos que curtem mais *funk*, o meu irmão curte *hip*... é... o RAP... Então, assim, respeito, ouço, eles também respeitam o que eu gosto, porque tem uns que não gostam de *rock*, *heavy metal*...mas gostam, é... respeitam, a gente conversa, isso não influencia na relação da minha amizade, sabe? Tanto é que o meu melhor amigo, gosta de um samba lascado, e eu curto muito *rock*, muito *heavy metal*, e assim, ele me passa um monte de música de samba e eu passo um monte de música pra ele, de *rock* e *heavy metal*! E aí, fica essa situação engraçada assim,

mas cada um respeita o gosto do outro, sempre levando a amizade acima de qualquer coisa, respeitando... eu acho que a música em si, faz essa formação do cidadão, tipo... respeito, questão de não formar tribos, né? Por que tem diferença entre curtir tribos e curtir música, que a música em si, é formação do caráter, de respeito, de identidade, e... tribos é mais questão de essas coisas de pancadaria... os cara ah, eu curto isso, você não curte e (soca a mão) mete pau! Eu acho isso daí uma tolice, cara! Se as pessoas se respeitassem mais, como a questão da música, os próprios músicos têm respeito entre si, músicos de estilos diferentes, então... eu acho que, eu levo isso pra minha vida, questão de respeito, questão de gosto, então... é crescimento também, formação do caráter do ser humano, e é isso que eu levo como música em relação aos meus amigos e assim, em geral na minha vida.

Isso tem alguma relação com a igreja, religião?

Também, também. Também tem alguma coisa com relação a igreja sim, porque na igreja, né? Questão de música de louvor a Deus... mas não é muito com relação a isso, que eu aprendi. Né? Porque eu aprendi com a música da igreja a louvar a deus, então, acima de todas as coisas, mas o gosto pessoal mesmo, é questão de respeito, isso eu já aprendi na minha família, e na minha... e na escola, também, questão de respeito, como por exemplo, cada um tem seu gosto, mas não levar aquilo acima de todas as coisas. Como a questão também do futebol, né? Que o pessoal, ah, meu time, meu time... (soca a mão), leva pancadaria! Pôxa, eu acho isso daí tão falta de respeito, falta de caráter em si, é... pessoas que vivem na, na época das pedras, “vâmo” dizê assim, prá poder fazer isso. Porque, não tem respeito, não tem... isso que, que pega mais, né? Então... Eu aprendi isso mais na minha escola mesmo, na minha casa do que na igreja, na igreja eu aprendi mais a questão música, louvar a Deus.

Você e seus amigos conversam sobre música? Como são essas conversas?

Uhum. Ah, tipo a gente não discute muito, a gente fala sobre a música, a letra da música, sobre, por exemplo, estilo musical, poucas coisas assim, relacionadas. Converso mais com meus amigos que tocam junto comigo, aí que... por causa da banda, que eu quero montar, que eu to tentando montar minha banda junto com eles, tal... Tiro um som de vez em quando, só quando da mas, firme mesmo a gente não tem a banda mesmo, assim. Mas converso, é... sobre questão de letra, tem meus amigos que pedem pra eu ensinar algumas coisas de música, por exemplo, violão, bateria, aí eu pego e ensino o que eu sei, sem problema algum. E aí vai indo, vai... é assim, tipo... um ajudando o outro, um falando ah, eu gosto dessa música, eu incentivo, ah, continua, tal... é isso aí.

Você acha que a música influenciou em sua maneira de ser? Você seria diferente se não tivesse a música tão presente em sua vida?

Eu acho que sim. A música ... é... a música ta presente na minha vida 24 horas por dia, praticamente, então, só não ouço música quando to dormindo ou quando to com um amigo assim conversando. Mas, enquanto eu puder ta ouvindo música, eu ouço música, é... eu não sei o que seria de mim sem a música, “vâmo” dizer assim. A música influenciou muito no meu, meu jeito de, é.. .no meu estilo musical, meu... a música influenciou até no meu modo, meio de vestir, né? Tipo, o *rock*, né? Meio assim, largadão. Porque assim, eu também andava de *roller*, então, eu andava de patinação *in line*, fazia manobras, e tal, quando era um pouco mais jovem, até os 16 anos, eu andava de *roller* direto. Agora que eu parei, porque... tive que comprar

roller novo, e sem dinheiro, não deu. Mas pretendo voltar a andar de *roller*. Meio estilo largadão, o *roller*, o pessoal do *roller*, do *skate* curte mais a questão do *rock*, o *pop rock*, estilo do Charlie Brown Jr, essas coisas. Então foi algo que influenciou mesmo, assim... talvez até pelo esporte que eu pratiquei, mas influenciou bastante mesmo.

Essa questão de estilo pode ser influenciado pelo artista?

Às vezes sim. Às vezes...e tem casos contrários também. Tipo do artista ser influenciado pelo público, que... por exemplo, o baixista do ... acho que é ou do Green Day ou do Simple Plan. Ele era um cara normal, tipo... pessoal *emo*, né?, “vâmo” diz assim, estilo *emo*, que se vestia daquele jeito, ele curtiu e aí começou a se vestir igual a eles. E caso contrário, por exemplo, pessoal do NXzero, aí...que tem o estilo deles, né?, aí tem gente que vem querendo imitar a questão do estilo... por exemplo, eu já, isso eu já não concordo, assim... eu tenho meu próprio estilo, eu curto meu estilo de vestir, não só pela música assim,eu... até porque eu me visto pela música também, mas não deixando de mostrar quem eu sou mesmo, entendeu... querendo ser, imitar alguém. Eu tenho meu próprio estilo, curto por causa da música, uso meu estilo por causa da música, mas não querendo imitar alguém famoso, ou ... eu acho que isso daí é tipo, pessoa que não tem, como é que eu posso dizer... não tem formação própria, não tem, é... identidade, pessoa não tem opinião própria de se vestir, de andar, falar, essas coisas.

Dependendo do estilo de música que você escuta, isso vai influenciar na maneira de se vestir?

Às vezes sim...

Você acha que você consegue identificar visualmente isso? Dependendo de como a pessoa esta vestida, você pode descobrir o estilo de música que ela gosta?

Algumas sim, outras nem tanto, né? Por exemplo, tem pessoas que são mais discretas, que não se vestem pelo estilo de música que ouvem, mas tem outras que se vestem mais pelo estilo de música, por exemplo... tem muita gente que curte um *hip hop* se veste meio largadão, camiseta assim, boné, aí o tênis *freeday*, *free fog*, sei lá, alguma coisa assim... Outros por exemplo, que assim, mais ou menos que nem eu, assim, tipo... uma calça mais largada, uma camiseta mais comprida, curte um pouco mais de *rock*, outros que andam mais de, tipo ... tênis, com uma meia bem pequena, com shortinho, camisetinha grudadinha, curte mais samba. Alguma coisa assim eu tenho noção, mas é... é pouca coisa, assim... porque tem muita gente que é mais discreta em relação a se vestir do que... com, em relação a música, do que a outras, né?Tem algumas que mostram mesmo aquilo que gosta, e outras não, outras são mais discretas, e tem outras que são ecléticas, então veste de tudo. Mas é bem legal... você ter falado disso, porque é uma verdade, nunca tinha percebido, mas ... rola, né?

Onde você mora, você consegue identificar alguns grupos, com diferentes estilos musicais?

Onde eu moro, porque, por ser região metropolitana e uma cidade um tanto pequena, não dá pra perceber muito isso. Como eu vivo mais aqui em Curitiba, do

que propriamente em (cidade)²³, então aqui da pra perceber bastante em relação a isso de divisão de grupos, por causa da música, já vi pessoas, é... quebrando pau, tipo fechando mesmo, (soca a mão) batendo, por causa de música. Eu não, particularmente não gosto disso, acho isso daí tremenda falta de caráter, pessoas que não tem o que fazer. Mas assim... tem que respeitar mesmo, cada um tem sua opinião, cada um tem o seu gosto musical. Mas aqui em Curitiba da pra ver mais isso do que propriamente em campo largo, né? Questão do preconceito em relação a música, só porque um curte música um tanto mais *hardcore*, tipo um *punk*, e o outro escuta mais um *hip hop*, e daí os caras começam a se bater por causa disso. Acho assim, totalmente questão infantil da parte da pessoa... é... acho isso daí falta de respeito... e por isso que a sociedade é o que é, por causa disso, né? Pessoas que não tem respeito uma pelas outras, não respeitam a música, não respeitam o time, então... acaba gerando esses conflitos desnecessariamente e aumentando a violência urbana, nesses casos, assim, sabe?

Como é a sua relação com os amigos que tem gostos musicais diferentes?

É... não é difícil, porque... a gente respeita... ele ouve o que eu ouço, às vezes, mesmo não gostando, eu ouço também o que ele gosta, mesmo eu não gostando muito.

E ouvir determinados estilos pode influenciar no comportamento?

Não, mas aí é aquilo que eu te falei, pessoas que não tem opinião própria, pessoas que não tem caráter, então, acaba... confundindo muito essa questão de música com estilo musical, questão de música com, com “dizê” assim, com a violência. Pessoas que não tem o que fazer, pegam qualquer pretexto pra poder entrar numa briga, entendeu? Então pode ser tanto uma questão de música, quanto questão de time, qualquer questão mesmo. Ah, um é *skinhead* outro é negro, os cara se fecham no pau... eu acho que isso daí é... pessoas que não tem caráter, mesmo, assim, que não tem uma identidade própria, que seguem um grupo qualquer, “vâmo” dizer assim. A música em si, é... não é questão de formação de caráter, questão de formação de caráter em relação a respeito. A música impõe muita disciplina e respeito. Quem estuda música sabe disso. Agora... tem pessoas que pegam qualquer coisinha, pretexto pra poder usar disso pra poder brigar, espancar as outras, pessoas frustradas, revoltadas, talvez...

Você falou que se não tivesse a música em sua vida, você seria diferente. Mas se você não fosse fã de rock, você também seria diferente?

Eu acho que sim. Porque assim, o *rock* ta na minha veia desde pequeno, mais forte depois dos 16 ...

Mas a pergunta é a seguinte, como você ouvir diferentes estilos pode influenciar na maneira de ser, no comportamento?

Assim, não influencia a questão totalmente do comportamento. É... por causa que, quando eu aprendi música, eu aprendi a questão... disso que te falei, de disciplina e respeito, mas talvez no estilo de se vestir, no estilo de falar... é ...claro, questão de ouvir música, diferente.

²³ O nome da cidade do entrevistado foi substituído por “cidade”, para não possibilitar qualquer identificação.

(Talvez você quisesse aprender um outro instrumento...)

É, outro instrumento, querendo aprender outro instrumento diferente do que eu gosto, atualmente...poderia ser essas mudanças mais básicas, assim.

Ou seja, você não deixaria de ser você mesmo?

Não ia deixar de ser eu, mas, assim... ia mudar a questão de vestir, e querer aprender instrumentos, né? Muda bastante...

Talvez umas gírias novas, penteados diferentes?

É, gíria nova, penteado diferente, é... isso daí...

É, mudaria com certeza, sem dúvida! (risos)

Fale sobre como vivenciar diferentes estilos musicais pode ser importante na formação de cada um. Lembre de fazer relação com gênero, idade e classe social.

Com relação a classe social, acho que isso é independente. Porque eu já vi muita pessoa que é muito bem de vida, que curte *funk*, e pessoa que...e o *funk* veio literalmente, da, “vâmo” diz assim, da periferia. E pessoas da periferia que curtem música clássica, eu já vi isso daí. Então, pra mim, independe mesmo da questão classe social.

Questão mulher e homem, bem... é... depende do estilo de música, eu vejo casos de homens, que por exemplo, é... que são mais tímidos ou que são mais violentos, mas isso é por causa que pessoas que não tem formação própria. Então, isso, depende muito da pessoa mesmo.

Questão do homem, “vâmo” dizer assim... é... não muda muito. Eu vejo isso que não muda muito a questão de... de ser. Isso depende do homem em si.

Questão da mulher, talvez mude alguma coisa, assim. Questão de deixar a mulher um pouco mais vulgar ou não. “Vâmo” dizer assim, a mulher que curte *funk* tem um estilo de vestir que atrai o visual de qualquer homem, o olhar de qualquer homem, atrai mesmo, não tem como dizer que não atrai. Uma mulher que curte mais *rock*, mais *heavy metal*, não vai atrair tanto o olhar de um homem quanto por exemplo, aqueles que... depende, né? Por exemplo, se for uma mulher muito, bonita, assim...

[passa uma garota vestindo uma camiseta de banda de rock, e o entrevistado fica um tanto sem graça] É, atrai, mas a questão dela se vestir! **(risos)** Entendeu?

A questão como ela se veste, talvez não atraia tanto todos os homens, atraia mais um certo grupo de homens. E é isso que assim, da mulher mesmo é bastante diferença. O homem é mais assim, ah, veste de qualquer jeito, não atrai, não muda muito. Mas na questão de se vestir é... mais a mulher mesmo que muda. Por exemplo. A mulher que curte mais POP, que são as... “vâmo dizê” assim, tem mulher patricinha, que curte POP, que tem aquele jeito de se vestir, que mostra mesmo que ela curte POP, e é meio patricinha. Tem outras assim que, que curtem samba assim, usam aquele shortinho mais curtinho... muda bastante, as mulheres do *funk*, usam aqueles *top*, tal...

Antes de você falar da idade, uma outra pergunta. Uma mulher e um homem que escutem o mesmo estilo musical. Tem muita diferença no comportamento deles?

Questão de pessoa, tanto o homem quanto a mulher, ou os dois, ambos os sexos, ouvindo o mesmo estilo musical, não vejo muita diferença de comportamento, assim. É, claro, cada um vai seguir seu comportamento, dependendo da pessoa, mas tem

peessoas que são influenciadas mesmo pela música, mesmo, e seguem comportamentos de pessoas que ouvem só esse estilo. Tem certa igualdade, “vâmo dizê” assim. Não tem muita diferença, mas é questão do que eu falei, mesmo, é questão da pessoa em si.

A idade, bem, isso depende muito a questão do gosto, mesmo, musical... já vi pessoas que são um pouco mais de idade, que curtem *rock*, normal. Pessoas que são mais jovens, curtindo música clássica, curtindo músicas mais antigas. Tem jovens de hoje que curtem músicas dos anos 60, dos anos 70, outros dos anos 80. Tem pessoas mais velhas, assim, que curtem músicas atuais, que curtem, por exemplo, um *rock* mais atual, ou o samba mesmo, a questão do *hip hop*... então, é... independe mesmo, é questão de formação, de gosto musical de cada pessoa.

Você acha que as pessoas podem ser mais ou menos influenciadas, de acordo com a idade?

Depende da pessoa. Dependendo da idade, acho que é menos influenciável.

(Como assim?)

Por exemplo, uma pessoa que já ta numa idade mais avançada, por exemplo, 70 anos pra cima (risos). Não “vâmo” por muito, 50 anos pra cima... é... não é muito influenciada com relação a música, porque já teve experiências próprias, experiências de trabalho. Agora, pessoas que, “vâmo” supôr, de 25 anos pra cima. São pessoas que trabalham, colocando pessoas que trabalham e pessoas maduras. Porque tem pessoas nessa idade que realmente é meio complicado falar, assim. Mas, pessoas que trabalham, casadas, tem filhos... eles não vão seguir uma influencia musical, e ter uma influencia em relação a música, por causa da própria maturidade que ela tem, dos próprios conflitos pessoais que ela tem, então isso depende muito da questão da pessoa. O jovem e a criança tem mais essa probabilidade de ser influenciado, assim, porque não se preocupa muito com trabalho, não conhece a vida como ela é... então aí que, quer curtir mais a vida, então aí que ela é mais influenciada mesmo.

Pra terminar, como você tem praticado a música hoje?

A música no meu cotidiano... bem, eu ouço quase toda hora, todo o tempo, assim. Só não ouço em momentos assim que eu estou conversando, porque aí seria falta de respeito... com certeza, né? É... mesmo... por exemplo, conversando pelo *msn*, *orkut*, essas coisas, você ta ouvindo música, eu to ouvindo música, normal. Tiro um tempo pra poder estudar a música... tento compor, não sei compor muito, por isso que eu quero fazer a faculdade de, com relação a produção sonora, porque ensina a questão da composição também, então... isso pra mim seria ótimo, com relação também a minha banda. É, tem o momento de treino, tem ... tem que ter disciplina, pra poder passar no vestibular, técnicas, tudo isso eu treino. Música eu ouço o tempo todo. Ouço mais o *rock* e variantes, variações do *rock* e do *metal*. Pra mim, que é o estilo que eu curto mesmo. Não que eu não ouça outros estilos, até ouço, acho... legal assim, ouço por causa da questão de treino, estudo, acho legal também, por exemplo, bossa nova, eu acho legal, curto, ouço... música clássica, eu gosto! Por incrível que pareça, *rock*... totalmente contramão, mas que um surgiu na formação do outro, né? então... eu curto bastante música clássica, *rock* e variações, é... menos o *trash metal* que eu acho escroto, mas ainda ouço algumas músicas de *trash metal*. Mas assim, é... tudo que eu puder aprender com a música, e qualquer estilo de música, eu tento aprender, é... não só questão de respeito e caráter,

formação, opinião própria, porque a música também forma isso... isso também influencia. E isso que eu tento aprender com a música no meu cotidiano. Tento compor... não... tem até uma música que eu compus pra minha namorada, assim... ela gostou demais, mas é algo particular, só eu e ela...